Diário de Lisboa

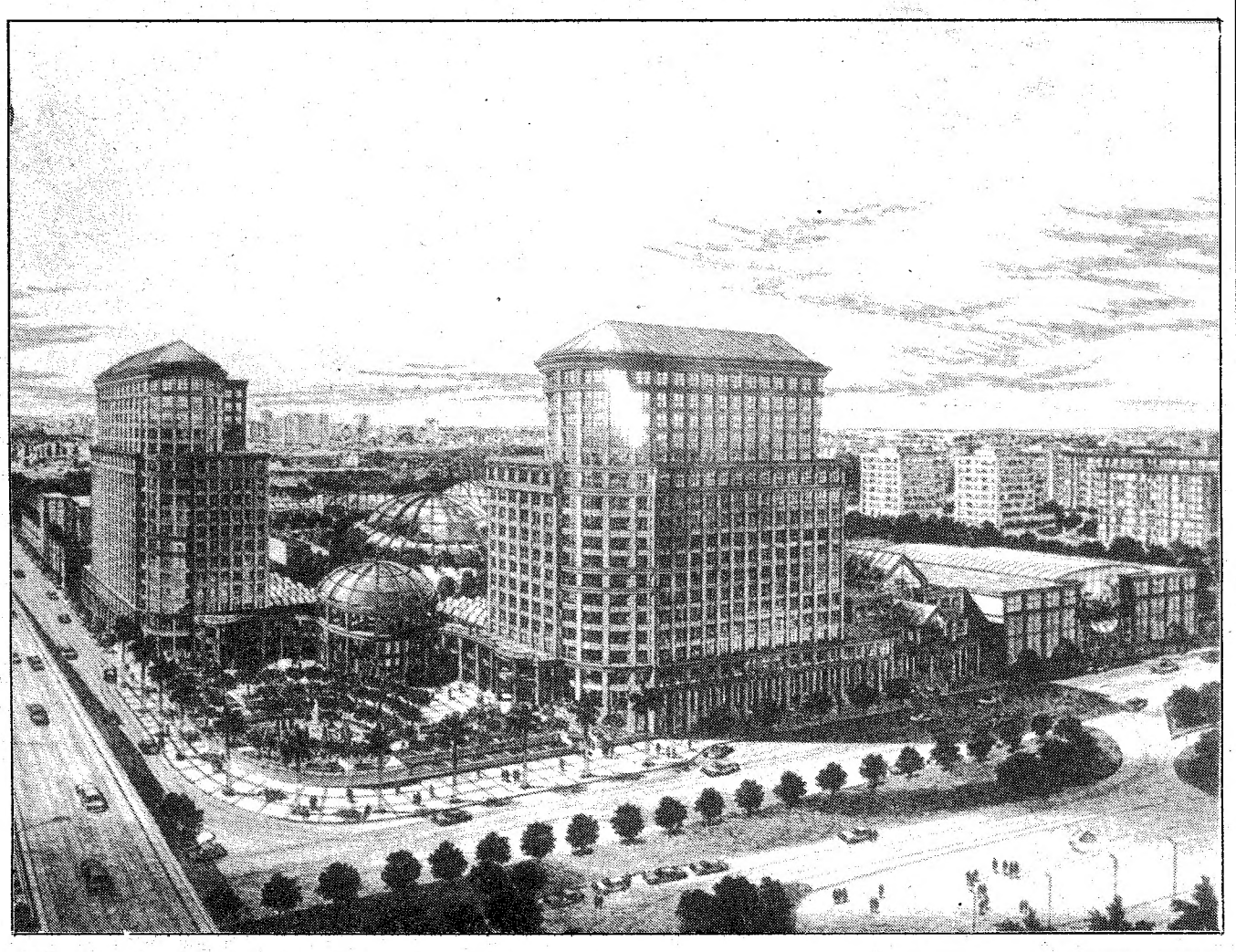
FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23290 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA 26 JULHO 90 70$00

Sampaio e Marcelo «chumbaram» o projecto do Centro Colombo

O empreendimento de Belmiro de Azevedo (Sopasa) não obteve a necessária maioria de votos da vereação e terá de ser redimensionado

O projecto «Colombo», de Belmiro de Azevedo, foi «chumbado» pelo executivo da Câmara Municipal de Lisboa e dividiu a minoria da vereação. A proposta de revogação do despacho de Abecasis, que autorizara o aumento de volumetrias daquele complexo, a implantar junto ao Colégio Militar, foi apresentada por Jorge Sampaio e aprovada com os votos do PS, PCP e PPM, e, ainda, de Marcelo Rebelo de Sousa e Amaral de Almeida, do PSD, e de Carlos Pardal, do CDS. Os restantes vereadores destes dois últimos partidos votaram contra. A CML está disponível para renegociar as condições a que deve obedecer o «Colombo», dentro dos limites impostos pelo Plano Geral de Urbanização de Lisboa e do Regulamento Geral das Construções Urbanas. A Câmara decidiu também transferir o "papagaio" da Avenida da Liberdade.

Pág. 13



Irene Lisboa enfim reeditada

Falecida em 1958, com a maior parte dos seus livros esgotados, Irene Lisboa é uma das grandes escritoras portuguesas esquecidas. Mas tudo vai mudar. Graças a Paula Morão, estudiosa da obra da autora de «Solidão», Irene Lisboa vai começar a ser reeditada ainda este ano pela Editorial Presença. Para tal foi preciso que a Figueirinhas abdicasse dos direitos que possuía e de que não fazia uso. Paralelamente, a Biblioteca Nacional vai comprar o espólio de Irene Lisboa, que inclui muita correspondência e alguns inéditos.

Pág. 19

DL/Juvenil: evocação e homenagem

Hoje, no Suplemento Literário, homenagem ao «Juvenil» e a Mário Castrim, desde sempre envolvido nesse sonho que fez época, revelando muitas vozes que são hoje firmes realidades. Textos de Diana Andringa, José Jorge Letria, Gorjão Duarte, Leonel Xavier, Bárbara Palla e Carmo, Hélia Correia, Luís Almeida Martins, Cáceres Monteiro, Filipe Leandro Martins e Maria Adelaide Carvalho.

Cabo Verde: a transição para o pluripartidarismo

Numa maratona que se prolonga até sábado, o Partido Africano da Independência de Cabo Verde (PAICV) prepara novo programa político, abrindo assim caminho à opção multipartidária tomada em Fevereiro. Uma democracia de tipo ocidental é o objectivo pretendido pelo Presidente Aristides Pereira. A propósito dessas mudanças, inserimos nesta edição uma entrevista com o ministro cabo-verdiano da Eudcação e Cultura, David Hopfer Almada.

«O jornalista cabo-verdiano vai deixar de ter o estatuto de funcionário público»

— declarou ao «DL» o ministro da Informação e Cultura

Págs. 11, 16 e 17

Desarmamento avança na Europa

Enquanto os EUA iniciam a retirada de armas químicas a Grã-Bretanha vai reduzir os seus efectivos militares na RFA

Pág. 9

DL PORTE PAGO

Portugal obtém 160 milhões da CEE *Pág. 5*

Cavaco e Jardim fizeram as pazes *Pág. 6*

Projecto Erasmus: a 2.ª fase vai arrancar *Págs. 2 e 3*

Iraque/Kuwait: afastada ameaça de guerra *Pág. 11*

Trabalhar de mais prejudica a saúde *Pág. 13*

Segunda fase do programa arranca este mês

Erasmus: uma aposta de maioridade europeia

GRANDE ANGULAR

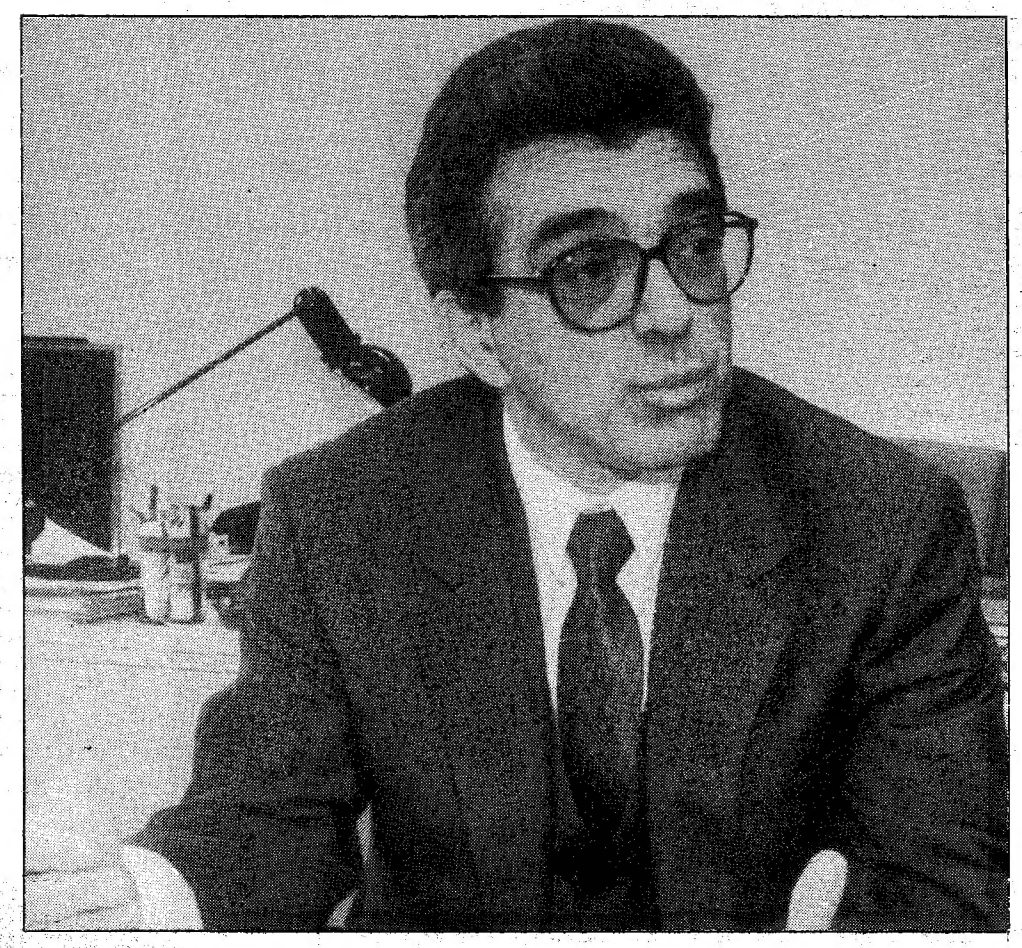
Em alguns dos «Doze» tem prestígio, é globalmente conhecido, por norma referido nas diversas imprensas nacionais. Movimenta anualmente milhares de estudantes e docentes do sector universitário, troca de experiências, milhões de Ecus. A Portugal, e a corroborar a regra da integração, tem cabido uma fraca participação no projecto, natural reflexo do nível e da situação do ensino superior no país e das opções governativas tomadas na área da educação. Trata-se do Programa Erasmus, o «programa de acção comunitária para a mobilidade de estudantes e professores», uma das mais sérias apostas de revitalização das forças económicas, políticas, culturais e intelectuais no processo de construção da Europa dos Cidadãos.

Adoptado que foi o nome de um dos mais ilustres pensadores do Renascimento e da Reforma _ Desidério Erasmo, o monge solitário de Anderlecht, por muitos considerado o intérprete, por excelência, de todo o movimento intelectual e cultural do século XV _ a Europa comunitária desenvolve, desde 1987 e após cerca de dez anos de discussão interna, um alargado programa de intercâmbio universitário que, pela própria natureza dos princípios que lhe presidem, visa contribuir para o estabelecimento, a partir de 1992, da Europa dos Cidadãos, na base da troca e da intersecção dos diferentes planos académicos e culturais dos «Doze» e na procura da homogeneização entre eles.

Genericamente, e dando conta da grandeza das expectativas que envolve, o Programa Erasmus tem uma potencial audiência estimada em cerca de 7 milhões de estudantes e várias centenas de milhares de professores das três mil e quinhentas universidades dos doze estados membros da Comunidade Europeia.

Na base, o Erasmus opera com um conjunto de quatro tipos de auxílios financeiros, destinados, respectivamente, ao desenvolvimento de programas de mobilidade de estudantes, de mobilidade de professores, de desenvolvimento comum _ entre universidades de diferentes Estados-membros _ de novos programas de ensino e a programas de cursos intensivos.

Três anos passados sobre a data da sua adopção (em Junho de 1987) pelo Conselho das Comunidades Europeias e quando o Programa se prepara para arrancar, em termos de dotações orçamentais comunitárias, com a sua segunda fase, importa proceder ao balanço daquilo que tem sido a participação portuguesa no projecto, num momento em que novas e importantes questões se levantam no domínio da «integração plena» de Portugal numa «Europa do futuro».



O enorme peso relativo do pacote agrícola nas dotações da comunidade pode vir a ser o responsável, segundo o prof.º Rogério Rocha, pela criação de uma «situação de ruptura» nos programas Erasmus

Uma rede universitária europeia

Apesar da existência de outras vertentes de operacionalidade, o Programa Erasmus visa, fundamentalmente, a criação e consolidação de uma extensa rede universitária europeia que possibilite o intercâmbio e a mobilidade de estudantes e professores entre as diversas universidades da Comunidade. Nesta medida _ e quando é objectivo do Conselho das Comunidades que até 1992 cerca de 10% do total de estudantes da Comunidade frequentem um curso universitário organizado por universidades em mais de um Estado-membro _ uma grande percentagem dos auxílios financeiros Erasmus destina-se ao desenvolvimento de programas entre diferentes universidades que, nas mesmas áreas específicas, incluam o intercâmbio recíproco de alunos e docentes por um período de estudos não superior a um ano.

São estes programas _ genericamente designados por Programas Interuniversitários de Cooperação (PIC) _ que constituem a Rede Universitária Europeia.

Na base do desenvolvimento de um PIC entre várias universidades destaca-se, no âmbito do Erasmus, o reconhecimento recíproco do período de estudos realizado no estrangeiro para efeitos de obtenção do diploma académico ou do grau de qualificação. Isto implica, numa primeira instância, a necessidade de ajustamento dos currícula dos cursos entre diferentes universidades, ou mesmo _ objectivo último _ o desenvolvimento de novos currículos, padronizados _ nas mesmas áreas específicas _ a uma escala europeia.

É sempre no âmbito da participação em um PIC que universidades, alunos e professores podem usufruir dos auxílios comunitários Erasmus, programas que, por vocação, não contemplam os domínios das investigações e da formação contínua e onde o termo «universidade» engloba «todos os tipos de estabelecimentos de ensino superior, seja qual for a designação que lhes é dada nos Estados-membros, desde que se trate de estabelecimentos públicos ou de estabelecimentos reconhecidos ou financiados pelos poderes públicos».

Um orçamento «coxo»

Jacques Delors, por ocasião de uma conferência realizada há algum tempo e intitulada «Estudantes, universidades, empresas: a Europa de amanhã» declarou-se «altamente impressionado» com o interesse suscitado pelo Programa Erasmus nas universidades e entre os estudantes.

Com efeito, os números disponíveis relativos à procura de apoios no âmbito Erasmus dão bem conta das expectativas que um programa deste tipo levantou, sobretudo além-fronteiras.

Em 1987/88, primeiro ano do Erasmus, os pedidos globais de auxílios financeiros foram da ordem dos 34 milhões de Ecus _ concedidos apenas 10 milhões. No ano seguinte (1988/89), as procuras de apoio ascenderam a 103 milhões de Ecus, apesar da dotação orçamental do Programa não ter passado dos 30 milhões de Ecus.

A incomensurabilidade manifesta entre o nível da procura de auxílios financeiros e as verbas disponibilizadas pela Comunidade traduz claramente as dificuldades crescentes com que se vem debatendo o programa comunitário de mobilidade de estudantes: diminuição da percentagem de candidaturas a PIC aceites; redução, «por cabeça», do montante das bolsas atribuídas.

Relativamente ao ano lectivo passado, 1988/89 _ ainda não existem dados definitivos respeitantes ao ano escolar prestes a terminar _ registaram-se 2041 candidaturas a um financiamento PIC (apenas 898 em 87/88). No entanto, as verbas necessárias para satisfazer a totalidade dos pedidos representavam mais de seis vezes o montante dos auxílios comunitários disponibilizados. O Erasmus só teve resposta para 1091 dos pedidos realizados, e destes 87% consagravam programas de mobilidade de estudantes. É curioso referir que esta percentagem representa o dobro das taxas de aceitação de programas de mobilidade de professores e o quádruplo das dos programas de ensino e dos programas intensivos.

Dez estudantes portugueses em cada cem

As dificuldades orçamentais do Erasmus estão bem patenteadas quando analisado o quadro da participação portuguesa no Programa, uma participação que não ultrapassa os dez por cento da totalidade dos PIC desenvolvidos. Em 1987/88, todos os estudantes portugueses que se candidataram a uma bolsa Erasmus no âmbito de um PIC foram contemplados com auxílios financeiros. Em 1988/89 registou-se a média de uma bolsa concedida por cada dois pedidos, e em relação ao presente ano lectivo, apesar de ainda não existirem dados definitivos, estima-se que aquela média baixe de uma bolsa concedida por cada três pedidas (entregues 609 candidaturas, mas previsto que apenas 301 estudantes venham a ser contemplados).

«Apesar de crescente, ainda temos uma participação relativamente fraca na globalidade das acções desenvolvidas no Erasmus», sublinhou ao «DL» o delegado do Ministério da Educação junto do Comité de Educação das Comunidades e coordenador nacional das acções comunitárias em matéria educativa, prof. Rogério Rocha.

Segundo o responsável máximo pelo Erasmus em Portugal, esta situação «reflecte a dimensão do ensino superior no nosso país, sobretudo quando comparada com os níveis de certos países da comunidade».

Se é bem verdade que a repartição dos PIC aponta para um maior equilíbrio

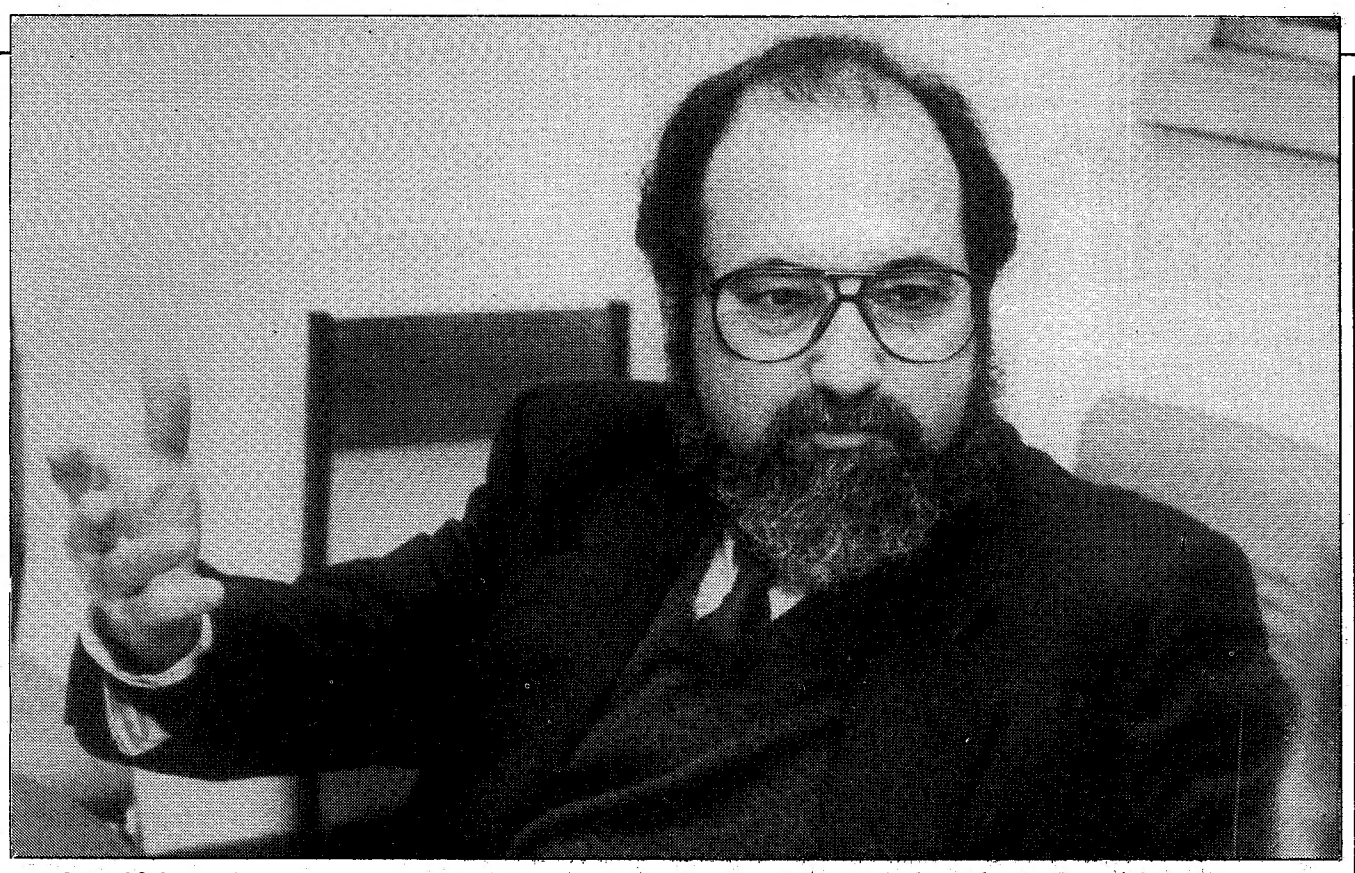
Programas de cooperação interuniversitária (PIC) 1988/89; situação por Estado-membro

Estado membro	Instituição (1) coordenadora				N.º total de (2) implicações				
	Total das candidaturas N.º	%	PICs aceites N.º	%	Taxa de êxito %	Total das candidaturas N.º	%	PIC aceites N.º	%
Bélgica	173	8,5	89	8,2	51	347	17,0	191	17,5
Alemanha	296	14,5	144	13,2	49	830	40,7	449	41,1
Dinamarca	44	2,2	25	2,3	57	120	5,9	73	6,7
Espanha	180	8,8	103	9,4	57	532	26,1	314	28,8
França	444	21,8	225	20,6	51	1044	51,1	578	53,0
Grécia	51	2,5	20	1,8	39	137	6,7	74	6,8
Irlanda	211	10,3	124	11,4	59	489	24,0	291	26,7
Luxemb.	2	0,1	0	0	-	8	0,4	4	0,4
P. Baixos	169	8,3	96	8,8	57	418	20,5	260	23,8
Portugal	50	2,5	29	2,7	58	160	7,8	101	9,0
G. Bret.	367	18,0	210	19,2	57	1030	50,5	571	52,3
Total	2041	100	1091	100					

(1) Cada PIC possui a sua própria instituição coordenadora que, em muitos casos, é a sua principal força motriz.

(2) Explicação dos números: no caso de Portugal, por exemplo, indicam que as universidades portuguesas estão implicadas em 101 (9%) dos 1091 PICs aceites. Cada país é contado uma só vez por cada PIC aceite — e no qual está implicado — mesmo se várias universidades desse país estão envolvidas no mesmo programa.

Fonte: Boletim Erasmus



O prof.º Jorge Gaspar, coordenador de um PIC entre as universidades de Barcelona, Copenhaga e Lisboa, é também um dos principais responsáveis pela recente eleição do curso de Geografia da FLL como um — e único português — dos cem melhores cursos leccionados no mundo

entre os diferentes Estados-membros, não deixa de ser importante salientar que _ e naturalmente _ a França, a Inglaterra e a Alemanha são os países que apresentam uma sobrerrepresentação no Erasmus _ implicados, respectivamente, em 53%, 52% e 41% dos PIC desenvolvidos em 1988/89. As línguas (17%), a engenharia (17%) e a gestão de empresas (13%) são as áreas de estudo mais representadas no conjunto dos Programas Interuniversitários de Cooperação.

A supremacia destas disciplinas é ainda mais gritante quando considerado o volume do fluxo de estudantes. De acordo com os responsáveis do Erasmus, e tendo em linha de conta que, nestas áreas, uma experiência interinstitucional está em vias de se tornar uma opção normal para os estudantes implicados, «o programa está a ser um êxito e tende a cumprir os objectivos que lhe foram traçados».

Portugal à margem

Até à data, e segundo o responsável nacional pelas acções comunitárias em matéria de educação, «o número de alunos estrangeiros que recebemos nas nossas universidades tem sido muito semelhante ao dos portugueses que saíram».

No ano lectivo de 1988/89 beneficiaram de bolsas Erasmus _ num montante global de 300 mil ecus _ cerca de 170 estudantes portugueses. No entanto, e a nível comunitário, foram 13 mil os universitários que passaram entre 3 meses e um ano noutro Estado-membro da Comunidade.

Relativamente aos pedidos orçamentais de Portugal a Bruxelas para desenvolvimento de acções Erasmus, e isto já para 1989/90, foram requisitados 1 milhão e oitocentos mil Ecus, dos quais 630 mil para atribuir a estudantes.

«Não podemos ter a pretensão de ter uma participação no Erasmus semelhante à de outros Estados-membros», sustentou ao «DL» Rogério Rocha. «Na verdade, e apesar de, para 1990/91, se estimar que Portugal aumente a sua participação em 55,2% ao nível de candidaturas a PIC, continuamos a debater-nos com problemas de difícil solução. Perdemos a mobilidade dos estudantes no interior do nosso próprio país, no sector docente estamos longe de possuir uma tradição de relações internacionais, salvo, evidentemente, casos pontuais em que nos é reconhecida indiscutível competência.»

Este ano lectivo, os estabelecimentos de ensino nacionais _ todas as universidades, propriamente ditas, portuguesas estiveram envolvidas em PIC _ foram responsáveis pela coordenação de 72 programas Erasmus. No entanto, e isto ao nível da docência, o Ministério da Educação ainda não dispõe de números que traduzam o envolvimento de professores do ensino superior em programas de mobilidade.

Relativamente às bolsas destinadas à mobilidade de estudantes, o grosso da fatia dos Programas Erasmus _ de notar que, no ano escolar de 1988/89, das 2041 candidaturas para financiamentos PIC, 1579 (77%) implicavam um programa para mobilidade de estudantes _ Portugal viu-se recentemente «ultrapassado» em virtude do peso dos critérios com que passaram a ser atribuídas.

Inicialmente, quatro parâmetros decidiam a atribuição das bolsas e dos seus respectivos montantes: o número de jovens no país com idades compreendidas entre os 18 e os 25, o respectivo número de estudantes universitários, as diferenças existentes entre os níveis de vida nos países de origem e de destino e a «situação periférica dos Estados-membros relativamente a um ponto central da Comunidade».

Se os dois últimos parâmetros podiam claramente beneficiar a atribuição de bolsas a estudantes nacionais, a situação complicou-se quando, justamente estes, deixaram de vigorar.

«Portugal, ao nível do Comité da Educação, bateu-se contra esta resolução, o que, aliás, também fizeram países como a Grécia e a Irlanda», afirmou o prof. Rogério Rocha, que considera ter o nosso país «ficado bastante desfavorecido» com a aprovação desta nova directiva do Programa Erasmus. «Para além do problema da língua _ é natural que um aluno estrangeiro que não fale português não opte por vir realizar um período de estudos no nosso país _ Portugal ainda se debate, num programa com a natureza do Erasmus, com o problema da própria tradição académica nacional, relativamente restrita.»

É que, como referiu Rogério Rocha, a mobilidade dos estudantes portugueses ainda não conseguiu ultrapassar a quase secular história académica dos docentes responsáveis pelos seus alunos.

Não é, pois, de admirar que a França e o Reino Unido continuem a ser os países comunitários com que Portugal mais «funciona» no Erasmus, numa situação que não deixa de limitar horizontes aos jovens Cidadãos Europeus. No entanto, e apesar da nossa «ainda» fraca participação, os responsáveis pela educação e uma importante faixa do sector docente universitário nacional continua a apostar no êxito e nos benefícios que um Porgrama do tipo do Erasmus pode trazer para a integração de Portugal na Europa dos «Doze».

Este mês, o Erasmus prepara-se para arrancar com a sua segunda fase, correspondente aos próximos três anos lectivos.

A responder aos 350 MECUS pedidos pelo Parlamento Europeu, ao Programa Erasmus apenas coube uma fatia de 192 MECUS para esta sua nova etapa, verba que pode comprometer muitas das acções a que se propunha.

«É o eterno problema do peso do pacote agrícola comunitário nas dotações orçamentais, que esmaga tudo o resto», sustenta Rogério Rocha.

Só que, e de acordo com o delegado do Ministério da Educação junto do respectivo Comité das Comunidades, «estes orçamentos não estão muito longe de poder levar o Erasmus a uma situação de ruptura, quer ao nível dos investimentos feitos pelas universidades no Programa, quer mesmo nas reduzidas possibilidades que possa vir a criar no que respeita à mobilidade dos estudantes».

Maria Antónia Martinho

Luxemburgo: um caso especial

O Luxemburgo é o único Estado-membro da Comunidade Europeia que não possui uma infra-estrutura de ensino superior. Consequentemente, foram introduzidas no Programa Erasmus disposições especiais para este caso, por forma a assegurar ao reduzido número de estudantes luxemburgueses a sua não marginalização em relação ao Programa.

Em virtude da sua particular situação, a maioria dos estudantes luxemburgueses que desejam frequentar e/ou complementar o seu ensino universitário têm necessariamente de se deslocar para o estrangeiro a fim de ali poderem alcançar os objectivos. Assim, as NGAA luxemburguesas são responsáveis pela distribuição das bolsas Erasmus aos estudantes do país, independentemente do Estado-membro onde estes já se encontrem a estudar ou para onde desejem deslocar-se para ali realizarem o seu período de estudos no «estrangeiro».

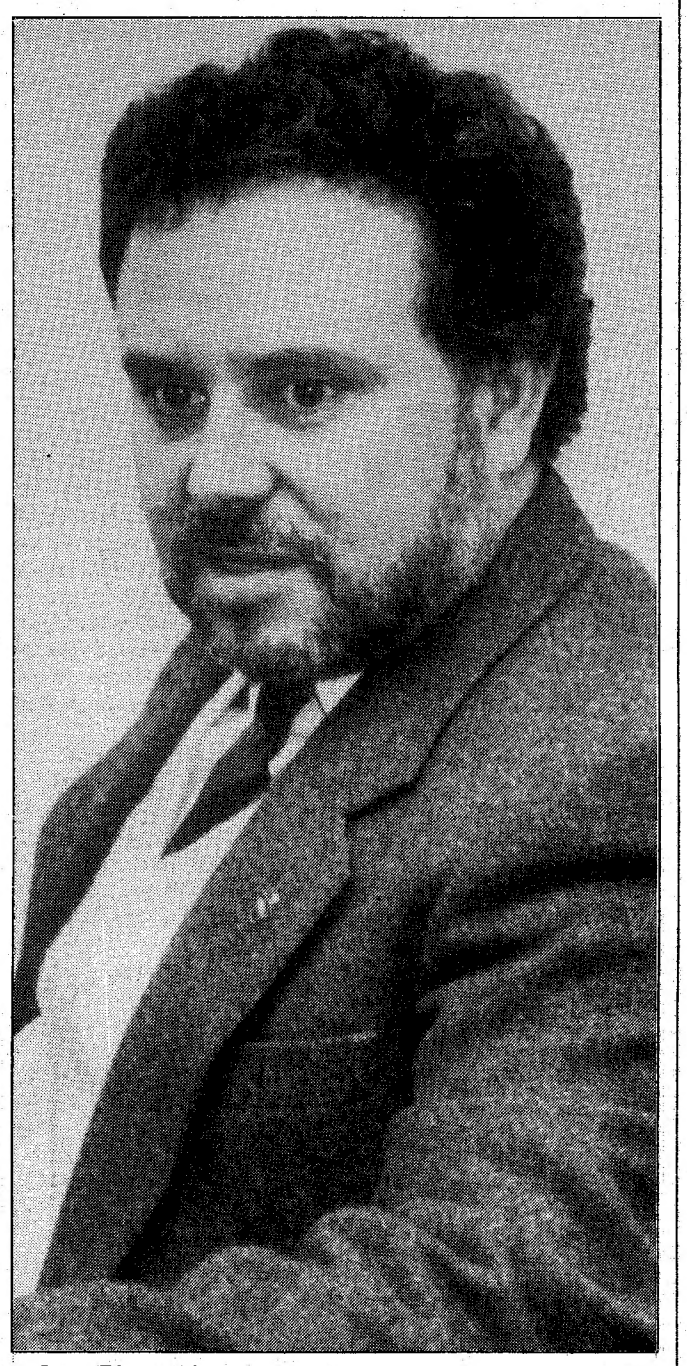
À MARGEM

O fecho

Projectos como o Erasmus, se revelam da compreensão da necessidade de aprofundar a construção europeia, se significam «disponibilidades» dos governos para na prática se iniciarem trocas sérias e minimamente credíveis entre o capital mais precioso de uma Europa que se optimiza como sendo a dos cidadãos — os seus jovens estudantes universitários — trazem em si o estigma de uma contradição que urge resolver. Surgindo como corolário lógico de um conjunto de axiomas definidor do que será no mínimo a Europa do futuro, sujeitam-se a um outro, restritivo e empobrecedor da cidadania europeia, espécie de axioma do fecho, que satisfaz aqueles que nos governos dos actuais estados europeus servem de travão à unidade política. Assim e tomando para exemplo este caso paradigmático a única regra desejável seria a da vontade de mobilidade dos jovens estudantes, sendo de todo o interesse a sua motivação para participarem noutros modelos, enriquecendo-os com a sua experiência.

Portugal, país que corre sérios riscos de queda para a periferia, tem preferido alinhar no grupo daqueles que colocam mais travões a projectos de desenvolvimento deste tipo o que é corroborado pelos números conhecidos. Alimentando as ilusões pífias de alguns saudosistas, não se vislumbra no Governo português uma atitude consistente com o nosso actual estatuto de País pouco desenvolvido na Europa, e que passaria pela exigência de grandes investimentos nas áreas do estudo e da investigação científica e de completa abertura a tudo e a todos que nos escolhessem para os seus estudos e investigações. Fecha-se a construção europeia a uma concepção imediatista e mercantil. E se projectos como Erasmus não passam de pequenas experiências do que já seria possível neste momento, então é natural o evidente descrédito com que cada vez mais cidadãos olham a nossa participação na Europa Unida.

Vítor Manuel Rodrigues, *professor*



Para Diogo Abreu, a grande vantagem do Erasmus é permitir «independência» relativamente a «áreas de influência académica»

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Bredérode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

Erasmus

Uma mobilidade em «part-time»

GRANDE ANGULAR

Na pausa para a bica, estudantes belgas em Portugal não esconderam as suas dificuldades: «quem dá as bolsas está totalmente desinformado da realidade das vidas quotidianas nos diferentes países»

Destinadas a cobrir «despesas de mobilidade», as bolsas Erasmus para estudantes estão longe de dar resposta às expectativas _ e necessidades _ decorrentes da realização de um período de estudos no estrangeiro, principal fim a que se destinam.

Dizem-nos estudantes Erasmus portugueses que já usufruíram destes auxílios comunitários, corroboram-no Erasmus estrangeiros em Portugal, sugerem os próprios valores dos montantes disponibilizados para o desenvolvimento do Programa.

Administradas, em cada Estado-membro, por um organismo específico encarregue da sua gestão (o NGAA) _ que em Portugal é o próprio Ministério da Educação _ as bolsas Erasmus para a mobilidade de estudantes na Europa comunitária inserem-se, geralmente, no âmbito de um PIC (Programa Interuniversitário de Cooperação), que preveja a possibilidade dos alunos de uma universidade poderem realizar um período de estudos num estabelecimento de ensino de um ou outro Estado-membro, plenamente reconhecido pela universidade de origem para efeitos de atribuição dos seus diplomas ou qualificações.

Até ao ano em curso, o montante médio das bolsas Erasmus atribuídas tem sido da ordem dos 2 mil ecu por estudante e por ano académico, pese embora o seu valor máximo estar fixado nos 5 mil ecu.

Este auxílio financeiro visa cobrir as despesas suplementares acarretadas pela realização de um período de estudos num outro Estado-membro, como viagens entre os dois países, custos de preparação linguística se necessários, despesas adicionais «resultantes de um índice geral do custo de vida mais elevado no Estado-membro anfitrião» e relacionadas com a «mudança de circunstâncias materiais individuais do estudante durante a sua estada no estrangeiro».

Basicamente, e no quadro de um acordo contratual com a Comissão das Comunidades Europeias, cada agência nacional encarregue da administração do orçamento global das bolsas Erasmus (NGAA) canaliza para as universidades os montantes dos auxílios financeiros acordados. Por cada programa de mobilidade de estudantes a ajuda máxima que pode ser concedida é de 25 mil ecu por ano lectivo e por universidade participante _ apesar da média destes auxílios se situar na ordem dos 10 mil ecu. Cabe depois às próprias universidades e aos respectivos coordenadores nacionais dos PIC a definição do montante das bolsas a atribuir aos estudantes.

«Bolsas teóricas»

No ano lectivo de 1988/89 e no quadro de um PIC, o ISLA (Instituto Superior de Línguas e Administração) _ estabelecimento de ensino privado oficialmente reconhecido _ enviou para a Universidade de Salford (Inglaterra), uma instituição de ensino superior igualmente privada, três alunas do ano terminal do curso de Tradução.

Nesse mesmo ano, o ISLA recebeu três estudantes daquela universidade por um período de três meses, o tempo exacto da duração da estada das portuguesas em Inglaterra.

Igualmente exacto foi o montante das bolsas atribuídas a estes seis estudantes comunitários: 1650 ecu «por cabeça», uma verba que apenas deu para cobrir «à justa» as despesas das portuguesas em Inglaterra, enquanto proporcionou aos seus colegas britânicos em Lisboa uma vida «à grande e à... inglesa».

«Apesar de altamente positivo, quer para os estudantes portugueses quer para os estrangeiros, a existência de programas do tipo do Erasmus _ uma vez que põe em contacto diferentes experiências pedagógicas, tecnologias e métodos _, o problema do montante das bolsas atribuídas pode vir a comprometer o êxito de novas acções, uma vez que não coloca em pé de ingualdade relativa estudantes com os mesmos objectivos», sublinha o dr. Carlos Nunes, responsável no ISLA por um PIC na área da tradução/interpretação em línguas modernas.

Opinião semelhante foi sustentada por três estudantes belgas que, este ano lectivo, realizaram um período de quatro meses de estudos na Universidade Nova de Lisboa.

Alunas do ano terminal da licenciatura em Comunicação Social (área de Relações Públicas e Publicidade) da Universidade Católica de Lovaina, Françoise Evrard e Sophie Cavigioli, apesar de «convencidas do sucesso comunitário do Erasmus», sentiram «na pele» as «dificuldades da mobilidade de estudantes».

«As bolsas Erasmus não permitem manter num outro país o nível de vida que se tem no país de origem, e isto é igualmente válido para quem vem para Portugal de um país como a Bélgica, com um nível de vida indiscutivelmente superior ao vosso», afirmaram.

Comparando-se com os estudantes da Universidade Nova de Lisboa (Departamento de Comunicação Social) que, no âmbito do mesmo PIC, frequentaram um período de estudos na Universidade de Lovaina, estas Erasmus belgas acusam os responsáveis pela atribuição das bolsas de «estarem completamente desinformados da realidade das vidas nos diferentes países».

«Os portugueses que estiveram em Lovaina tiveram bolsas de 2500 ecus, alojamento garantido e um nível de apoio muito superior ao que viemos encontrar aqui, talvez porque em Lovaina, com a internacionalização da universidade, há imensos mecanismos de apoio a estudantes estrangeiros, nomeadamente uma casa Erasmus que trata de tudo o que se relaciona com o Programa. Nós, para além de apenas termos sido contempladas com bolsas de 900 ecus, tivemos de procurar alojamento e tratar de tudo como se estivéssemos no nosso país, sem nenhum suporte logístico facultado.» Manuela Varasso, aluna da licenciatura em Comunicação Social (na área de Jornalismo) daquela universidade belga, corroborou a opinião das suas compatriotas. «A experiência Erasmus foi verdadeiramente enriquecedora, académica e pessoalmente. No entanto, as bolsas são meramente teóricas, permitem viajar e pouco mais. Na Bélgica, mesmo para quem tenha dificuldades económicas, há sempre a possibilidade de arranjar pequenos empregos que ajudam a comparticipar os custos dos estudos... aqui não.»

Já ao nível da pós-graduação, Eduarda Pires e Luís Moreno _ alunos do mestrado do curso de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa _ estiveram no ano lectivo passado nas Universidades de Barcelona e Copenhaga, respectivamente, no âmbito de um programa de cooperação coordenado pelo departamento de Geografia daquele estabelecimento de ensino.

Ambos realizaram trabalhos complementares às teses que preparam o que, no seu entender, «não só reforçou a componente curricular do mestrado, como, no âmbito dos respectivos trabalhos, trouxe bastantes benefícios em termos de abertura de novas perspectivas científicas».

O PIC em que se integraram _ na área da Geografia, Planeamento e Desenvolvimento Urbano _ coordenado pelo prof. Jorge Gaspar, envolveu dez alunos portugueses, todos mestrantes da FLL. Das universidades que integraram este Programa, a Faculdade de Letras de Lisboa recebeu seis estudantes oriundos de Barcelona e quatro de Copenhaga.

Até ao momento, todos os alunos da pós-graduação em Geografia que se têm mostrado interessados em se deslocar ao estrangeiro têm podido contar com as bolsas Erasmus. No entanto, esta possibilidade tem sido feita à custa de «pequenos cortes orçamentais caseiros», como afirmou ao «DL» o prof. Jorge Gaspar. A receita é «elementar»: reduz-se o tempo de duração de cada estada e como «tempo é dinheiro», «capitaliza-se a redução dos estágios em outras bolsas».

O importante, no final, «é que as contas batam todas certas», porque o «resto» é jogado «em casa».

M. A. M.

Eduarda Pires e Luís Moreno, alunos de pós-graduação em Geografia, são unânimes quanto às possibilidades das bolsas: «para viver à vontade, nem pensar... só para comparticipar alguns custos»

POLÍTICA

CEE vai assinar amanhã 18 programas para Portugal

Há 160 milhões de contos que chegam daqui a horas

Dezoito programas operacionais regionais, no valor global de cerca de 160 milhões de contos, são amanhã assinados em Bruxelas pelo comissário para a Política Regional Bruce Millan e pelo ministro do Planeamento e da Administração do Território, Valente de Oliveira e pela secretária de Estado para o Desenvolvimento Regional, Isabel Mota.

Entre esses 18 programas há um, o Programa Operacional Plurifundos para a Região Autónoma da Madeira, que contará com a assinatura do presidente e vice-presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim e Miguel de Sousa. O programa com destino às Finanças madeirenses significa quarenta milhões deste grande bolo, que contemplou os Açores quando na recente deslocação de Bruce Millan ao nosso País ficaram assinados os termos de concessão do PEDRAA (Programa Específico da Região Autónoma dos Açores).

Ultraperiferia em causa

Os acordos são assinados de manhã e, à tarde, os responsáveis madeirenses aludidos encontram-se com o presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors. Na ordem do dia estarão as questões ligadas à Ultraperiferia, com o financiamento do Aeroporto de Santa Catarina, no Funchal.

Para já, os financiamentos de 35 milhões de contos da parte do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) e do Fundo Social Europeu (FSE) permitirão, segundo uma notícia divulgada em Bruxelas pelo Gabinete de Isabel Mota, viabilizar um investimento de 56 milhões de contos.

A Zona Franca do Caniçal, entre outros lugares da Madeira, vai ser beneficiada com infraestruturas para parques industrais.

«Este programa, complementado pelo Programa Ultra-Periférico-REGIS, ainda em negociação ao abrigo da margem dos 15 por cento, constitui um verdadeiro pilar da estratégia do desenvolvimento da Região», esclarece o texto governamental, que pela atenção que dedica à Madeira até dá a entender algumas razões do recente desanuviamento entre o Governo do Funchal e as autoridades de Lisboa, que se empenharam em conjunto na obtenção de fundos comunitários para a Madeira.

«As negociações caracterizaram-se pela participação activa das autarquias e das Regiões Autónamas em todo o processo negocial, desde a fase de preparação dos programas, envolvendo deslocações a Bruxelas dos representantes municipais e regionais, bem como missões comunitárias ao nosso País», afirma o documento governamental.

Antes de acrescentar: «Cada região do País tem agora ao seu dispor vários programas que permitirão às autarquias fazer face aos seus programas específicos». É o caso também do Alentejo que, entre outros programas, verá alargada a sua Operação Integrada de Desenvolvimento do Norte Alentejano (OIDNA) que vai ser alargada à zona dos mármores.

Redacção «DL»

Bruce Millan, Valente de Oliveira e Isabel Mota estão mais uma vez no centro da canalização de verbas comunitárias para Portugal

PROGRAMAS OPERACIONAIS REGIONAIS

REGIÃO	ÁREAS	INVEST.	FEDER	FSE	FEOGA	TOTAL FUNDOS
NORTE	Porto	27,6	13,1	0,1	0,1	13,3
	Vale do Ave	17,0	5,9	3,4		9,4
	Alto Minho	6,4	4,0	0,2	0,1	4,2
	Trás-os-Montes e A. Douro	17,7	11,3	0,2	0,1	11,6
	Reg. Norte	15,4	9,2	0,2	0,1	9,5
	TOTAL	84,1	43,5	4,1	0,4	48,0
CENTRO	Reg. Centro	27,4	15,5	0,2	0,2	15,9
	Raia Central	12,5	6,2	0,1	0,0	6,3
	Pinhal Interior	6,8	4,4	0,1	0,0	4,5
	TOTAL	46,7	26,1	0,4	0,2	26,7
LISBOA VALE DO TEJO	Oeste	13,8	9,0	0,1	0,1	9,2
	Grande Lisboa	10,1	5,1			5,1
	Vale do Tejo	18,2	11,2	0,3	0,1	11,6
	TOTAL	42,1	25,3	0,4	0,2	25,9
ALENTEJO	Alarg. OID NA Centro e Baixo Alentejo	3,9	2,7			2,7
		6,7	4,2			4,2
	Lit. Alentejano	2,5	1,6			1,6
	Mira e Guadiana	3,7	2,1	0,2	0,1	2,4
	TOTAL	16,8	10,6	0,2	0,1	10,9
ALGARVE	Sotav. Algarvio	20,1	6,5	0,0	0,0	6,5
	Barlav. Algarvio	6,8	3,4	0,1	0,0	3,5
	TOTAL	26,9	9,9	0,1	0,0	10,1
CONTINENTE		219,6	115,4	5,2	0,9	121,5
MADEIRA	POP RA Madeira	58,5	34,4	5,0		39,4
AÇORES	PEDRAA (*)	54,0	27,6	4,5		32,1
TOTAL		329,1	177,4	14,7	0,9	193,0

Fonte: MPAT (milhões de contos)
(*) Já assinado

Defesa Nacional em debate num novo contexto estratégico

O colóquio parlamentar que o presidente da Assembleia da República esta manhã abriu sobre «O futuro da Defesa Nacional num novo contexto estratégico» suscita grande expectativa nos meios políticos e militares, tanto mais que nele participa um leque de personalidades nacionais importantes, para além dos embaixadores dos EUA e da URSS.

Parece claro que a Europa do futuro em que Portugal se insere, está no que se pode designar por um beco com saída. A situação é complexa e todos se mobilizam para encontrar resposta para as várias dúvidas que se erguem.

«Apesar da boa vontade com que se olha a evolução na União Soviética, esta pode representar um perigo para a Europa, para a CEE», considera o director do Instituto de Defesa Nacional, que esta manhã interveio no painel «As modificações da equação estratégica». O general Cabral Couto pôs em relevo as hipóteses que, em seu entender, o futuro da URSS suscita. Para ele, «a Europa não tem capacidade para fazer frente à União Soviética».

As dialécticas que a situação aporta à Europa, desde esta associada aos EUA ou ao novo quadro provocado pela queda do muro de Berlim, a integração económica e social «versus» o euroatlantismo e o nacionalismo «versus» o supernacionalismo, foram aspectos levantados pelo director do IDN sobre a Europa do futuro. A hipótese da Alemanha ancorada à NATO e à CEE também foi admitida, funcionando a Europa Central como «tampão» à URSS e aos EUA.

Além de Cabral Couto, o primeiro orador desta manhã, intervieram o general Castelo Branco, director do Colégio de Defesa da OTAN, sobre o mesmo tema, comentado pelos analistas Álvaro Vasconcelos, Nuno Rogeiro e Fancisco Louçã.

À hora do fecho desta edição, os embaixadores da URSS e dos EUA debatiam «As negociações de limitação de armamentos» na óptica das duas superpotências, sendo Calvet de Magalhães o comentador.

À tarde, Loureiro dos Santos, Félix Ribeiro, Fuzeta da Ponte e Vasco Bramão dos Santos discutem o tema «A evolução da situação internacional e o futuro da Defesa Nacional».

Redacção «DL»

Carlos Marques vai até ao fim

Ex-dirigente da Juventude Universitária Católica e ex-membro do grupo fundador da UDP, Carlos Marques tem em Portugal um estatuto único: o de candidato certo à Presidência da República, sem necessidade de reflectir até ao cair da folha, porque optou pela Primavera quando - confessou ontem em conferência de Imprensa - assumiu perante a comissão que o apoia o desafio de avançar e ir até ao fim.

Fazer cumprir a Constituição da República até ao limite da regionalização que poucos defendem e muitos querem é uma fatia grande do programa de Carlos Marques, que se recusa a fazer um balanço do mandato de Mário Soares, antes de se saber se o actual Presidente quer repetir a experiência, mas não hesita em classificar como contraditória a chefia do Estado do primeiro PR eleito depois do 25 de Abril, Ramalho Eanes.

Para já, aguarda «um debate sério, frontal» com os candidatos que venham a surgir.

Com a palavra de ordem «A Coragem de Ser Solidário», pronunciou-se, perante os jornalistas, contra o que qualificou de «esclerosamento precoce da nossa República». Tem 41 anos, antepassados nortenhos, um filho e um mandatário nacional que foi militar de Abril, médico, actualmente na reserva, Carlos Cruz Oliveira.

Ontem, na Casa do Alentejo, Cruz Oliveira leria um texto poético aprovado pela comissão de candidatura, depois de avisar toda a gente que «a poesia e a utopia nunca fizeram mal à política».

Redacção «DL»

BREVES

Deus Pinheiro em Pretória

Uma audiência com o Presidente De Klerk domina hoje a agenda de João de Deus Pinheiro no seu périplo africano. O ministro dos Negócios Estrangeiros português que é acompanhado pelo secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Correia de Jesus, almoça e janta com o seu homólogo Pik Botha.

CIP recebeu delegação do PS

A direcção da Confederação da Indústria Portuguesa, CIP, recebeu ontem uma delegação do PS. Fonte socialista disse à Lusa que a CIP considerou o PS «necessário a qualquer acordo social de médio prazo que venha a ser decidido pelo Governo». As duas delegações analisaram a evolução do processo de integração de Portugal na CEE e defenderam a «aceleração» da negociação dos reforços dos fundos estruturais depois de 1992.

Verdes vão para tribunal

Maria Santos anunciou ontem que vai colocar, com outros militantes de Os Verdes, uma acção judicial para obter a anulação das deliberações do Conselho Nacional do partido, realizado em 23 de Junho. A deputada do Parlamento Europeu denunciou os métodos que «estão a ser utilizados por elementos de uma auto-intitulada Comissão Executiva surgida naquela data».

CNE perde membro do PRD

João Lemos de Albuquerque, representante do PRD na Comissão Nacional de Eleições, demitiu-se deste órgão para ir trabalhar para Macau. A sua substituição só poderá operar-se em Outubro quando reabrir o Parlamento a quem compete eleger os membros da CNE.

Mário Soares evoca De Gaulle

O Presidente da República, Mário Soares, e o eurodeputado Coimbra Martins foram convidados a intervir nas Jornadas Internacionais das Comemorações de De Gaulle em homenagem ao centenário do nascimento do general e aos cinquenta anos da sua declaração de 18 de Junho de 1940. Coimbra Martins, que foi embaixador de Portugal em Paris no Governo do «Bloco Central», abordará o tema «De Gaulle e Portugal». As jornadas decorrerão entre 19 e 24 de Novembro sob o tema «De Gaulle e o seu tempo», na sede da UNESCO.

O ordenamento segundo a CEE

O chefe de Divisão da Direcção-Geral da Comissão das Comunidades Europeias pronunciará na próxima segunda-feira uma conferência subordinada ao tema «O Ordenamento do Território e a Europa». Palma Andrés vem a Lisboa a convite da Direcção-Geral do Ordenamento do Teritório (DGOT), dependente do Ministério do Planeamento e da Administração do Território. A palestra será proferida no auditório da DGOT, no Campo Grande, número 50.

Jospin em Lisboa a convite do PS

O ministro da Educação de França, Lionel Jospin está desde hoje em Lisboa a convite do PS para participar no 36º Congresso da União Internacional de Professores Socialistas (UIPS). «Propostas socialistas para a igualdade de oportunidades na educação» é o tema nuclear do congresso que conta com a participação de representantes de diversos países, nomeadamente Brasil, Guiné-Bissau, Cabo Verde, EUA, Inglaterra, RFA, Áustria e Suiça. Jospin proferirá, na sessão de honra, uma conferência intitulada «A reforma do sistema educativo em França».

Caso FUP/FP-25 motiva preocupação

A Comissão Pró-Amnistia de Otelo e restantes elementos do Caso FUP/FP-25 manifestou, em comunicado, a sua preocupação pelo encerramento da sessão legislativa «sem que tenham sido dados passos positivos para uma amnistia». Em comunicado, a Comissão reafirma a sua convicção de que «só uma amnistia total e irrestrita pode abrir caminho à reparação das situações de injustiça».

Apenas com os votos do PSD

Parlamento recusa entrar no conflito com as Ilhas

Montalvão Machado, ao comando da representação de 15 elementos do PSD, na Comissão Permanente, anulou ontem a tentativa socialista de reunir o plenário da Assembleia da República, na primeira semana de Setembro, para discutir e votar os Estatutos Político-Administrativos das Regiões Autónomas.

O PS sujeitou ainda ao miniparlamento de 29 membros, que assegura o funcionamento da Assembleia durante as férias, um pedido de autorização para reunir previamente a Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias com o objectivo de concluir a votação na especialidade dos Estatutos dos Açores e da Madeira. Os socialistas consideram «injustificado» o atraso na apreciação dos dois documentos, tanto mais que «tem vindo a chegar ao conhecimento público o agravamento dos conflitos entre os Governos Regionais e o Governo da República», conforme justificaram para a convocatória urgente da Assembleia da República.

Toda a Oposição votou a favor da proposta do PS, mas os votos do PSD inviabilizaram esta tentativa de interrupção das férias dos deputados a pretexto da guerrilha de Mota Amaral e João Jardim ao primeiro-ministro Cavaco Silva e ao seu ministro das Finanças.

A Comissão Permanente acordou também, por consenso de todos os partidos nela representados, em reunir a Comissão de Economia e Finanças para ela decidir o que fazer com as últimas informações sobre o ouro do Banco de Portugal perdido na Drexel e com o perdão de dívidas fiscais, no montante de meio milhão de contos de multas e juros de mora, à Cerâmica Campos, de Aveiro.

Montalvão Machado anulou a tentativa socialista que pretendia reunir a Assembleia na primeira semana de Setembro

Não vingou, assim, a tese do PS para trazer o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais à próxima reunião da Comissão Permamente, marcada para o dia 6 de Setembro.

Eles irá, sim, à Comissão de Economia, se esta entender que o deve convocar, tal como ao governador do Banco de Portugal e a outros funcionários e individualidades relevantes para esclarecer os dois casos. De qualquer modo, não é de esperar que a Comissão de Economia reuna antes do mês de Setembro.

Estado de calamidade na zona de fogos florestais

Quem reunirá de urgência, e em data a marcar rapidamente pelo presidente da Assembleia da República, é a Comissão Eventual para análise e reflexão da problemática dos incêndios em Portugal. A luz verde foi-lhe ontem dada, a requerimento do Partido Comunista, e fundamenta-se num relatório sobre a situação nas regiões do interior devastadas pelas chamas, elaborado pelos cinco deputados comunistas que as visitaram recentemente.

O relatório da delegação comunista sublinha o facto de já terem ardido este ano, em apenas 20 dias, cerca de 15 mil hectares de floresta quando, no ano passado, ao longo de quatro meses, o fogo atingiu uma área estimada em 37 mil hectares. Isto é: se o Verão continuar a fustigar a floresta de pinheiros a este ritmo, é natural que a área ardida seja este ano incomensuravelmente superior à do ano passado.

O Partido Comunista propõe a imediata declaração do estado de calamidade pública, nos concelhos do interior mais afectados pelos fogos, de modo a que as populações possam recorrer expeditamente aos mecanismos do crédito público e aos subsídios compensatórios pelos bens e haveres perdidos.

A sessão de ontem da Comissão Permanente, a última antes das férias, tinha também em agenda uma proposta do PCP para convocar extraordinariamente o plenário da Assembleia da República, provavelmente no início de Setembro, de modo a habilitar com as orientações políticas de fundo os deputados que representarão o nosso País na reunião dos Parlamentos Nacionais com o Parlamento Europeu, marcada para os dias 1 a 3 de Setembro, em Roma.

Esta proposta acabou por ser retirada para ser de novo apreciada na primeira reunião da Comissão Permanente após as férias e já marcada para o dia 6 de Setembro, às 10 da manhã.

Daniel Reis

Jardim fala, Mota Amaral aguarda

Cavaco leva autonomias ao Conselho de Ministros

Cavaco Silva apresentou esta manhã em Conselho de Ministros o já designado «contencioso das autonomias» suscitado pela diferente interpretação que o Governo Central e os Governos Regionais têm sobre os estatutos político-administrativos. A informação é do presidente do Governo Regional da Madeira, que ontem se encontrou com o primeiro-ministro, e teve oportunidade de afirmar o seu optimismo em relação ao evoluir do problema. Em Ponta Delgada, Mota Amaral aguarda uma resposta de Lisboa ao pedido feito para que Cavaco receba o Governo e o PSD açoriano.

O estatuto da Madeira, que não pôde ser votado na última sessão legislativa, esteve em destaque no encontro entre Cavaco e Jardim, afirmou este último à saída de S. Bento. «Da proposta inicial são muito poucos os programas em que haveria alguma discordância, tanto da parte do PSD nacional e do Governo da República, como do PSD regional e Governo autonómico», disse Alberto João Jardim.

Questões financeiras foram também abordadas na reunião, pouco faltando para se concluir as revisão do Protocolo para o Requilíbrio Financeiro da Madeira. «Neste momento, está acordado que a Região, em vez de ficar a aguardar a chegada do Orçamento à Assembleia, irá participar na elaboração desse Orçamento», acrescentou.

Mota Amaral aguarda resposta de Lisboa

O presidente do Governo Regional dos Açores solicitou a Cavaco Silva um encontro em que também participe a direcção do PDS/Açores, para esclarecimento público do contencioso fiscal e autonómico com o Governo Central.

Fonte do Palácio de Santana, onde o Governo Regional está sediado, disse ao «DL» que não foi dado qualquer prazo para que Cavaco respondesse ao pedido, admitindo, contudo, que a resposta chegue «dentro de dias».

M

ota Amaral, que hoje mesmo viajou para Bruxelas para presenciar a assinatura de acordos comunitários negociados pelo Governo da República, recebeu ontem os dirigentes dos partidos da oposição açoriana.

Decq Mota, responsável do PCP local, afirmou a necessidade da Região «encontrar um novo relacionamento financeiro com o Estado», enquanto o presidente do PS/Açores, Martins Goulart, disse «não estarem esgotados todos os esforços para obter recusos financeiros».

PORTUGAL, VERÃO DE 1940

Poucos acontecimentos serão tão emblematicamente representativos dos pontos de viragem da história do Estado Novo como a Exposição do Mundo Português, inaugurada com pompa e circunstância a 23 de Junho de 1940.

Na véspera, a França derrotada assinara a capitulação na carruagem da *revanche*, em Compiègnes. E de entre as ruínas e as misérias da Europa devastada pela guerra, Salazar podia celebrar triunfalmente as virtudes do seu regime e o seu fruto mais imediatamente visível: os benefícios da paz e da tranquilidade num mundo arrasado pela insônia de homens mal-avisados e de governos minados por ideologias estranhas e estrangeiras à «maneira portuguesa de ser e de estar» na vida nacional e internacional, que o Estado Novo redescobrira e aplicara.

As comemorações do «duplo centenário» (1140 e 1640), das quais a Exposição de Belém é o símbolo da excelência, tem precisamente esse significado essencial: são o ponto culminante da força e da estabilidade do regime construído nos anos trinta; são o elogio majestático da sua superioridade em termos históricos nacionais _ a nação reencontrada com as suas verdadeiras tradições cristãs, corporativas e imperiais após o obscuro parênteses de um século de liberalismo _ e até mundiais, sendo Portugal uma «ilha de paz» entre os países ceifados pelas destruições do conflito.

E era certo que nesse calmoso Junho de 1940 os efeitos da guerra ainda não tinham chegado verdadeiramente ao nosso país. Não só porque a censura curava de filtrar as notícias mais susceptíveis de acirrar os ânimos de anglófilos ou de germanófilos, cuja propaganda era cuidadosamente controlada e limitada. Mas porque o impacte político e económico do conflito estava longe de ser significativo em termos de ameaças externas, ou de abastecimentos de combustíveis, matérias-primas ou bens alimentares. Até aí, no Ocidente, fora, também no domínio da guerra económica, a *drôle da guerra*, e o Portugal neutral pouco fora afectado por ela.

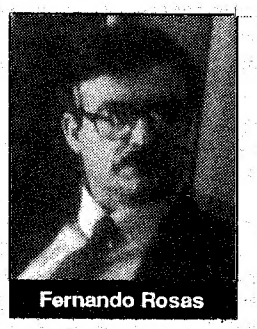
Na Lisboa solarenga e pacata desse princípio de Verão, em contraste com quase todas as capitais europeias, não havia racionamento de géneros ou de gasolina. Os restaurantes serviam refeições de dois pratos, os carros particulares e os transportes públicos circulavam sem limitações, os preços não registavam, ainda uma subida alarmante, a ocultação de luzes à noite era um pesadelo de outras cidades distantes, e a Volta a Portugal em bicicleta continuava a fazer notícia de primeira página numa imprensa com rigorosas instruções para manter a guerra à distância. Não se conheciam, por enquanto, paralisações significativas das actividades económicas, e o desemprego sazonal no Alentejo ou a miséria dos bairros operários nas principais cidades não se poderiam considerar fora do «normal»... Curiosamente, tudo iria mudar, de forma dramática e radical, dentro de poucos dias. Como se a celebração cimeira da força do regime abrisse simultaneamente a porta ao começo do que iri ser, com a guerra e o pós-guerra, a primeira crise séria da sua história.

Na realidade, tudo mudaria no curso do conflito e da vida do país nesse Verão de 1940. A guerra «chegava» a Portugal.

Com as divisões da *Wermacht* nos Pirenéus, despertam-se os apetites anexinistas dos meios falangistas e belicistas do franquismo, em Espanha, e instala-se a ameaça à independência do País como dado permanente, de fundo, da sua política externa.

À frente das *Panzer* alelmãs, fugindo à ocupação nazi, começam a chegar a Portugal milhares de refugiados que aqui buscam abrigo ou porto de embarque para as Américas ou para África. Os seus hábitos sociais e culturais subverterão, nalguns casos definitivamente, o quotidiano provinciano, moralista e machista de Lisboa pequeno-burguesa e de outros centros urbanos.

Mas, sobretudo, a ocupação da França pela Alemanha hitleriana _ e com ela o controlo de todo o continente europeu, à excepção da península, da Suíça e da Suécia _ desencadearão por parte da Grã-Bretanha, mais tarde em conjugação com os EUA, uma rígida política de bloqueio económico de que os países neutros são os alvos principais. A partir de fins de 1940 começarão a faltar o petróleo, o carvão, o ferro e o aço, os adubos, a lã, etc... faltas que mergulharão a vulnerável economia portuguesa em graves dificuldades. A elas acresce a demora e a inépcia que o Governo demonstrará para lhes fazer face. À paragem de certas actividades somam-se a queda da produção agrícola, a falta de géneros essenciais, o mercado negro, o contrabando, e, fruto de tudo isso, o «disparar dos preços» a partir de meados de 1941.


Fernando Rosas

O racionamento tardio e caótico, e a corrupção generalizada de uma *kafquiana* máquina burocrática não farão senão agravar as carências e os descontentamentos.

O Portugal harmónico, respeitador e pacífico comemorado em 1940, como que se transmuta: de 1942 a 1944 o País é sacudido por uma década de torpor social por sucessivas vagas de greves operárias centradas na região de Lisboa e das suas cinturas industriais a norte e a sul do Tejo; por greves de assalariados rurais dos arredores de Lisboa, do Ribatejo e do Alentejo, redesperto para a luta reivindicativa; por «motins camponeses» ao som de sinos a rebate, no Norte e no Centro do País; por um estado de descontentamento generalizado nas habitualmente «seguras» classes médias, especialmente o funcionalismo público civil e militar e as profissões liberais, que murmuram, conspiram, apoiam cada vez mais claramente os movimentos oposicionistas que saem da clandestinidade, «impondo» de alguma forma uma certa legalidade própria.

Olhadas somente a cinco anos de distância, na agitação da crise do pós-guerra, quando tudo parece ser posto em causa, quando nas fileiras do próprio regime reina a divisão sobre o futuro e a incerteza acerca do presente _ vistas cinco anos depois, as comemorações centenárias, a sua «Grande Exposição», a sua segurança triunfal, a sua mensagem de inquestionável durabilidade do regime e dos seus valores, mais pareciam uma fina ironia da História.

E sendo certo que o Estado Novo sobreviveu e durou, o facto é que com a «Exposição» ficaria definitivamente enterrada uma época, uma ideologia e uma cultura cujas futuras e pontuais tentativas de reedição estariam condenadas a transformarem-se no centenário do seu arquétipo: isto é, em grotescas e serôdias expressões da decadência do regime.

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um artigo de Álvaro Vasconcelos:

(...) O peso asfixiante da dívida externa é um dos obstáculos principais ao regresso aos anteriores ritmos de crescimento. Não será possível aos países da América Latina, como aliás, aos países do Leste europeu e da África, pagar integralmente a dívida e satisfazer os compromissos correlativos. O interesse ocidental em resolver o problema da dívida dos países do Leste cria condições favoráveis para a resolução do problema da dívida da América Latina. As Comunidades Europeias, que estão interessadas, por razões de equilíbrio interno e de projecção internacional, na conexão com a América do Sul, não irão tratar o problema da dívida dos países do Leste marginalizando neste capítulo a América Latina. Como apontam as conclusões do I Fórum, «é necessário equilibrar a abertura a Leste com a abertura a Sul». E como ficou igualmente expresso nessas conclusões, nas palavras do ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil, Francisco Rezek, foi rejeitada a ideia «simplista, superficial e cosmética de que a abertura que ocorre no Leste europeu no momento vai representar uma quebra de laços violenta entre a Comunidade Económica Europeia e a América Latina».

25.JUL.90

PÚBLICO

De um artigo de Adriano Moreira:

(...) A queda do muro tornou claro que o grande espaço europeu tem a perspectiva de um directório, seja qual for a estrutura jurídico-política finalmente consagrada.

Com outros mecanismos, mais diplomacia, menos estratégia e linguagem policiada, no centro das perplexidades, a Leste e a Oeste, está a projecção geográfica de uma supremacia conseguida com métodos pacíficos assumidos numa conjuntura de derrota militar, renunciando à agressão e tendo o apoio da natureza das coisas.

A última das perestroikas, a que deu o nome ao fenómeno, tem que ver com o peso da vitória e a necessidade de rever a logística do império que entrou em processo de expansão depois daquela.

Ao contrário do Egipto, do Japão e da Alemanha, a desmobilização é uma decisão própria, autónoma, de gestores, e não imposta pelo julgamento de vencedores da guerra. Desta vez não são vencidos que decidem repor-se na balança dos poderes com novos métodos. É um vencedor que não pode continuar a suportar o peso da vitória.

25.JUL.90

o Diabo

De um artigo de Nuno Rogeiro:

(...) Periférico e pequeno, impermeável aos males circundantes e pouco permeável aos bens que nos rodeiam, Portugal vai também vivendo pedaços deste tempo e desse espírito. Sucede isso num sistema de governo estável e num regime sem grandes ameaças estruturais, a não ser as que resultam da consciência dos cidadãos.

E sucede isso quando o governo celebra mais um aniversário da sua maioria absoluta. E quando prepara já o choque eleitoral de 1991. E quando tenta atenuar ainda o(s) choque(s) das autárquicas e, antes, das europeias. E quando se vê (do)minado por sucessivos estiolamentos de personalidades públicas, que saem primeiro de si mesmas, depois do Executivo e por fim do partido, entregues ao julgamento das ruas (...)

24.JUL.90

CARTAS NA MESA

Bichos de carapaças

De um leitor, o biólogo holandês há alguns anos fixado em Portugal, Paul de Graauw, recebemos esta foto, colhida recentemente numa loja do Cabo Espichel, de uma tartaruga taxidermizada, em relação com uma notícia que publicámos a 18 do corrente, intitulada «Carapaça legal protege bichos de carapaça». De Graauw apresenta aquela imagem como um «infeliz desmentido» às nossas «afirmações de esperança acerca da proibição do comércio das carapaças de tartarugas e cágados». No texto do DL, porém, divulgava-se somente a proibição da venda de quelónios fluviais indígenas, além da suspensão, por motivos independentes da lei portuguesa, da importação de certas tartarugas ornamentais. O exemplar fotografado pertence a uma espécie marinha, o que a afasta do âmbito do referido artigo.

Exclusivo

Salazar pinga-amor

Motorista do antigo ditador durante 35 anos
traça, em exclusivo para «O Jornal»,
um retrato diferente do criador do Estado Novo:
um «senhor doutor» mulherengo,
que as criadas por mais de uma vez
apanharam com as calças na mão,
«numa posição muito... esquisita».
Salazar e D. Maria? «Eles eram marido e mulher»,
conta o ex-motorista, que foi quem levou
para o Forte de São João do Estoril a célebre cadeira de lona.
Uma história por detrás da História,
onde também se fala de frangos e ovos criados em São Bento
e vendidos para o Hotel Aviz,
com o «senhor doutor» a regatear
preços em nome da governanta...

Leia isto e muito mais em

o jornal

Esta sexta-feira, à venda em todo o País.
A não perder.

NOVOS SENTIDOS DE DEMOCRACIA

Por Ricardo Vieira

A democracia como valor de organização política generaliza-se no Mundo. Não já uma adopção «semântica», no sentido dos próprios regimes se autitularem «democracias orgânicas» ou «democracias populares», mas numa vertente mais concreta e prática. Do «menos mau regime que se conhece» para o mais adoptado regime do Mundo, a evolução que a democracia conheceu na sua adopção foi consideravelmente acelerada nos últimos tempos com as conversões a leste e as aberturas no «Terceiro Mundo».

O facto é que o respeito pelas minorias e a alternativa real que representa o regime democrático no exercício do poder, começam a ser queridos pelas populações à medida que os acessos à informação e à cultura crescem. Curiosamente o esbatimento das ideologias, mesmo que conjuntural segundo cremos, é contemporâneo desta crescente necesidade de escolher o poder pela via eleitoral, o que talvez nos leve a concluir que ao lado de um desejo de escolher diferentes formas de conduzir o bem público se coloca o desejo de alternar pessoas, comportamentos e meios de gerir. A democracia começa assim a ser não apenas a alternativa «esquerda-direita», mas também a necessidade de colocar limites temporais nos exercícios unipessoais ou unigrupais do poder.

É esta constatação que nos faz pensar em determinados comportamentos que infelizmente ainda hoje se exteriorizam dum lado ou doutro e mais ou menos de forma expressa. Quando os detentores de poder se julgam messiânicos, dotados por especial e único dom para a causa pública, estão em consciência a preverter a essência da democracia tal qual como julgo que as populações a requerem.

Já ouvi dizer, por alguém de especiais méritos, que os cemitérios estão cheios de pessoas insubstituíveis, e na política julgo que é útil relembrar e relembrar-se constantemente deste sagrado princípio. A efemeridade da nossa acção no Mundo é sempre o principal fundamento para que a acção política seja limitada na consciência e na prática de exercício. No fundo, se todos tivessem em atenção a relatividade dos seus méritos, as prepotências animadas por uma secreta convicção de que a inspiração lhes caiu em cima, eram desde logo e à partida limitadas ou mesmo anuladas.

A democracia tem também esse mérito pedagógico de ensinar aos que detêm o poder que também erram e que o fim de exercício está sempre logo a seguir. Aquilo que a educação familiar devia ensinar a cada um, acaba por ser a consequência óbvia da própria adopção dos princípios democráticos: ninguém tem o direito de se julgar o mais perfeito para governar.

Não deixa de ser curioso, por isso mesmo, que a discussão política que se ultima em Portugal seja saber quem é o mais competente para salvaguardar o País no embate do Mercado Único. Em vez dos mais responsáveis procurarem propor o que que julgam melhor para o País, julgam-se a si próprios como os mais competentes para o fazer. Sentido inequívoco de algum desgaste que a democracia sofre neste País!...

INTERNACIONAL

Ex-agentes acusam a CIA de ter fomentado terrorismo italiano

Ainda mal refeita da escandalosa absolvição dos réus de extrema-direita implicados no atentado de Bolonha, a opinião pública italiana voltou a aquecer os ânimos com a recente tomada de posição do Presidente italiano Francesco Cossiga acerca de declarações de ex-agentes da CIA que acusam os serviços de fornecer fundos para «criar na Itália situações favoráveis para o desenvolvimento do terrorismo».

Segundo as revelações de Ibrahim Razim e Richard Branneke, transmitidas no 1º canal da RAI, a CIA dava cerca de 10 milhões de dólares mensais ao «venerável» chefe da Loja Maçonica P2, Licio Gelli, que por sua vez os redistribuia pelas organizações terroristas. Licio Gelli, que mais uma vez escapou à cadeia com a absolvição no julgamento do atentado na estação de Bolonha, é ainda acusado por Razim e Branneke de estar implicado na morte do primeiro-ministro sueco Olof Palme. As revelações, caso correspondessem à verdade, confirmariam a existência do fantomático centro de poder (P2), teorizado, em 1981, pelos magistrados que investigavam sobre a Loja P2; organização acusada de ser o coração das manobras de desestabilização do terrorismo de extrema-direita. Agora e à distância de duas semanas do programa da RAI, o Presidente Cossiga decidiu tomar posição sobre as revelações. Numa carta endereçada ao primeiro-ministro, Giulio Andreotti, Cossiga exigiu do Governo a investigação sobre a autenticidade das revelações e a punição do jornalista responsável pelo programa, caso se trate de notícias falsas.

Segundo o jornal francês «Liberation», o porta-voz da CIA negou todas as afirmações feitas pelos ex-agentes e negou que Richard Branneke «tenha alguma vez sido membro dos serviços secretos americanos».

Entretanto, Licio Gelli famoso também pela quantidade de processos por difamação que tem movido, exigiu uma indemnização de 8,3 milhões de dólares (um milhão e 280 mil contos). Por outro lado, nos corredores da RAI corre a voz, já desmentida, de que terá pago 830 mil dólares (125 mil contos) pelas declarações dos ex-agentes.

A.B.

Enquanto EUA iniciam retirada de armas químicas

Grã-Bretanha reduzirá em metade tropas na RFA

A Alemanha é o palco privilegiado do desarmamento que a diminuição das tensões Leste-Oeste está a permitir. O ministro britânico da Defesa, Tom King, anunciou ontem no Parlamento que o seu país vai reduzir em metade os seus efectivos estacionados em território alemão até 1995, no âmbito de uma restruturação global das Forças Armadas. Os EUA, por sua vez, começam hoje a retirar as 400 toneladas de armas químicas armazenadas na RFA as quais serão destruídas no Pacífico.

O ministro britânico da Defesa, Tom King

Tom King apresentou aos deputados britânicos o programa «Opções para a Mudança» que prevê que nos próximos cinco a sete anos as Forças Armadas perderão no total cerca de de 57 mil homens, ou seja, 18 por cento do seu efectivo. O Exército baixa de 160 mil para 120 mil soldados, a Força Aérea de 89 mil para 75 mil e a Marinha, que já tem estado a reduzir o seu efectivo, de 63 mil para 60 mil.

As tropas britânicas na RFA que desde 1954 estavam encarregues de assegurar a «defesa avançada» na Europa, serão particularmente visadas por esta redução. Uma divisão do Exército será retirada e as bases aéreas passam de quatro para duas, com o número de esquadrilhas de caças bombardeiros (Tornado e Phantom) a diminuir de 15 para nove. A Grã-Bretanha é actualmente o país que mais tropas possui na RFA, 55 mil homens, mais de um terço do efectivo total do seu Exército.

Ao anunciar o «Opções para a Mudança», que segundo Tom King vai ser discutido no interior da NATO, o ministro frisou que as reduções não incluem o armamento nuclear, reafirmando o empenho britânico em participar no programa do míssil Trident, que deve equipar quatro novos submarinos nucleares a meio dos anos 90, substituindo os obsoletos Polaris.

Tom King defendeu esta «opção» afirmando que «nós continuamos a necessitar de uma sólida capacidade de defesa , como garantia contra o imprevisto». Segundo o ministro, mesmo o desarmamente convencional estará sempre dependente do avanço das negociações CFE e da retirada soviética da RDA.

EUA retiram armas químicas

Quanto às armas químicas norte-americanas armazenadas em território da RFA, o porta-voz do Pentágono, Pete Williams, afirmou que hoje vão começar a ser retiradas, cumprindo o acordo assinado por George Bush e Mikhail Gorbachev.

A operação de retirada das 400 toneladas de armas químicas, inclui o seu transporte em navios para uma ilha do Pacífico, onde serão destruídas, e deverá estar concluída em Setembro.

O custo total da retirada e destruição está calculada em 46 milhões de dólares, estando envolvidos na operação 1200 agentes de segurança, para além de soldados norte-americanos dispondo de dispositivos de sobrevivência que incluem a aplicação automática de antídotos.

Redacção «DL»/AFP/ Lusa

De novo a Alemanha muda a Europa

Ao responder a um diplomata soviético, durante uma conferência de Imprensa no Instituto de Defesa Nacional, em Lisboa, o Comandante Supremo das Forças Aliadas na Europa, general John Galvin, afastou a possibilidade de vir a ser constituída uma força militar pan-europeia. Por sua vez, o ministro dos Negócios Estrangeiros português, João Deus Pinheiro, numa entrevista ao semanário «Independente», afirmou, em relação à unificação alemã, que a nova nação não disputará a liderança militar no continente.

Estas duas afirmações partem de responsáveis políticos com perspectivas diferentes da mesma realidade e, à primeira vista, nem sequer aludem à mesma coisa. No entanto...

O rico e o pobre

A distância que separa estes dois homens de poder é enorme. John Galvin é o *top executive* militar para a Europa e representa a nação mais rica do mundo. Deus Pinheiro executa a política externa de um dos países mais pobres da Europa. Talvez por isso ambos defendam a mesma coisa: a Europa deve submeter-se militarmente aos Estados Unidos e a Alemanha à Europa.

A manutenção da hierarquia entre os Estados traduz-se neste caso na defesa da manutenção de um *status quo* na Europa. Até aqui nada de novo, é mesmo caso para dizer que está tudo na mesma. Mas o problema é que, de facto, tudo mudou ou quase tudo.

A emergência de um novo Estado na Europa não acontece todos os dias e com menor frequência ainda tal facto obriga a uma redefinição das alianças militares e dá origem à terceira maior potência económica do mundo. Perante esta realidade será ainda possível aguentar uma *pax americana* ? Melhor ainda, estará o tipo de paz actual a contribuir para a melhor Europa do amanhã?

Em todo caso, não foi feita a prova de que as tentativas diplomáticas que visam manter a mesma estrutura política num quadro profundamente alterado sejam as melhores.

Os europeus estão, sem dúvida, extremamente gratos aos americanos por os terem ajudado a esquivar-se ao jugo comunista da União Soviética. Mas também, por essa e por outras, pagámos com um estatuto de menoridade política na arena internacional.

Hoje, falamos da Europa com a curiosidade e intensidade com que ainda há pouco tempo se falava do Sudeste Asiático ou da África Austral. O surgimento de novos Estados leva sempre a uma avaliação sistémica com subsequentes tentativas de angariação de influências por parte dos Estados mais fortes.

Só que, desta vez, não só estamos a falar de nós próprios, como também acerça de um aglomerado de 320 milhões pessoas ou mais e de colossal riqueza, que busca, há cinquenta anos, uma identidade própria.

Não é aconselhável

Poderemos deixar passar esta oportunidade histórica de reaver a importância política da Europa e continuar, perante a falta de acção, a pensar numa união europeia?

O Governo português, aliás como outros governos europeus, pensa que sim, pois a perspectiva de uma união política com as competências necessárias à afirmação política da Europa não passa de um cenário eventualmente concretizável pelos nossos netos.

O general Galvin não parece optimista pois, ao afastar a possibilidade de umas forças armadas pan-europeias está simultaneamente a retirar à Europa um dos atributos fundamentais para a afirmação de qualquer estrutura política com responsabilidades territoriais.

Não se pode dizer que seja facil para os Estados Unidos saírem da Europa, nem para Portugal transferir soberanias. No entanto, o surgimento de uma Alemanha toda poderosa na Europa Central não é um acontecimento menor. Obriga a uma redefinição da estrutura política europeia.

Por um lado, o desequilíbrio eventual entre o potencial económico e o político no centro da Europa não é aconselhável, nunca o foi. Por outro, é um facto que a Alemanha tornou-se, pouco depois da assinatura do Tratado de Roma, o autêntico motor financeiro da Europa. Um eventual aumento da sua capacidade económica, se enquadrado num espaço europeu devidamente legitimado e democrático, aumentará sem dúvida a capacidade de resposta dos europeus.

Contrariamente ao que o general Galvin advoga, a Alemanha, assim como a Europa, só poderá olhar para o futuro com a confiança que advém da independência, se não continuarem a ser considerados politicamente «menores»

Nuno Azevedo

Novo programa da CEE para desenvolvimento

Chama-se Leader (Ligação entre as Acções de Desenvolvimento da Economia Rural) o programa anunciado ontem, em Bruxelas, para encorajar a aproximação integrada das regiões menos favorecidas da Comunidade. A iniciativa vai libertar cerca de 68 milhões de contos até ao final de 1993.

Para se beneficiar destas ajudas, a Comissão assinará acordos com os organismos nacionais de cada Estado, a quem cabe apresentar propostas. Um aspecto importante do Leader será a utilização de novas técnicas de informação e de comunicação.

Cem agências locais serão instaladas nas diversas zonas consideradas objectivos 1) e 5b) e dotadas de material para tratamento e transmissão de dados.

Será graças a este sistema que as agências estabelecerão uma autêntica rede que lhes permitirá a troca de informações e de experiências, para além de acompanhar as actividades económicas no domínio da oferta e da procura. Com este tipo de actuação pretende-se que cada agência sirva de modelo e que tenha um efeito multiplicador relativamente à sua actividade.

A Comissão prevê que se enquadrem nos objectivos da Leader a formação profissional, turismo rural, investimento em equipamentos de base, estabelecimento de pequenas empresas de serviços, particularmente no domínio da agricultura, exploração e comercialização de produtos agrícolas e um incentivo à melhoria de qualidade.

José Rui Cunha
Bruxelas

CARTA DE MOSCOVO

Repúblicas bálticas

Cinquenta anos de «poder soviético» ou de «anexação»?

Continuam a ser diferentemente encarados por soviéticos e bálticos os acontecimentos que há 50 anos levaram à incorporação da Estónia, Letónia e Lituânia na União Soviética, numa altura em que está para breve o início, entre Moscovo e Vilnius, de negociações com vista à independência da última daquelas três Repúblicas.

Em todas elas, o sábado passado foi o dia do 50.º aniversário da «anexação» depois de um período de independência, entre as duas guerras, reconhecida pelo Kremlin nos tratados celebrados entre a Rússia soviética e as Repúblicas bálticas nos anos 20.

Para Moscovo, a data é o aniversário do «restabelecimento do poder soviético» naquelas Repúblicas, que apenas se tinham tornado independentes da Rússia no decurso da Revolução de Outubro de 1917, devido à «contra-revolução burguesa».

E, no entanto, depois que uma comissão especial designada pelo Congresso de Deputados do Povo e presidida pelo antigo membro do Bureau Político do CC do PCUS e hoje membro do Conselho Presidencial, Aleksandr Iakoviev, reconheceu em Dezembro passado a existência de um pacto secreto entre Staline e Hitler, em 1939, é difícil negar que nem tudo se passou de forma límpida.

Parece hoje absurdo negar o relacionamento directo do pacto Molotov-Ribbentrop com os acordos entre a URSS e as repúblicas bálticas no final de 1939, o ultimato imposto por Staline a estas Repúblicas em 1940, o estacionamento de unidades militares soviéticas nos países bálticos, a demissão forçada dos seus governos legítimos, a formação de novos gabinetes favoráveis a Moscovo e a realização de eleições sob o controlo de testas-de-ferro de Staline - Dekanozov, Vichinski e Jdanov.

Mas se a divisão em esferas de influência resultante do pacto secreto é reconhecido e condenado por Moscovo, o mesmo não acontece com tudo o resto. A opinião pública soviética não parece estar preparada para tal, não só tendo em conta a reacção dolorosa ao vertiginoso evoluir dos acontecimentos no Leste europeu, mas também às tensas relações existentes entre a população autónone e a população russófona das três Repúblicas bálticas.

Estas encontram-se actualmente a meio-caminho rumo à independência total. Parece já estar ultrapassado o momento em que poderiam ter aceite uma confederação. Os parlamentos bálticos pressionados pelos movimentos populares que reflectem os interesses da maioria autóctone, aprovaram declarações de independência.

Moscovo insistiu, de início, em que estes actos fossem anulados, o que seria uma humilhação nacional para os estonianos, letões e lituanos. Foi então possível encontrar uma solução «salomónica»: «congelar» a vigência dos actos de independência, para que Moscovo pudesse levantar as sanções económicas contra o «pioneiro» da secessão, a Lituânia. Ambas as partes salvaram assim a face e abriram caminho para as conversações.

A Letónia e a Estónia aguardam igualmente de Moscovo uma resposta ao convite para negociar, mas a vez delas ainda não chegou. A Lituânia propôs conversações segundo a fórmula «três mais um». O Kremlin rejeitou-a. É mais fácil defender posições frente a um oponente do que contra três. As conversações «em separado» parecem igualmente mais lógicas, já que se trata de três países independentes e os povos do Báltico sempre têm protestado conta o hábito de os confundir.

O Presidente Gorbachev nomeou o primeiro-ministro Rijkov para dirigir a comissão encarregada de negociar com a «República Socialista Soviética da Lituânia». Uma tal «República» já não existe «de facto», o que Gorbachev deve saber perfeitamente, porém, existe «de jure», isto é, segundo as leis soviéticas. O Presidente da URSS é obrigado a observar estas leis, tal como o Presidente da Lituânia, Vitautas Landsbergis, segue as leis lituanas, ao chamar ao seu país «República da Lituânia», conforme deliberou o Parlamento.

No dizer de Landsbergis, a Lituânia não tem pressa em entabular conversações antes de definir a posição a ocupar nelas. É isto que o Soviete Supremo da Lituânia está agora a fazer.

Cinquenta anos é um período bastante prolongado. Os países bálticos ficaram ligadosà URSS por vínculos tão fortes que parece impossível cortá-los de vez. A orientação das economias da Estónia, Letónia e Lituânia «para o Leste» não pode ser invertida numa só noite. Vale igualmente a pena salvaguardar o potencial, acumulado em séculos, de cooperação e enriquecimento mútuo das culturas bálticas e eslavas, tanto mais que uma grande percentagem da população dos três países (de 20 por cento na Lituânia a 50 por cento na Letónia) não pertence aos povos autóctones.

Surge, no entanto, uma pergunta lícita: terão os países bálticos daqui a cinco anos como vizinho a URSS? A maioria das quinze repúblicas federadas seguiu já o exemplo das bálticas, tendo aprovado declarações de soberania, eleito os seu próprios presidentes e colocado as leis republicanas acima das federais.

Não é só Moscovo que se prepara para as conversações com a Lituânia. Também o Chefe de Governo da Federação Russa, com sede igualmente em Moscovo, propôs a Vilnius um tratado de cooperação.

A entrega aos sovietes dos poderes outrora pertencentes ao Partido Comunista concorre igualmente para as tendências centrífugas, já que o PCUS tem sempre sido a principal força que cimenta a União.

Como será a União Soviética à luz destas tendências? Uma união de países independentes, à semelhança do Mercado Comum, ou um país unitário com alguns membros associados, análogo ao antigo Império da Rússia?

Seja como for, tudo indica que os países bálticos ficarão à margem de qualquer dessas futuras estruturas.

Guennadi Petrov

CARTA DE WASHINGTON

Questões que mesmo Salomão teria dificuldade em resolver

Nesta cidade, os meses de Verão são normalmente calmos, em grande parte devido ao calor opressivo e à humidade quase tropical de Julho e Agosto que levam as pessoas sensatas a escolherem locais mais frescos e secos para gozarem as suas férias. Mas este ano não houve qualquer pausa de Verão e o ritmo das actividades é ainda mais intenso que durante a longa e invulgarmente fresca Primavera. Um dos acontecimentos mais interessantes dos últimos dias foi o veredicto do Tribunal Federal de Apelação desta cidade que anulou a condenação do tenente-coronel Oliver North, acusado de ter destruído documentos confidenciais no início do escândalo Irão-Contras, bem como as instruções ao Tribunal de Primeira Instância que considerou North igualmente culpado de duas outras acusações

. Na opinião do Tribunal de Apelação, as provas apresentadas contra North poderão ter sido «viciadas», pelo facto de algumas delas parecerem ter origem no seu depoimento público prestado perante as comissões de investigação do Congresso. No entanto, de acordo com os termos estabelecidos no seu depoimento, nada do que tivesse dito perante o Congresso poderia ser usado contra ele nos processos criminais.

Isto pode parecer uma questão um pouco abstracta, mas levanta uma série de perguntas essenciais que ultrapassam este caso específico e problemas relacionados com a jurisprudência americana, levando-nos a pensar em algo que está na primeira linha das mudanças revolucionárias presentemente em curso na Europa de Leste e que podem, em breve, ocorrer em muitos outros países espalhados pelo mundo. Por outras palavras: qual a acção correcta que deve ser tomada contra antigos funcionários governamentais, que se pensa terem tido comportamentos irregulares?

Desde o início do caso Irão-Contras que os americanos argumentam se os «crimes» de North e seus associados deviam ou não ter sido levados à barra do Tribunal Civil. As suas transgressões, de acordo com estas opiniões, eram de carácter político; ele fez coisas que muitos membros do Congresso não gostaram e tinham tentado evitar. Se ele fez isso, a solução normal seria demiti-lo e denunciar os seus crimes, servindo assim de aviso para outros funcionários governamentais que não ficariam impunes por comportamentos semelhantes no futuro. A opinião contrária é que os seus actos não foram simples desinteligências políticas, mas antes constituíram crimes graves que, como tal, deviam ser levados perante a justiça.

Esta questão está agora, evidentemente, a ser enfrentada pelos novos governos do antigo Império Soviético. O que é que os checoslovacos, polacos, alemães orientais e húngaros deverão fazer com os seus antigos dirigentes? Deverão ser levados a Tribunal pela sua participação em décadas de opressão e miséria que afectaram os infelizes cidadãos desses países? Ou será suficiente exonerá-los e prosseguir na construção da democracia?

Claro que não se trata de questões fáceis e mesmo Salomão teria dificuldade em dar uma resposta definitiva. Com toda a probabilidade, há antigos funcionários governamentais cujos actos foram tão repreensíveis que só um Tribunal poderia julgá-los e aplicar o castigo adequado. Mas, além disso, a sociedade tem um interesse adicional: é extremamente importante que os cidadãos da Europa de Leste e Central aprendam a sua história, que sejam capazes de reconstruir exactamente o que lhes aconteceu durante a longa noite do comunismo e que saibam situar a sua própria história no âmbito mais alargado da história do mundo civilizado. Eles, tal como nós, precisam de conhecer a verdadeira história do terrorismo internacional e das prolongadas campanhas de desinformação que foram dirigidas, simultaneamente, contra eles e contra nós. E não é de forma alguma claro que os Tribunais sejam os locais ideais para conduzir uma pesquisa histórica.

No caso Irão-Contras, a «criminalização» das actividades de North e de todas as restantes pessoas envolvidas no escândalo garantiu virtualmente que a verdade não fosse contada na sua totalidade, uma vez que os intervenientes tinham todo o interesse em contar o mínimo possível. Além disso, durante a caça aos «criminosos», os verdadeiros participantes não podiam comunicar entre si. As contradições existentes nos vários depoimentos foram resolvidas - se é que o foram - pelos investigadores e pelos juízes.

Se alguém estivesse interessado em descobrir o que de facto acontecera, teria sido muito melhor permitir que pelo menos alguns dos participantes tivessem discutido entre si alguns dos acontecimentos, já que em muitos aspectos ninguém sabia a história completa e assim ter-se-iam ajudado mutuamente a separar a verdade dos boatos. Considerando a memória humana tão falível como é, tais discussões podiam ter clarificado alguns dos mistérios do caso.

Em resumo, há muitos casos onde a vingança entra em conflito com a procura da verdade, mas todos nós temos um interesse primordial em que a verdade seja descoberta. Talvez que o caso do coronel North venha ajudar outros a controlar os desejos de vingança, de modo a permitir que a verdade possa, finalmente, ser contada.

Michael Ledeen

Tradução de Carlos Santos

Aristides Pereira pediu «transparência» no processo

Cabo Verde acelera transição para o multipartidarismo

O «respeito pela democracia pluralista» e a «defesa de um sistema político multipartidário» são as principais novidades do futuro programa do Partido Africano da Independência de Cabo Verde (PAICV), reunido na Cidade da Praia em congresso extraordinário que se prolonga até sábado.

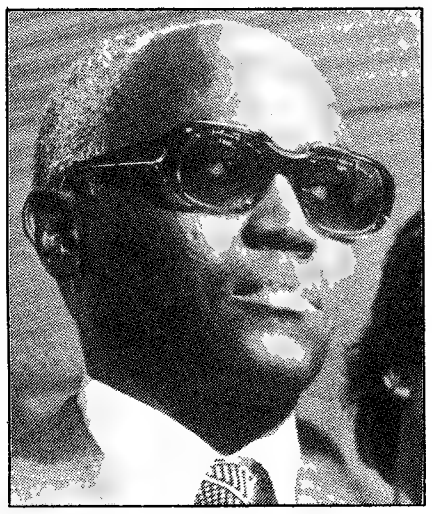
O congresso, inaugurado ontem, consagra também um novo papel do Estado «regulador do desenvolvimento» e não «direcção do sistema económico», como preconizava o anterior programa, aprovado em 1983.

O PAICV, há 15 anos no poder, já não defende uma «democracia nacional revolucionária» onde o partido era «a principal instituição de poder político», mas sim «um sistema político multipartidário que combine a democracia representativa e a democracia participativa».

Rompendo com a sua inspiração leninista, o PAICV defende agora um Estado de direito e retirou do programa as referências do «centralsimo democrático, direcção colectiva, crítica e autocrítica».

A plataforma programática que o congresso irá aprovar preconiza «o debate franco na formação de decisões» e «o pluralismo de opiniões e a liberdade de crítica».

No plano externo, o PAICV defende «o reforço dos laços de solidariedade política» com a Internacional Socialista,



Aristides Pereira empenhado na transição para a democracia pluripartidária em Cabo Verde

a União Interparlamentar e o Movimento dos Não-Alinhados.

Herdeiro do ramo cabo-verdiano do PAIGC - Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verd, fundado nos anos 50 por Amílcar Cabral - o PAICV decidiu, em Fevereiro, abrir o país ao multipartidarismo.

No âmbito dessa «histórica decisão», a Constituição será pontualmente revista em Setembro ou Outubro, e em Novembro realizar-se-ão, pela primeira vez, eleições presidenciais por sufrágio directo.

O futuro Presidente convocará depois eleições legislativas e, em 1991, o primeiro Parlamento pluripartidário de Cabo Verde elaborará uma nova Constituição.

Uma transição «exemplar»

O Presidente de Cabo Verde e secretário-geral do PAICV, Aristides Pereira, exortou ontem os militantes do partido a garantirem «uma transição exemplar e transparente para um sistema pluripartidário.

«Vivemos um momento ímpar da história de Cabo Verde» - disse o Presidente cabo-verdiano na sessão de abertura do congresso. Aristides Pereira reafirmou a intenção de se desvincular do partido após o congresso, considerando que o Presidente da República deve ter «total autonomia em relação às diversas forças políticas».

De referir que um dirigente «histórico» do PAICV escusou-se ontem a comparecer ao congresso extraordinário, num gesto considerado de auto-exclusão. Trata-se de Osvaldo Lopes da Silva, veterano da luta de libertação nacional e membro do Governo cabo-verdiano desde a independência do país, em 1975.

Redacção «DL»/Lusa

Mubarak consegue conversações directas para o fim-de-semana

Afastada hipótese de guerra Iraque-Kuwait

O pagamento de uma indemnização de 2.400 milhões de dólares, o perdão da dívida iraquiana, a elevação do preço do barril de petróleo e uma redução da produção kuwaitiana, devem ser os assuntos a negociar entre o Kuwait e o Iraque durante este fim-de-semana em Jida, na Arábia Saudita. Os esforços diplomáticos do Presidente egípcio Hosni Mubarak, o temor do envolvimento dos EUA e a moderação kuwaitiana, levaram a que ontem fosse afastada a hipótese de um novo confronto militar no Golfo Pérsico.

Mubarak, que nos últimos dias fez uma verdadeira maratona diplomática viajando de capital para capital e reunindo-se com os líderes árabes, parece ter sido para já o grande vencedor deste diferendo, conseguindo apresentar um plano de conversações aceite pelas duas partes.

Resta agora saber se Iraque e Kuwait conseguirão entender-se à mesa das negociações. Os iraquianos querem uma indemnização como compensação pelo petróleo que desde 1980, segundo Bagdad, os kuwaitianos têm «roubado» na região fronteiriça entre os dois países. Quanto ao perdão da dívida contraída ao Kuwait, os iraquianos acreditam que ela se justifica pelo facto de terem perdido cerca de 14 mil milhões de dólares com a descida dos preços do petróleo, causada pelo excesso de oferta do Kuwait e dos Emirados Árabes Unidos nos mercados internacionais.

Durante a reunião da OPEP a decorrer em Genebra, o Kuwait já se pronunciou favorável a um aumento «razoável» do preço mínimo do barril, actualmente fixado em 18 dólares, embora não se saiba se esse aumento poderá chegar aos 25 dólares pretendidos por Bagdad e pela Líbia. Quanto à redução da produção, parece não ser objecto de grande discórdia, com o representante kuwaitiano a declarar que não vai insistir nesse ponto.

Mubarak, ao mesmo tempo que anunciava o encontro em Jida, fez um apelo aos EUA para evitarem uma escalada militar no Golfo, numa clara referência aos exercícios conjuntos da esquadra norte-americana está a efectuar com forças dos Emirados Árabes.

Redacção «DL»/AFP

BREVES

Hungria sai do Pacto de Varsóvia em 1990

A Hungria «vai se retirar do Pacto de Varsóvia até ao final do ano se entretanto a organização não se dissolver», declarou o primeiro-ministro húngaro Jozsef Antall, ontem em Budapeste, durante uma conferência dos embaixadores do país no estrangeiro. Com esta declaração, Antall antecipou em um ano a data anunciada em Junho pelo Governo húngaro que só previa a retirada do Pacto em fins de 1991.

Doe não reconhece situação desesperada

O Presidente da Libéria, Samuel Doe, sitiado por forças rebeldes, parece não reconhecer que a sua situação é desesperada e não mostra qualquer intenção em deixar o país. A opinião é de um porta-voz do departamento de Estado norte-americano, referindo que nas conversações privadas que na terça-feira Doe manteve com o embaixador dos EUA em Monróvia, o Presidente liberiano portou-se como se tratasse de uma «reunião de rotina», tendo discutido planos para o futuro, incluindo uma proposta de eleição.

Boesak abandona sacerdócio

O activista anti-*apartheid* sul africano e dirigente religioso, Allan Boesak, abandonou ontem o sacerdócio para se dedicar à política e à namorada, que é sobrinha de um antigo ministro branco. Boesak, de 45 anos de idade, disse que a mulher tinha iniciado o processo de divórcio depois de revelações, há um mês, da sua relação amorosa com a produtora de televisão Elna Botha. Em termos de *apartheid*, Boesak é considerado um mestiço. Foi o fundador da Frente Democrática Unida, chefe da Igreja Missionária Reformada Holandesa na África do Sul e presidente da Aliança Mundial das Igrejas Reformadas, sediada em Genebra.

Albaneses em greve de fome em Itália

Vinte e quatro refugiados albaneses que chegaram a 13 de Julho ao campo de Restinco, perto da cidade italiana de Brindisi, estão em greve de fome para obter autorização para emigrar para a RFA. Os grevistas decidiram não morar mais nas barracas que lhes foram atribuídas em Restinco e instalaram-se com as suas mulheres e filhos na parte central do campo.

EUA e Coreia do Norte melhoram relações

As chances que se instaurem melhores relações entre as duas Coreias e que as actividades comerciais entre Pyongyang e Washington se desenvolvam, aumentaram consideralvelmente nos últimos dois meses, estimou ontem um responsável do departamento de Estado norte-americano. «O momento é verdadeiramente propício», declarou o sub-secretário-adjunto para o Extremo Oriente e Pacífico, DeSaix Anderson, diante da sub-comissão da Câmara de Representantes para a Ásia. Durante 11 encontros entre norte-americanos e norte-coreanos, que decorreram ao longo de um ano em Pequim, os EUA propuserem medidas susceptíveis de poder conduzir ao estabelecimento de laços mais estreitos entre os dois países, declarou Anderson.

Cuba comemora assalto ao Moncada

Num clima de crise aberta pelos cubanos refugiados nas embaixadas ocidentais, Cuba festeja hoje o aniversário do assalto ao quartel Moncada, transformado em festa nacional. Cuba comemora a derrota sofrida pelas forças revolucionárias no assalto ao último reduto do ditator Baptista, que será considerada a semente do triunfo de Castro e o início da guerra civil, culminada a 1 de Janeiro de 1959 com a instauração do regime comunista. Enquanto nas ruas de Havana se festeja a histórica data, as embaixadas permanecem cercadas para impedir que outros cubanos se juntem aos 22 refugiados. No entanto, em Madrid, 50 moradores, ameaçados de expropiação, pediram asilo a Cuba. Entretanto os três cubanos que se refugiaram na embaixada suíça já abandonaram aquela sede com a garantia de que não sofrerão represálias das autoridades cubanas. Quanto aos refugiados na embaixada de Espanha, e apesar do tom mais conciliatório adoptado por Havana, a situação permanece estacionária e cheia de contrastes, como este 37º carnaval de Cuba, afinal.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

S. R.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS PRISIONAIS

Faz-se público que se pretende celebrar contrato de trabalho a termo certo até ao final do corrente ano com indivíduo habilitado com a respectiva carteira profissional para exercer funções de electricista no Hospital Prisional de S. João de Deus, em Caxias, com a remuneração mensal de 45 600$00 (quarenta e cinco mil e seiscentos escudos). As inscrições deverão dar entrada na Direcção Geral dos Serviços Prisionais, T. Cruz do Torel n.º 1 — 1198 LISBOA CODEX, impreterivelmente até 31 de Julho.

ECONOMIA

BREVES

Posto de câmbios BNU na praia da Rocha

O Banco Nacional Ultramarino tem a funcionar na Praia da Rocha (edifício Concorde) um novo balcão dedicado aos câmbios. Concebido para responder ao grande afluxo de turistas, dispõe de equipamento e de organização interna adequados a satisfazer, com rapidez, todos os que pretendam trocar moeda estrangeira.

Air Atlantis voa para Tunis

A Air Atlantis inicia hoje um voo semanal entre Lisboa e Tunis destinado a transportar cerca de 1300 turistas portugueses que vão passar férias de Verão à Tunísia. Esta nova rota vai manter-se até ao final de Setembro, tendo ao seu dispor um avião B737/300. Os voos são organizados pela Munditur.

Fonsecas & Burnay gere patrimónios

O Fonsecas & Burnay associou-se com os gestores financeiros Alexandre Relvas e Filipe Botton (Norfin) para constituir uma sociedade gestora de patrimónios, iniciativa que se insere na estratégica de transformação do banco em grupo prestador de serviços financeiros integrados. O Fonsecas deterá uma participação de 65 por cento do capital, cabendo o restante à Norfin. Complementarmente, a cobertura da restante área de patrimónios será assegurada pela Gerifirme, uma nova sociedade gestora de fundos em que o Fonsecas detém 99 por cento do capital social.

Reinhold vai investir em Barcelona

O grupo imobiliário Reinhold vai construir um centro comercial nos arredores de Barcelona, investindo 550 milhões de libras no empreendimento. As obras deverão iniciar-se em 1991, devendo estar totalmente concluídas em 1996. O centro estará dotado de escritórios «inteligentes», um hotel de 200 quartos, sete áreas comerciais e zonas de lazer. Dará trabalho a cerca de três mil pessoas.

Depois de apenas seis meses de negociações, a Espanha, que tantos problemas causou a Portugal, contrata com a França o fornecimento de energia eléctrica. Os dois países ibéricos visam idêntico objectivo: ganhar tempo comprando mais barato

Espanha presta vassalagem à electricidade francesa

A França vai fornecer mil megawatts de electricidade à Espanha, durante um período de dez anos. «Foi certamente um acordo mais fácil do que o realizado por Portugal», comentou o ministro da Indústria, Mira Amaral, ao referir-se às dificuldades que se depararam aos portugueses para se abastecerem de energia em França.

Segundo Mira Amaral, a posição portuguesa foi prejudicada pelo facto de a electricidade francesa ter de passar por território espanhol. «A negociação envolvia um terceiro país, de quem necessitávamos autorização para que a energia eléctrica pudesse circular na sua rede», salientou.

De referir que o acordo luso-francês, tal como o da franco-espanhol, vigora por um período de dez anos, devendo em ambos os casos o fornecimento ter início em 1994.

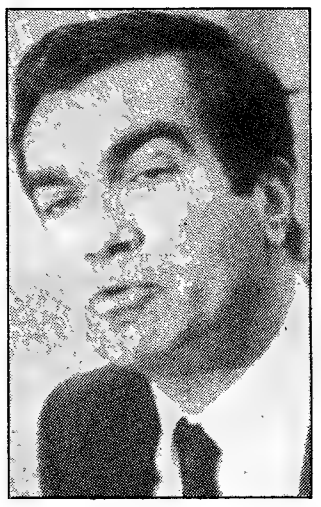
«Ao assegurarmos a compra de energia, durante dez anos, a um país com a capacidade nuclear instalada excedentária como a França, podemos diferir no tempo a concessão de novas centrais eléctricas e, portanto, atrasar investimentos, poupando, assim, dinheiro», explicou Mira Amaral.

Recordou ainda que o custo de energia eléctrica importada de França é mais barato do que resulta da produção de electricidade nas centrais termo eléctricas portuguesas, a carvão ou a petróleo.

Primeiro passo

Por seu turno, Claudio Aranzadi, ministro da Indústria espanhol, considerou o acordo firmado entre o seu país e a França como o «primeiro passo no planeamento da procura energética dos anos 90».

O contrato foi assinado num momento em que o Governo espanhol está a elaborar o novo Plano Energético Nacional, que ainda este ano vai ser presente ao Parlamento para aprovação.



Mira Amaral: vizinhança facilitou acordo franco-espanhol

O novo Plano define a política do Governo de Felipe Gonzalez sobre a energia nuclear. A dúvida é sobre se se manterá o congelamento nuclear ou se se irá investir nesta área, com a conclusão da central nuclear de Valdecaballeros, na província de Badajoz.

Dadas a forte oposição a esta última hipótese, mesmo dentro do partido do Governo, a solução mais viável afigura-se, para já, a do congelamento da opção nuclear.

Entretanto, foi revelado que o custo da energia importada por Espanha de França deverá ascender a 585,2 milhões de contos, durante os dez anos fixados no acordo.

As negociações demoraram apenas seis meses, prosseguindo agora o estudo da ampliação do contrato, elevando-o para dois mil megawatts, com uma consequente baixa do preço.

Tribunal de Contas prepara-se para 93

A evolução que o Tribunal de Contas irá sofrer face às futuras revisões dos diferentes Tratados que regem os organismos comunitários, no âmbito da criação do Mercado Único de 1993, motivou a deslocação a Portugal de Aldo Angioi, presidente do Tribunal de Contas da CEE. Durante um encontro que teve com Cavaco Silva, aquele responsável comunitário salientou as boas relações existentes entre o órgão a que preside e o Tribunal de Contas português, com cujo presidente, Sousa Franco, também se reuniu.

Segundo fonte do gabinete do primeiro-ministro, Cavaco Silva referiu a necessidade de haver um reforço das tarefas do Tribunal de Contas, dadas as alterações que se irão verificar.

Nos dois dias anteriores ao seu encontro com o chefe do Governo, Aldo Angioi manteve contactos com os diversos responsáveis portugueses pelas aplicações dos fundos comunitários: ministros do Planeamento, Indústria, Agricultura e Emprego e secretários de Estado do Orçamento e Integração Europeia.

Segundo a mesma fonte, Angioi afirmou estar satisfeito com o «grande empenhamento e motivação» que encontrou naqueles membros do Governo, relativamente à apresentação de projectos candidatos àqueles fundos.

«DL»/Lusa

Estrangeiros mantêm compras na Bolsa

Durante os primeiros três meses deste ano, os estrangeiros investiram 65 milhões de contos na compra de títulos nas Bolsas portuguesas. Este valor é quádruplo do verificado em igual período de 1989.

Com estas aquisições, os investidores não-residentes aumentaram a sua carteira de títulos portugueses para 271 milhões de contos, mais 52 do que no final do ano passado. Tal como tem acontecido nos três últimos anos, os estrangeiros assumiram uma atitude maioritária de compra. Durante este ano, até Março, compraram títulos no valor de 65 milhões de contos e venderam o equivalente a cerca de 18 milhões.

O seu peso no total do volume de negócios bolsista realizado em Bolsa e fora de Bolsa (520 milhões de contos) representou 18,9 por cento.

As acções continuaram a ser o "papel" mais apetecido por estes investidores: o seu *stock* em Março era de 213 milhões de contos. O valor do das obrigações não passava, então, de 17 milhões. Em termos de origem dos investidores estrangeiros, destaca-se a Inglaterra com 51,7 por cento, seguida pela Suíça (17), Estados Unidos da América (10,3) e Espanha (8,6).

«DL»/Lusa

Mais quatro milhões para tecnologia

Quatro milhões de contos foram prometidos pelo ministro Mira Amaral para centros tecnológicos de apoio à actividade industrial, investimento que vai ser feito no âmbito do PEDIP.

Segundo o ministro da Indústria, estes centros «são instrumentos importantes para apoiar sectores industriais nas áreas da tecnologia, qualidade, *design* e formação de pessoal qualificado».

Actualmente existem seis centros tecnológicos, distribuídos pelas áreas da metalomecânica, têxteis, vesturário, calçado, cortiça, cerâmica e vidro, madeira e mobiliário. Estão em instalação os de couro, moldes, óptica e para a valorização de rochas ornamentais e industriais.

Massa cinzenta

«É preciso pôr a massa cinzenta portuguesa ao nível da europeia», afirmou Mira Amaral no Porto, no decorrer da sessão comemorativa do décimo aniversário do Inesc (Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores).

No entanto, considerou que, ao contrário do que tem acontecido até agora, o desenvolvimento tecnológico e as actividades de investigação não podem continuar a ser subsidiadas na sua maior parte pelo Estado.

Para o ministro da Indústria, o financiamento tem de resultar cada vez mais de uma acção integrada entre os institutos de investigação e as empresas.

Mira Amaral revelou ainda que 1,4 milhões dos 12,4 milhões de contos gastos no âmbito do PEDIP até Maio deste ano destinaram-se a investigação e desenvolvimento.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	42$95	48$95
ALEMANHA FED. (marco)	87$00	88$20
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	4$038	4$288
BRASIL (cruzeiro)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	122$50	125$00
(notas de 5 a 1000)	123$00	125$50
DINAMARCA (coroa)	22$90	23$30
ESPANHA	1$386	1$506
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	141$35	144$85
(notas de 5 a 1000)	141$85	145$35
FINLÂNDIA (marka)	37$10	37$70
FRANÇA (franco)	25$95	26$65
HOLANDA (florim)	77$30	78$40
IRLANDA (libra)	234$70	238$70
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$906	$961
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	256$35	260$85
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	102$15	103$65
VENEZUELA (bolívar)	2$531	3$331

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Depois de maratona de seis horas

Câmara de Lisboa chumbou «Colombo»

A maratona começou às nove horas da noite de ontem e prolongou-se até tarde. Eram quase duas da manhã quando a vereação do executivo municipal lisboeta revogou o despacho de Nuno Abecasis que, em 17 de Novembro do ano passado, havia autorizado o aumento de volumetrias do projecto «Colombo», de Belmiro de Azevedo, localizado próximo do Colégio Militar.

Até chegarem à deliberação final, vereadores e presidente discutiram e analisaram documentos. O debate foi quente e, no fim quando chegou a altura de votar, separaram-se as águas e reinou alguma desorientação no seio dos vereadores centristas.

A proposta de revogação do despacho, apresentada por Sampaio, acabou assim por reunir os votos favoráveis dos vereadores do PS, PCP, PPM, de Marcelo Rebelo de Sousa e Amaral de Almeida (ambos do PSD) e ainda de Carlos Pardal, do CDS.

Votaram contra Vítor Gonçalves, do PSD, Ramada Curto, José Luís Seixas e Ferreira do Amaral, do CDS.

O «chumbo» do «Colombo» baseou-se no facto de o projecto, nos moldes em que foi aprovado por Abecasis, «violar o regulamento do Plano Geral de Urbanização de Lisboa», bem como o disposto no Regulamento Geral das Edificações Urbanas.

Na proposta, o actual elenco camarário sublinha que «não tem qualquer responsabilidade cívica no âmbito de todo o processo».

Apesar de a decisão ontem tomada anular a escritura realizada entre a Sopasa, a promotora do empreendimento, e a anterior gestão camarária, o actual executivo municipal mantém a disponibilidade para negociar com a adjudicatária,desde que o processo ocorra nos parâmetros da legislação em vigor.

Este é o ponto da situação e ainda não se conhecem as reacções da parte da Sopasa.

A Avenida vai ficar livre de um «papagaio» intruso

Prevendo talvez já este desfecho, a empresa distribuiu ontem de manhã pelos gabinetes dos vereadores documentação sobre o processo.

O episódio gerou algum mal-estar no município uma vez que correram informações cruzadas, segundo as quais o vereador centrista Ramada Curto teria andado a «ajudar» na distribuição dos documentos. Confrontado com estas afirmações, Ramada Curto negou-as rotundamente. «Não sou um agente perigoso do engenheiro Belmiro nem fui comprado por ele», respondeu,agastado.

Na carta enviada aos vereadores, a Sopasa afirma que «a Câmara devia honrar compromissos, mesmo que para tal tenha de recorrer aos instrumentos legais ao seu dispor, nomeadamente elaborando um plano de pormenor», para o local.

«Na hipótese de ocorrer impossibilidade de cumprir pontualmente as obrigações assumidas, à Sopasa não restará alternativa à transferência para a Câmara Municipal de Lisboa das consequências que dela advierem», referem ainda os documentos.

«Papagaio» voa da Avenida

A anteceder a reunião extraordinária realizou-se a última sessão pública da Câmara Municipal de Lisboa antes das férias, durante a qual se decidiu, após debate aprofundado de alguns pormenores, que o «Papagaio» da Avenida da Liberdade (a polémica esplanada em ferro situada frente ao S.Jorge) dentro em pouco «voe» para outras paragens da capital.

A resolução foi tomada após adendas a alguns pontos da proposta subscrita pelo vereador Machado Rodrigues, de entre as quais se destaca uma chamada de atenção à Câmara pelo facto de o processo que rodeou o aparecimento daquela construção «suscitar interrogações jurídicas que envolvem a adjudicatária».

A vereação optou ainda por retirar as referências concretas à indemnização a pagar futuramente à actual promotora do empreendimento, uma vez que se verificarão acertos às contas já feitas. Desta forma, o montante «será calculado pela forma constante das condições de hasta pública».

A data para o início da remoção da esplanada ainda não foi definida . O local onde deverá ser reedificada aquela estrutura ficou igualmente por saber, embora tudo indique que o Alto da Serafina seja o lugar escolhido pelo executivo camarário.

O vereador Rui Godinho deu a conhecer à Câmara a notícia do subsídio comunitário para a reabilitação da Mouraria, conseguido na passada semana em Bruxelas. Esta verba «simbólica», na opinião daquele vereador, representa um precedente para futuras candidaturas do município lisboeta. Ainda no âmbito de candidaturas a dinheiros comunitários refira-se que a Câmara salvou «in extremis» uma outra que se destinava ao Chiado. O «DL» apurou que cerca de 250 mil ecus poderiam ter sido «perdidos» se o envio do ofício relativo àquela verba não tivesse sido acelerado pelo vereador Rui Godinho.

Luísa Alexandra Botinas

Comissão europeia lança proposta

Trabalhar de mais faz mal à saúde

Do nosso correspondente em Bruxelas

Uma proposta de directiva sobre a regulamentação do tempo de trabalho e período de descanso foi apresentada ontem pela comissária detentora do pelouro dos Assuntos Sociais.

Vasso Papandreou, sujeita a uma verdadeira avalancha de perguntas dos jornalistas ingleses (o Reino Unido não possui legislação sobre a matéria), justificou a sua proposta dizendo ser intenção vê-la entrar em vigor a partir de Janeiro de 1993. «Está provado que os países que melhores condições de trabalho oferecem, melhores índices de produtividade alcançam» - afirmou Papandreou referindo-se quase exclusivamente aos ingleses.

A comissária europeia suscitou a questão da necessidade de garantir direitos mínimos aos trabalhadores, contrariamente à tese defendida pelo Reino Unido. Segundo este país trata-se de uma questão que não diz respeito à Comissão. «As nossas competências não se limitam às mercadorias e aos capitais» - disse a comissária grega, acrescentando que a sua proposta se baseava juridicamente no artigo 118-A e que o Reino Unido é um dos subscritores dos Tratados de Roma.

Onze horas de repouso

Vasso Papandreou alicerçou a sua tese em estudos mandados efectuar pela Comissão, nos quais se estabelece uma ligação directa entre os períodos de trabalho e os acidentes. Segundo a comissária, os acidentes aumentam na última fase de um período de trabalho de oito horas, nos turnos da noite e, nestes casos, entre as 3 e as 4 da manhã.

A directiva pretende obrigar os Estados membros a concederem períodos mínimos de descanso aos trabalhadores.

Preconiza, por exemplo, onze horas de repouso em cada 24 horas e, no mínimo, um dia de folga por semana. Estabelece que os trabalhadores em regime nocturno não podem efectuar horas extraordinárias e que aqueles que exercem a sua actividade por turnos beneficiem de disposições especiais, como por exemplo na avaliação do seu estado de saúde. Este tipo de trabalhador pode optar por horários normais, durante o dia, se provar que está afectado em termos físicos pelo horário em que exerce a sua actividade.

Direitos fundamentais

O Reino Unido pronunciou-se já sobre esta proposta considerando-a «extravagante, excessiva e onerosa». A Comissão, por seu turno, irá submeter a proposta ao Conselho de Ministros e sustenta que os Estados membros deverão adaptar as suas legislações a este tipo de exigências.

Ao apresentar a proposta de que é primeira signatária, Vasso Papandreou referiu que a Carta Comunitária dos Direitos Sociais Fundamentais dos Trabalhadores especifica que a «realização do Mercado Interno deve conduzir a uma melhoria das condições de vida e de trabalho na Comunidade Europeia. Este processo - referiu - far-se-á através de uma aproximação dessas condições nos diversos Estados membros, de uma progressiva melhoria dos locais de trabalho e de uma regulamentação dos períodos de tempo no exercício de uma actividade.

Os estudos em que a Comissão se baseia referem que, por exemplo, após oito horas de trabalho, o esforço físico e mental torna-se cada vez mais penoso consoante o aumento da fadiga. Isto verifica-se mesmo nos casos em que o trabalho é considerado ligeiro.

Estes efeitos são aumentados quando se trata de actividades que obriguem a posturas estáticas, a movimentos repetitivos, a tarefas pesadas e complicadas ou ainda naquelas que exigem uma grande dose de concentração. Este último caso é assinalável nas novas tecnologias, em que um turno longo tem tendência a fazer aumentar a quantidade de erros.

José Rui Cunha

Responsável de Hospitais de Coimbra aceita ida de pessoal para o Algarve

O principal responsável dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) defendeu ontem a deslocação de pessoal desta unidade clínica para o Algarve, durante os meses de Verão, a fim de se fazer face ao acréscimo sazonal de população aí provocado pelo turismo.

Melico Silvestre, presidente do Conselho de Administração dos HUC, sustentou que as condições sanitárias da costa meridional do País, com a avalanche de visitantes, exigem um «esforço de solidariedade», de custos, afinal, «limitados».

O mesmo responsável respondia, sem o citar, a um colega daquele orgão, segundo o qual o reforço do Serviço Médico no Algarve decidido pela tutela não terá tido em conta as necessidades das unidades hospitalares fornecedoras de quadros.

«A protecção do Algarve nesta época do ano tem de ser feita nestes termos», disse Melico Silvestre.

Controlado incêndio em Dominga da Feia

O incêndio que deflagrou ontem ao início da tarde em Dominga da Feia, concelho da Guarda, encontrava-se, ao fim da manhã de hoje, «completamente extinto», disse ao «DL» um elemento dos Bombeiros Voluntários da Guarda.

«Espera-se que alguns focos não se reencendam, mas não podemos garantir nada, porque o vento continua forte», acrescentou.O vento foi o principal responsável pela propagação do fogo que teria tido origem, segundo os bombeiros, numa queimada junto à localidade de Quintas, nas aproximidades de Amezendinha.

Ao fim da tarde de ontem, os bombeiros classificavam a situação de «extremamente grave», uma vez que na zona sinistrada, a cinco quilómetros da Guarda, não havia água nem acessos e a vegetação era espessa.

BREVES

Ministro espanhol visita Portugal

O ministro espanhol das Obras Públicas e Urbanismo, Sanz Cosculluela, chegou ontem a Lisboa para encontros de trabalho com delegações dos ministérios do Ambiente e do Planeamento e Administração do Território. A posição dos dois países sobre o dossier das redes transeuropeias, em discussão na Comissão das Comunidades Europeias, é um dos assuntos a debater entre Sanz Cosculluela e o ministro do Planeamento, Valente de Oliveira. Na-quela reunião, que decorreu durante a manhã, participou também a secretária de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional, Isabel Mota. Paralelamente, o secretário de Estado do Ambiente, Macário Correia, reuniu-se com o seu homólogo espanhol e com responsáveis do sector dos dois países.

Exposição de máscaras brasileiras

A discoteca Palm Beach, em Cascais, apresenta hoje ao público uma expo/venda sobre máscaras artesanais em pele, oriundas do Brasil, com características diferent es das habituais, designadamente o tamanho — cerca de 70 centímetros de diâmetro — e quatro e cinco tonalidades por cada máscara.

Galiza em Vila do Conde

Na Feira Nacional de Artesanato, que começa no próximo dia 28 em Vila do Conde, estarão presentes 113 concelhos do continente e regiões autónomas, para além da região da Galiza, que este ano foi convidada a participar no certame. Como inovação em relação às doze edições anteriores, foi instituido um prémio de 150 mil escudos destinado à melhor peça de artesanato.

Navegações portuguesas proporcionam prémios

O concurso «Navegadores Portugueses», uma iniciativa do Centro Nacional de Cultura, está aberto até ao próximo dia 30 de Setembro e conta com o apoio do Instituto da Juventude. O prémio, no valor de 500 contos, destina-se a autores de nacionalidade portuguesa que tratem o tema das navegações de quinhentos. O concurso foi alargado, este ano, à participação dos nacionais dos países de expressão portuguesa, graças ao patrocínio da Comissão Nacional da UNESCO que instituiu um prémio também no valor de 500 contos.

Aveiro mostra artesanato

A FARAV/90 - 11ª Feira de Artesanato da Região de Aveiro e 3ª Mostra Internacional de Artesanato será inaugurada, em Aveiro, no próximo dia 28, com o apoio da Cooperativa de Artesãos «A Barrica», da Região de Turismo «Rota da Luz» e do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP). Orga-nizada pela Câmara Municipal de Aveiro, esta fei-ra estará patente até ao dia 12 de Agosto e conta com a presença de 143 expositores, distribuidos pelos dois pavilhões e por 60 módulos. Ao longo de 15 dias, estarão presentes quatro dezenas de artesãos por-tugueses, e representantes do Brasil, Perú, Mar-rocos, Índia, China, Espanha, Inglaterra, Quénia, Paquistão, Senegal, Zimbabué, Filipinas e Hong Kong.

Ordem de Mérito da RFA para Fernando Gomes

O presidente da Câmara Municipal do Porto, Fernando Gomes, foi agraciado com a cruz de comendador da Ordem de Mérito pelo presidente a RFA e, ao discursar, disse que a Alemanha «encontrará na minha pessoa e nesta Câmara a permanente disponibilidade para todas as acções que visem o mútuo conhecimento entre os povos português e alemão, certos de que, assim procedendo, estamos a contribuir para a paz e progresso da pátria que nos é comum - a Europa». Fernando Gomes congratulou-se ainda com «o extraordinário papel que a existência de uma colónia alemã, composta por cinco mil subditos, tem representado para o Porto e sua região, contribuindo para o progresso e prosperidade da cidade em múltiplas actividades».

Castanheiros vão voltar à Serra de S. Mamede

O Parque Natural de S. Mamede, a área de paisagem protegida mais recentemente criada em Portugal, vai ter um plano de ordenamento que começa já a delinear-se.

O parque, que nos seus cerca de 32 mil hectares, abrange os concelhos de Portalegre, Arronches, Castelo de Vide e Marvão pretende aliar o desenvolvimento económico à conservação da natureza.

O plano de ordenamento é uma das suas prioridades, tendo já sido lançados os primeiros elementos para a sua elaboração pela Comissão de Coordenação Regional do Alentejo. Em breve será criada uma equipa de técnicos especializados para procederem à redacção final.

Tudo leva a crer que, em breve, o turismo e o artesanato possam vir a ser áreas a explorar. A serra dispõe de um assinalável património cultural e humano, como a maior judiaria medieval europeia em Castelo de Vide, pinturas rupestres em Arronches e uma enorme quantidade de estações arqueológicas que a transformam num local de grandes potencialidades turísticas.

Um outro projecto diz respeito ao artesanato local, pretendendo-se transformar oficinas de ferradores, ferreiros, sapateiros e outros artesãos em museus vivos. A caça será uma outra variante a ter em conta na dinamização da economia do parque. Além da perdiz, coelho, lebre já residentes, existe um projecto para a reintegração do corso no zona

Para já está em curso um projecto de tratamento e venda da castanha produzida localmente. No passado, os castanheiros constituiram grande parte da mancha florestal da serra, tendo o seu número diminuido progressivamente, devido a desastradas intervenções humanas e à doença designada por «tinta» que obrigou ao abate de enorme número daquelas árvores.

Actualmente são produzidas anualmente não mais de 500 toneladas de castanhas, normalmente vendidas a preços não compensadores.

O projecto de recuperação da produção de castanhas está a cargo do biólogo Rui Correia e tem como principal apoiante o ex-autarca de Castelo de Vide, Carolino Tapadejo. O projecto visa o desenvolvimento de todo o processo, desde a recolha da castanha até ao empacotamento final, passando pela desinfecção e calibragem. O empreendimento será da responsabilidader da Cooperativa Agrícola de Porto de Espada e conta com o apoio directo do Parque da Serra de S. Mamede.

O projecto poderá ser extensivo a outros frutos secos, de que a Europa é carente e grande consumidora. Segundo Carolino Tapadejo vai ser incentivada a implementação de viveiros de castanheiros e de outras árvores que produzam frutos secos com vista à reflorestação de zonas desertificadas da serra.

Universidade de Beja vai nascer no Outono

Segundo tudo leva a crer, Beja poderá ter uma Universidade já a partir do próximo ano lectivo, de acordo com uma notícia do jornal «Notícias d'Évora», que cita uma fonte do Governo Civil daquela cidade.

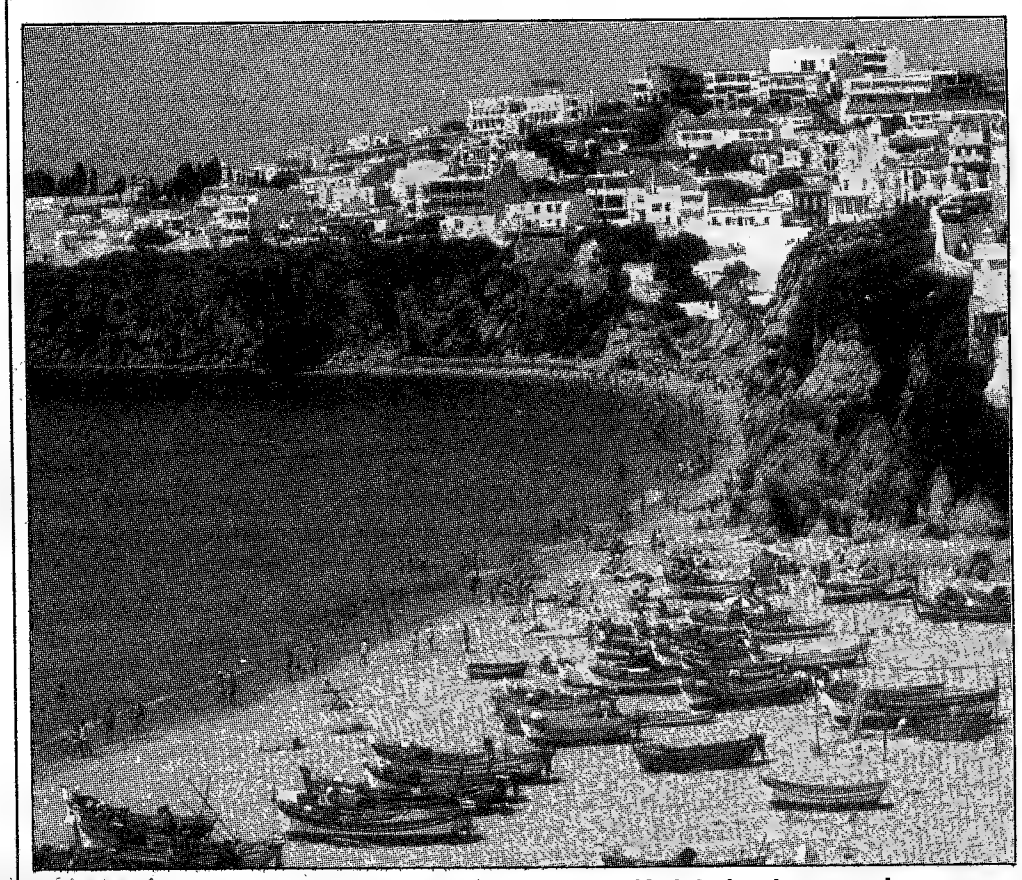
O único problema ainda não definitivamente solucionado é o das instalações. Recentemente, a Dimensino, a empresa particular gestora da Universidade Moderna, assinou com a Misericórdia de Beja um pré-protocolo para a cedência, por parte desta última entidade do antigo Hospital de Beja. Os serviços técnicos da Câmara de Beja elaboraram um estudo das necessárias obras de remodelação e beneficiação do edifício cujo custo total se elevaria a algo como 38 mil contos.

Trata-se de uma verba que ultrapassa as capacidades financeiras tanto da Dimensino como da Misericórdia, mas várias outras entidades se manifestaram interessadas numa colaboração, tanto económica como logística, para ultrapassar a situação. Nesse sentido, foi constituída uma comissão em que participam a Misericórdia, autarquias vizinhas, empresários e outros elementos ligados ao projecto, comissão essa que irá desenvolver esforços para a concretização das indispensáveis obras.

Um outro problema é o facto de o antigo Hospital de Beja se encontrar classificado como Monumento Nacional, o que implica que qualquer obra carece sempre da autorização do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), problema que poderá ser ultrapassado com uma intervenção do governador civil de Beja.

Seja como for, já se iniciou, desde há duas semanas, o processo de pre-inscrição dos alunos nos cursos de Direito, Investigação Social Aplicada e Estudos Europeus.

Paralelamente, o Instituto Superior de Psicologia Aplicada também pretende instalar-se em Beja, tendo já garantido 80 pre-inscrições para os seus futuros cursos.



Albufeira: o «topless» já é vulgar na praia. No interior de uma sala, talvez as raparigas até tenham razão com esta canícula que não desiste de nos atormentar

A verdade nua passa por Albufeira

O próximo domingo será quente em Albufeira, sejam quais forem as previsões da Meteorologia. É que uma discoteca local promove o muito sensacional concurso «Miss Kiss Topless», que, desde já, promete enorme afluência, mais de mirones que de concorrentes.

Haverá uma pre-selecção, que promete ter a presença de muitos elementos do júri, para concorrentes que não poderão ter menos de 17 anos nem mais de 30. Todas as finalistas receberão prémios de 25 contos e a vencedora um de 150 por exibir as proeminências tentadoras dos seus seios. Receberão, igualmente, viagens ao estrangeiro e uns dias num hotel algarvio.

Presume-se que receberão, paralelamente, severas reprimendas das recatadas senhoras da Condição Feminina.

BREVES

Covilhã e Sabugal com mais incêndios

Durante os meses de Junho e Julho, até ao dia 24, o Centro de Prevenção e Detecção de Incêndios Florestais de Manteigas registou 159 fogos, disse uma fonte daquele centro, acrescentando que arderam 1091 hectares de plantio de olival, pinhal, amendoeira e outras árvores de fruto, cabendo o maior quinhão ao concelho do Sabugal, com 732 hectares. Quanto ao mato e ao pasto, foram consumidos pelas chamas 2076 hectares, pertencendo a maior área ardida, 1693 hectares, também ao concelho do Sabugal. O maior número de incêndios verificou-se no concelho da Covilhã, com 37, seguindo-se a Guarda com 17, Belmonte com 15, Almeida e Trancoso com 14 cada, e Pinhel com 13.

Greve nos telefones

Os técnicos de instalação e manutenção de equipamentos telefónicos poderão prolongar a greve às horas extraordinárias por tempo indeterminado, disse à agência Lusa um dirigente do Sindicato das Telecomunicações (SINTEL). Em greve desde o dia 25 de Junho, os técnicos de telecomunicações iniciaram ontem um novo período de 30 dias de greve ao trabalho extraordinário que inclui também recusa à condução de viaturas de serviço. Segundo Baptista Monteiro, dirigente do SINTEL, a adesão à greve entre os 2500 trabalhadores do sector foi de 90 por cento durante o período de 30 dias, que terminou terça-feira.

EPAL constitui fundo de pensões

A Empresa Pública de Águas Livres (EPAL) decidiu criar um fundo de pensões a favor dos seus trabalhadores, cujo valor ascende a 100 mil contos no primeiro ano, informou a empresa. Uma fonte da EPAL revelou que vai entregar a gestão do fundo a uma sociedade gestora especializada por forma a garantir uma maior rendibilidade do mesmo. O fundo de pensões a constituir abrangerá pensões por idade, admitindo-se que as contribuições da EPAL rondem, no primeiro ano, os 100 mil contos.

Demolição provoca inquérito

O Ministério Público vai instaurar um inquérito às circunstâncias em que se verificou a demolição de um bairro clandestino de cabo-verdianos em Portimão, informou o gabinete do Procurador da República. Uma nota do gabinete do Procurador-Geral revela que a decisão de mandar instaurar o inquérito foi tomada após os órgãos de Comunicação Social terem noticiado a demolição do bairro «sem cobertura judicial e com perda de bens e haveres».

Deficientes preparam colóquio europeu

«O sucesso no emprego das pessoas com deficiência» é o tema do colóquio europeu a realizar no próximo mês de Outubro, em Lisboa, e que conta com a organização do Secretariado Nacional de Reabilitação, do Instituto do Emprego e Formação Profissional, da Confederação das Organizações de Família da Comunidade Europeia (COFACE) e da Liga Portuguesa dos Deficientes Motores. Segundo um comunicado desta última associação, «este colóquio destina-se ao meio empresarial, aos sindicatos, aos profissionais da área dos recursos humanos e à Comunicação Social».

Supremo recusou pedido da Lusotur

O Supremo Tribunal Administrativo indeferiu o pedido da Lusotur para suspensão do embargo que o secretário de Estado do Ambiente levantou às obras que aquela empresa turística iniciara em Vilamoura. Entre os trabalhos iniciados pela Lusotur encontra-se o projecto de uma outra marina em Vilamoura e vários empreendimentos urbanísticos, cuja suspensão trará prejuízos na ordem dos 95 milhões de contos, de acordo com a avaliação da empresa. A Lusotur suspendeu as obras em Abril deste ano por despacho de Macário Correia, que fundamentava a decisão num parecer de técnicos do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (SNPRCN), no qual recomendavam a «elaboração de um plano de recuperação das áreas degradadas», na zona do Caniçal.

Conselheiros de educação em guerra com Ministério

Actualmente, são cerca de centena e meia, em exercício nas escolas. Todos eles concluíram uma licenciatura a que se seguiu uma especialização e um estágio pedagógico de três anos, sob tutela do Instituto de Orientação Profissional. Chamam-lhes «professores peritos orientadores» e, com a aprovação do Estatuto da Carreira Docente do Ensino não Superior, dizem que o seu futuro está seriamente ameaçado.

Desde 1971 que os docentes têm tido o seu lugar assegurado através do regime de destacamento, anualmente renovado. Mas o Estatuto da Carreira Docente reserva para os «conselheiros da educação» com mais de 4 anos de destacamento - e são a grande maioria - o estatuto de supranumerários.

A Associação de Professores Orientadores revelou que a Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário propôs a todos os docentes que optassem pelo ingresso na carreira técnica superior, integrando o regime geral da Função Pública, ou regressassem à carreira docente, passando sempre à situação de supranumerários.

Ainda não clarificada através de legislação, segundo a APO, a situação de supranumerário suscita dúvidas aos docentes especializados em orientação.

Em Maio passado, a secretaria-geral do Ministério da Educação tratou de sossegar os ânimos, garantindo que «os docentes em situações de destacamento ou requisição além de quatro anos, sujeitos ao regime de supranumerários, mantêm todos os direitos ou regalias que o estatuto e restantes diplomas aplicáveis lhes atribuem, mesmo quando de regresso ao quadro de origem onde, entretanto, abriu vaga, quer esta tenha ou não sido preenchida».

O mesmo despacho assegura que o regime de supranumerários nada tem a ver com o regime de excedente «não sendo, portanto, aplicáveis as disposições respeitantes aos Quadros de Efectivos Interdepartamentais (QEI).

Segundo a APO, existe presentemente um projecto na secretaria de Estado da Reforma Educativa para a criação de Serviços de Orientação e Psicologia Educacional, que mereceu já parecer favorável do Conselho Nacional de Educação. Os futuros Serviços de Orientação e Psicologia Educacional visam, de acordo com o projecto de decreto-lei, dotar o sistema educativo das necessárias estruturas especializadas de orientação educativa capazes de assegurar a realização das acções de apoio psicológico e a orientação escolar e profissional, previstas na Lei de Bases do Sistema Educativo.

Por isso, a Associação de Professores Orientadores, contestando as alternativas propostas pelo Ministério, exige que seja publicada «regulamentação transitória para o ano lectivo de 1990/91, permitindo aos professores especializados em orientação a integração normal em carreira adequada».

Estatuto Docente regulamentado

Roberto Carneiro anunciou que a regulamentação do Estatuto da Carreira Docente estará concluída até 31 de Dezembro, de modo a garantir a eficácia dos concursos e colocação de professores para o ano lectivo de 1991/92.

«Trata-se de um documento complexo que levou 22 meses a negociar mas cujos diplomas têm que estar discutidos até final do ano» afirmou o ministro à saída da reunião com uma delegação da Federação Nacional dos Sindicatos de Educação (FNE).

De difícil consenso foram as matérias que envolvem orçamentos, nomeadamente as que respeitam à aposentação e remuneração de docentes.

Uma reunião entre o secretário de Estado do Ensino Superior, Correia Ralha, e a Federação Nacional dos Sindicatos de Educação ficou agendada para a próxima segunda-feira, a fim de discutir o Estatuto da Carreira Docente do Ensino Superior e Politécnico.

Roberto Carneiro garantiu ainda que as aulas do Ensino Básico e Secundário começam, sem falta, a 17 de Setembro e que, a 15 de Outubro, «todos os alunos do Ensino Superior estarão colocados».

Trabalhadores da Carris enviam carta-aberta a Cavaco

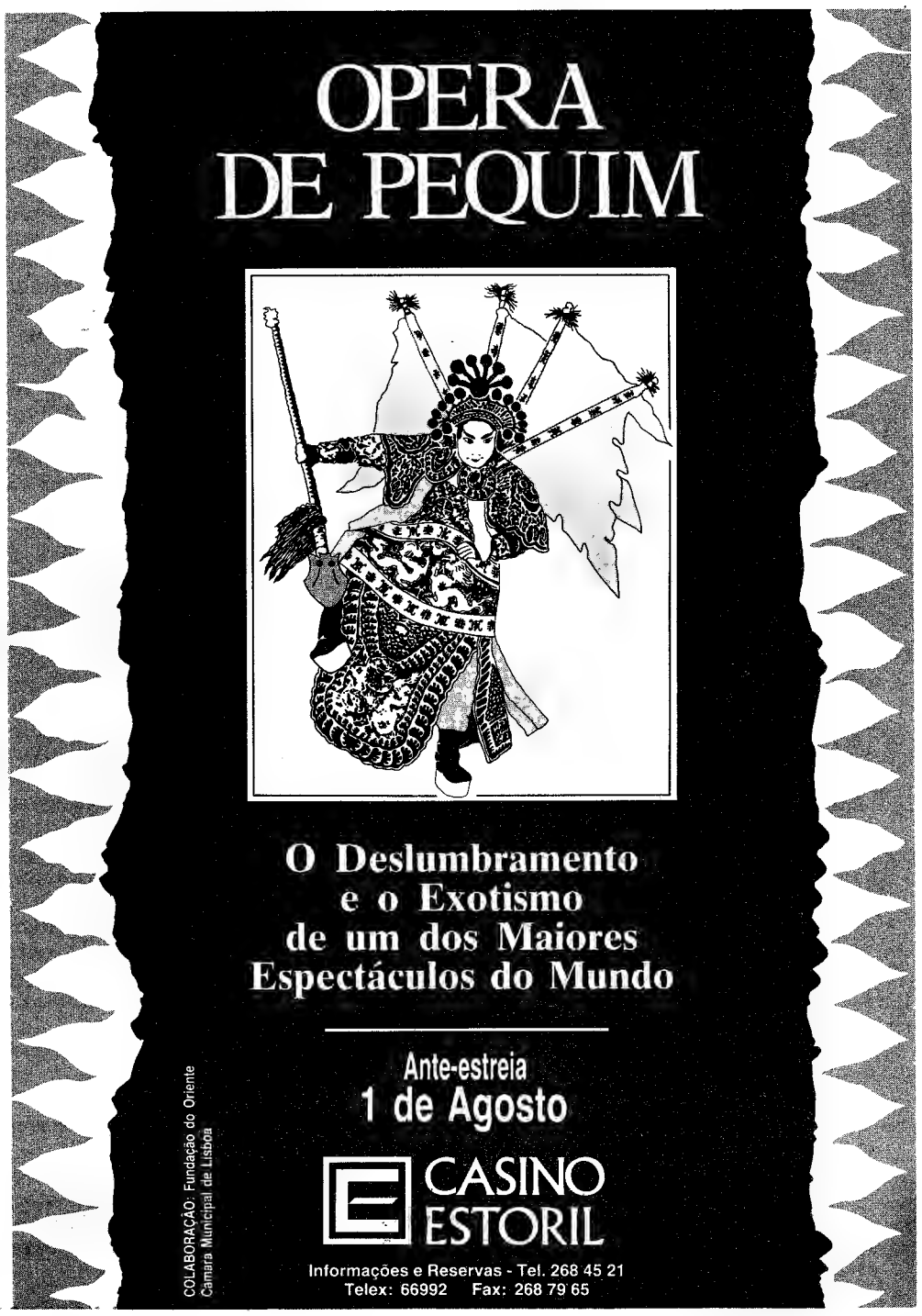
Os trabalhadores da Carris aprovaram, em plenário, um documento conjunto do Sitra (UGT) e da Festru (CGTP), e decidiram enviar uma carta aberta ao primeiro-ministro para resolução do conflito que opõe trabalhadores e a administração da empresa.

O documento, subscrito pelos dois maiores sindicatos do sector, aponta para novas formas de luta, de modo a obrigar a Carris a aceitar as reivindicações: aumento intercalar, redução do horário de trabalho e manutenção de regalias adquiridas.

A carta aberta a enviar ao primeiro-ministro e com data até 10 de Agosto surge na sequência de declarações prestadas, há dois dias, por Cavaco Silva a Pereira Lopes, líder da Tendência Sindical Social-Democrata (TSSD) e que o DL reproduziu na sua edição de segunda-feira.

«O primeiro-ministro disse-nos que se ia empenhar pessoalmente nos problemas que se põem aos trabalhadores dos transportes», aconselhando, os sindicalistas a verem «a possibilidade de se realizar um encontro com o ministro da tutela», revelou, na altura, Pereira Lopes.

Caso não haja resposta do primeiro-ministro, até 10 de Agosto, os trabalhadores da Carris vão promover uma campanha de sensibilização da população.



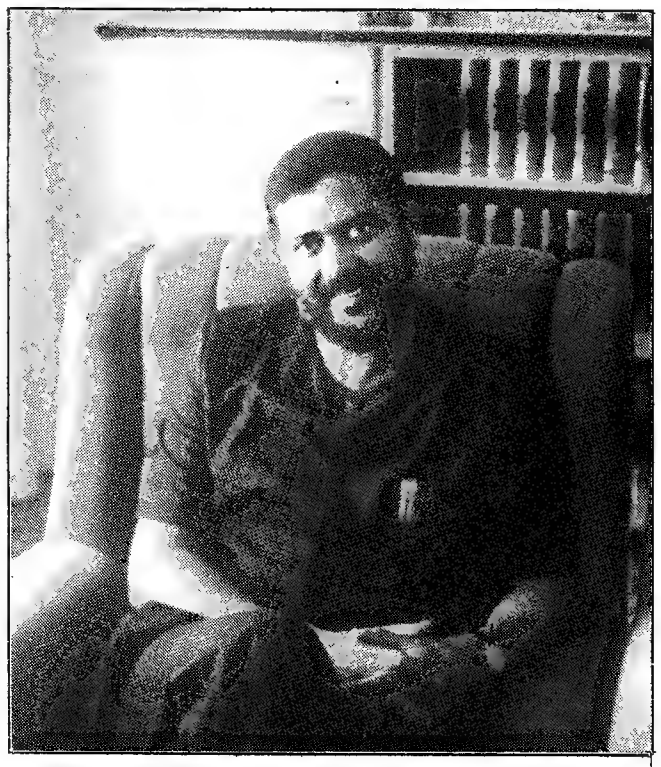
O jornalista cabo-verdiano vai deixa o estatuto de funcionário público

- *disse ao «DL» o ministro da Cultura e da Informação, David Hopfer Almada*

O jornalista cabo-verdiano deixará de ter o estatuto de funcionário público, passando a sua relação com a entidade empregadora a reger-se por um contrato de trabalho, afirmou, ao «DL», David Hopfer Almada, ministro da Cultura e da Informação do Governo de Cabo Verde,

O ministro cabo-verdiano descreve, na entrevista abaixo, o processo de preparação de novos diplomas legislativos e de alterações à legislação existente, com vista à adaptação do sistema de Comunicação Social cabo-verdiano à anunciada fase de abertura política.

Esta entrevista foi concedida ao director do «DL», Mário Mesquita, antes da recente remodelação governamental, a qual, aliás, não atingiu o titular da pasta da Cultura e Informação, ao contrário do que reivindicava a oposição (MPD).



David Hopfer Almada: «A lei prevê que qualquer pessoa ou entidade possa criar o seu próprio jornal»

DL- *O processo de mudança política, em curso em Cabo Verde implicará, naturalmente, alterações à legislação sobre a Comunicação Social...*

DHA - Temos uma Lei de Imprensa, aprovada há dois anos, que ainda servirá. Essa lei baseia-se em princípios gerais consagrados universalmente e, em especial, nas democracias ocidentais, sendo, aliás, inspirada, em boa parte na legislação portuguesa. É natural que agora, com a mudança do regime e o novo quadro político multipartidário, seja necessário fazer uma ou outra modificação.

DL - *Está a pensar concretamente em alguma ?*

DHA - Há certos princípios que estão consagrados, designadamente o princípio do monopólio do Estado em relação aos órgãos de Comunicação Social como a Rádio e a Televisão, que é possível que, no futuro, venham a ser reexaminados, mas o que nós estamos a preparar, neste momento, são algumas propostas de lei cuja necessidade decorre do quadro multipartidário que se vai estabelecer no País. Estou a pensar, concretamente, na lei da Radiotelevisão e da Radiodifusão, por forma a assegurar o acesso dos diversos partidos ou forças políticas aos meios de Comunicação Social do Estado. Trata-se de garantir uma igualdade de oportunidades para todos e salvaguadar a equidistância dos meios de Comunicação Social do Estado, em relação aos partidos e às forças políticas.

Estas são as mudanças que decorrem da mudança do regime político, mas há outras que já constavam da nossa agenda mesmo antes de se decidir a abertura política, como é, por exemplo, o caso do Estatuto do Jornalista, que está a ser preparado por uma comissão integrada por técnicos e por jornalistas. Queremos integrar essa proposta num «pacote» legislativo a apresentar na próxima sessão da Assembleia Nacional Popular, em Setembro-Outubro, de forma a que, com a consagração da lei dos partidos políticos e com o aparecimento de um novo quadro do regime político no País, também surjam todas essas leis que vão definir o posicionamento, não só dos jornalistas, mas de toda a Comunicação Social pública.

O Estado e a Comunicação Social

DL- *A nível de Imprensa escrita, está previsto um regime de liberdade de fundação de empresas jornalísticas?*

DHA - Esse aspecto já está contemplado na Lei de Imprensa. Prevê-se expressamente que qualquer pessoa ou entidade possa criar o seu próprio jornal, a sua empresa jornalística. O monopólio existe, neste momento, em relação à radiodifusão, à televisão e às agências noticiosas.

DL - *Pensa que vai manter-se o monopólio nessas áreas?*

DHA - Creio que, nesta próxima fase, ainda se vai continuar com isso, mas eu defendo que, no futuro próximo se deva consagrar a abertura também para essas áreas.

DL - *Vai haver um processo de consultas à oposição, durante a preparação dessa legislação?*

DHA - É possível que haja. É preciso que a oposição esteja constitucionalizada, mas, em princípio, na legislação que preparámos, costumávamos ouvir pessoas com diferentes sensibilidades políticas. Antes não era possível fazê-lo com a oposição, na medida em que não existia formalmente. Mas nós procurávamos ouvir as pessoas, que pensávamos serem competentes ou que tinham uma opinião válida na matéria, independentemente do seu posicionamento político. Se, na altura, já existir uma oposição organizada, institucionalmente ou formalmente, naturalmente que não teremos nenhum problema em ouvi-la, porque quanto maior consenso hourver, melhor será para o País.

DL - *O jornalista tinha, em Cabo Verde, um estatuto de funcionário público, o que suscitou um certo debate entre os profissionais. Estão previstas alterações a esse estatuto?*

DHA - Em matéria do estatuto do jornalista, pensamos criar e definir quais são os direitos e as garantias dos jornalistas para bem desempenharem a sua função e, correlativamente, estabelecer as respectivas responsabilidades, porque, no quadro democrático e no uso da plena liberdade, é preciso que haja responsabilização do uso da liberdade.

Estou muito ligado à função de jornalista, não por estar a desempenhar o cargo de ministro da Informação, mas devido à minha profissão e por ter sido, também, ministro da Justiça, e saber o que é ser magistrado, função que tem certas semelhanças com a do jornalista. O jornalista dispõe de instrumentos poderosos - a pena, a voz, a câmara ...- pelo que deve ter garantias de independência, a que correspondem, também, também responsabilidades e deveres.

Quanto ao seu vínculo em relação à entidade empregadora nós já optámos, a nível do Governo pelo contrato de trabalho, em vez da situação de funcionário público. Aliás, já o consagrámos em relação à rádio e à televisão. O jornalista estará ligado ao seu órgão de Comunicação Social por um contrato individual de trabalho, nos termos normais das leis laborais.

Criámos uma comissão, integrada, também, por jornalistas que vai estudar quais os direitos, as garantias e as regras deontológicas que deverão ser consagrados. Logo que tivermos preparado um anteprojecto, tenciono submetê-lo à apreciação dos jornalistas e, depois, elaborarei um projecto final a apresentar aos órgãos competentes.

DL - *Esse estatuto destina-se exclusivamente aos que trabalham no sector público ou abrangerá todos os jornalistas?*

DHA - Será para todo e qualquer jornalista. O Estatuto do Jornalista será um estatuto de definição da profissão jornalística. Quanto a ser público ou privado, isso dependerá do vínculo contratual de cada jornalista com o respectivo órgão.

Orgão de fiscalização na Comunicação Social

DL - *Está prevista a criação de um órgão do tipo dos Conselhos de Imprensa ou de Comunicação Social?*

DHA - É natural que venha a ser necessário criar um órgão de fiscalização, a fim de garantir da independência da Comunicação Social e o igual tratamento de todas as instituições, correntes e partidos. Vai haver, com certeza, um orgão com

Do primado da militância no partido governamental, passou-se, em Cabo

A.M.A.
Auto Monumental de Aveiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

xar de ter

Com a liberalização da Imprensa, o Governo troca a ilusão do apoio unânime pela possibilidade de um apoio mais consciente

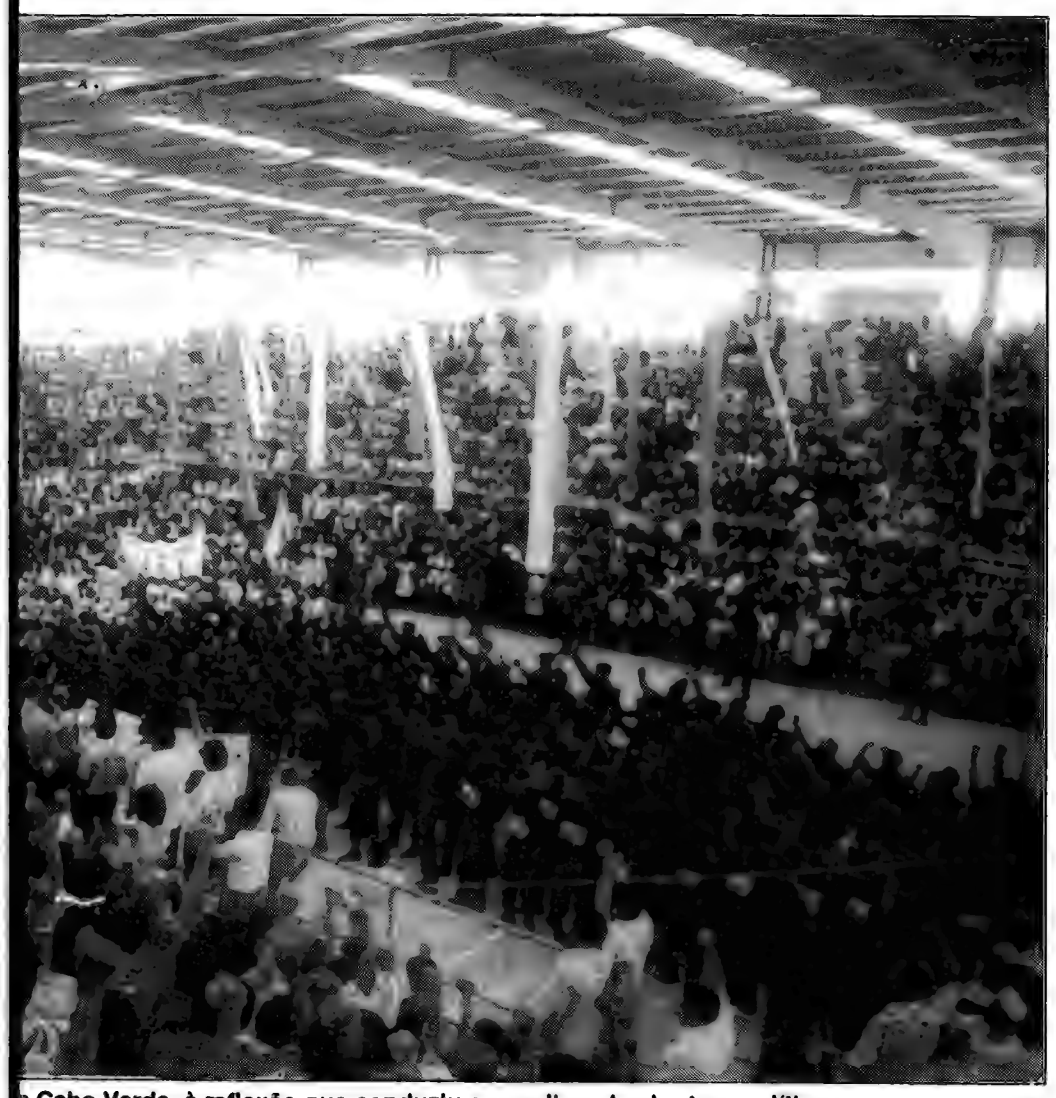
atribuições dessa natureza, mas ainda não sabemos se vai ser Conselho de Imprensa, Conselho de Comunicação Social ou Alta Autoridade. Sabemos, aliás, que, em Portugal, existe uma grande polémica a esse respeito.

DL - *O Senhor ministro tem sido alvo de muitas críticas, inclusivamente na Imprensa portuguesa. Apresentam-no quase como se fosse o censor-mor do reino. Que comentário tem a fazer em relação a isso?*

DHA - Aquilo que se passa nalguma Imprensa portuguesa, bem localizada, tem a ver com algumas pessoas que têm motivos pessoais para me atacar, por razões que não são válidas, mas que são humanas, porque tiveram questões pessoais com órgãos de Comunicação Social em que trabalharam, aqui em Cabo Verde. Ou seja, por uma razão ou outra tiveram que sair ou foram despedidas, ou tiveram alguma complicação. Como o ministro da tutela é o David Hopfer Almada, pensam que estará envolvido, mas, normalmente, para além daquilo que é o dever da tutela, não me envolvo com os órgãos de Comunicação Social.

É nessa base que se deve analisar o tratamento de alguns jornalistas, cujo nome eu posso citar, se quiser, mas eu não os confundo com Imprensa portuguesa, a qual - julgo eu - até tem feito um tratamento equilibrado, razoável da realidade cabo-verdiana. No entanto, há jornalistas que, por razões pessoais, fizeram julgamentos específicos sobre essa matéria.

Quanto ao ser eu o censor-mor, a melhor prova seria perguntar aos próprios jornalistas se eu costumo fazer isso, e a melhor prova é ver todos os ataques, é ler o jornal do partido, que dizem que o ministro da Informação deixa os órgãos e os jornalistas sem controlo. Sobre essa questão, tenho sido coerente. Desde o princípio, entendo que a função do jornalista deve ser desempenhada em liberdade e com responsabilidade. Quem pisa o risco no desempenho da sua função, aqui como em qualquer parte do mundo, no sector privado ou sector público, tem que responder por isso, nos termos da lei, mas não pela censura. Por formação, sou contra a censura.



n Cabo Verde, à reflexão que conduziu a um clima de abertura política

DL - *Que comentário tem a fazer em relação às críticas da oposição (MPD) em relação a si e ao seu exercício?*

DHA - Eu não creio que a oposição cabo-verdiana tenha querido atacar o ministro fulano de tal. A análise que faço é a seguinte: uma das primeiras exigências da oposição cabo-verdiana, no primeiro dia em que apareceu, foi que os órgãos da Comunicação Social passassem a ser independentes. Pediram que se criassem conselhos de comunicação social e se destituíssem os directores dos órgãos de informação. E foram subindo de tom. Começaram por isso. Depois, pediram que fosse substituído o ministro da Informação por uma entidade independente que lhes garantisse isenção no tratamento informativo. É neste quadro que eu analiso a questão: compreendo que a oposição considere os meios de Comunicação Social fundamentais nesta fase do processo, porque é através deles que se pode fazer a difusão das ideias e das opiniões. Daí a reivindicação de substituição dos dirigentes da Comunicação Social e, naturalmente, da própria tutela, mas estou convencido que a própria oposição está consciente que está a fazer essa exigência só por que esse é o seu papel. Inclusive, alguns membros da direcção desse movimento falaram com outras pessoas, dizendo que estavam no seu papel, que era preciso criar um facto político, sacudir as coisas...

Uma cultura de panfletos

DL - *Não será compreensível que a oposição tenha um certo receio, de se apresentar em actos eleitorais, quando a maior parte dos órgãos de Comunicação Social, nomeadamente aqueles que pertencem ao Estado, estão ligados ao PAICV?*

DHA - Se eu estivesse na oposição, também reivindicaria isso, por que esse é o papel da oposição. Não posso reconhecer que deve haver uma oposição e, ao mesmo tempo, dizer que não possa fazer reivindicações deste ou daquele tipo.

Na legislação em preparação vamos, precisamente, estabelecer as regras do jogo, a fim de que tanto a oposição como o partido no poder e outras forças que venham a aparecer possam ter igualdade de tratamento. Seguiremos a experiência que se vive noutros países. Em Portugal, por exemplo. Aliás, mandei muito recentemente o director-geral da Comunicação Social a Portugal, para fazer a recolha da documentação toda existente. Estamos neste momento a trabalhar nisso.

DL - *Pode-se dizer que lhe coube a parte do diabo - isto é, a Comunicação Social -, na transição para a democracia?*

DHA - Sim, mas é nessas coisas que se faz o mundo. Cada um de nós tem que desempenhar o seu papel. Se um de nós desiste, porque é difícil, porque é duro, porque essa é a parte do diabo, se calhar tudo vai para o diabo..

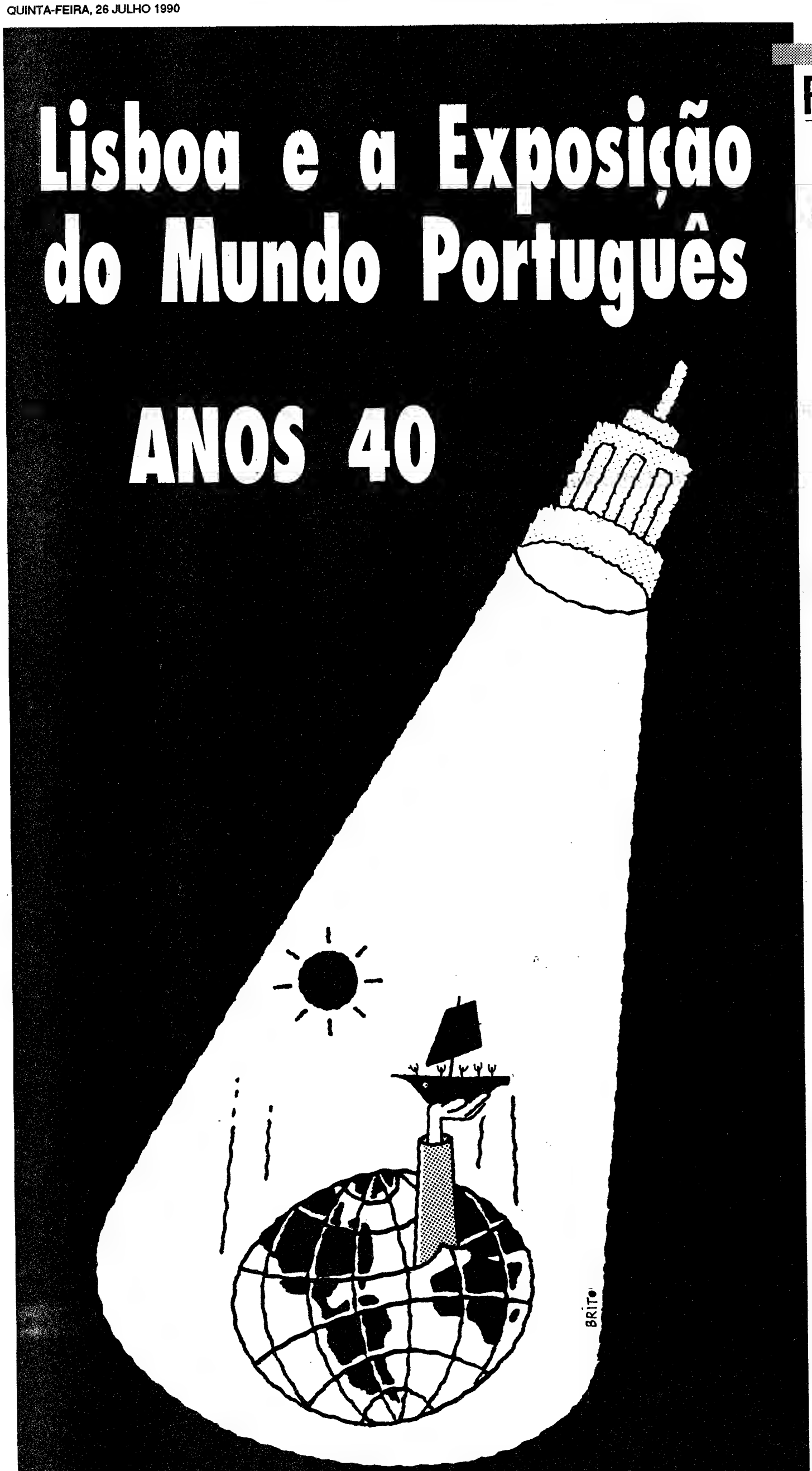
DL - *Aqui, em Cabo Verde, as pessoas - refiro-me à élite política e intelectual - dão grande atenção à Imprensa portuguesa. Dir-se-ia que concedem aos jornais portugueses uma importância desproporcionada em relação à respectiva circulação na sociedade cabo-verdiana...*

DHA - A Imprensa portuguesa é lida pela élite política. Não tem grande divulgação, mas, a partir do momento em que faça especulação e intriga política, há curiosidade, o que é compreensível, tendo em conta que estivemos muito tempo «amarrados» em termos de Comunicação Social, havia muita coisa que não se difundia, nem se dizia, não havia jornalismo crítico e especulativo.

Daí que as pessoas quisessem saber coisas mais profundas, mais especulativas, através da Imprensa de fora, sobretudo a portuguesa, naturalmente, que está mais ligada a nós, ou, então, através da «Voz da América». Embora os jornais não sejam muito lidos, os artigos são, por vezes, fotocopiados e distribuídos, porque trataram o assunto de maneira diferente. É um processo que funciona à semelhança do nosso panfletismo tradicional. Nós temos aqui uma cultura de panfletos. Agora, no quadro de abertura, há uma enorme proliferação de panfletos, para dizer mal. Todos aqueles que têm as suas inimizades, estejam na política ou não, recorrem aos panfletos, que, depois, fotocopiam e distribuem. É uma questão de cultura, já antiga, que vem do século passado.

Lisboa e a Exposição do Mundo Português

ANOS 40



ORGANIZAÇÃO DO Diário de Lisboa
E DA CINEMATECA

PROGRAMA

SÁB., 21, às 15h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
A EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS/1941
de António Lopes Ribeiro

SÁB., 21, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO NACIONAL/1944
de António Lopes Libeiro

A MORTE DO ENG.º DUARTE PACHECO/1944
de António Lopes Ribeiro

SÁB., 21, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O PAI TIRANO/1941
de António Lopes Ribeiro
c/Vasco Santana, Ribeirinho, Leonor Maia, Graça Maria, Teresa Gomes

SEG., 23, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
FEITIÇO DO IMPÉRIO/1940
de António Lopes Ribeiro
c/Alves da Cunha, Madalena Sotto, Luís de Campos, António Silva, Ribeirinho
- só banda imagem -

SEG., 23, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O PÁTIO DAS CANTIGAS/1941
de Francisco Ribeiro (Ribeirinho)
c/António Vilar, Ribeirinho, Vasco Santana, António Silva, Graça Maria

TER., 24, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O CORTEJO HISTÓRICO DE LISBOA/1947
de António Lopes Ribeiro

LISBOA DE HOJE E DE AMANHÃ/1948
de António Lopes Ribeiro

TER., 24, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O COSTA DO CASTELO/1943
de Arthur Duarte
c/António Silva, Maria Matos, Milú, Fernando Curado Ribeiro

QUA., 25, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
UM HOMEM ÀS DIREITAS/1944
de Jorge Brum do Canto
c/Barreto Pereira, Julieta Castelo, Carmen Dolores, Maria Matos, Virgílio Teixeira

QUA., 25, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O LEÃO DA ESTRELA/1947
de Arthur Duarte
c/António Silva, Erico Braga, Milú, Maria Eugénia, Fernando Curado Ribeiro

QUI., 26, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
DOCUMENTÁRIOS DE ACTUALIDADES DOS ANOS 40
Seguido de debate com:
César de Oliveira
Fernando P. Santos
Fernando Rosas
Manuel Braga da Cruz

QUI., 26, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
A MENINA DA RÁDIO/1944
de Arthur Duarte
c/Maria Eugénia, Fernando Curado Ribeiro, António Silva, Maria Matos, Ribeirinho

SEX., 27, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
OS VIZINHOS DO RÉS-DO-CHÃO/1947
de Alejandro Perla
c/António Silva, Fernando Curado Ribeiro, Eunice Muñoz, Milita Meireles

SEX., 27, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
FADO/1947
Perdigão Queiroga
c/Amália Rodrigues, Virgílio Teixeira, Vasco Santana, António Silva

SÁB., 28, às 15h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
SOL E TOIROS/1949
de José Buchs
c/Manuel dos Santos, Leonor Maia, Àna Paula, Erico Braga

SÁB., 28, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
DOCUMENTÁRIOS DOS ANOS 40

SÁB., 28, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
CANTIGA DA RUA/1949
de Henrique Campos
c/Alberto Ribeiro, Deolinda Rodrigues, Maria Olguim

CINEMATECA PORTUGUESA

CULTURA

Em Portugal, é assim: só a pulso ou com fé. Foi o que aconteceu a Paula Morão. Ela nunca desistiu de ver reeditada toda a obra literária de Irene Lisboa antes de 2008, data em que caía no domínio público. Resultado: a Figueirinhas abdicou dos direitos de uma obra que não reeditava e a Presença adquiriu-os. O primeiro volume sai ainda em 1990, outros seguem-se-lhe à média de três a quatro por ano. Paula Morão orienta e prefacia e, paralelamente, a Biblioteca Nacional fica com o espólio da grande escritora esquecida. Um acontecimento

Irene, finalmente !

Trinta e dois anos depois da sua morte, Irene Lisboa como que regressa. Os seus livros, há muito esgotados, vão finalmente poder ser lidos. É o fim do abandono, do desinteresse, do alheamento pela obra de uma das grandes escritoras portuguesas deste século. À única estudiosa da obra de Irene Lisboa, a professora universitária Paula Morão, cabe o mérito deste cometimento. À Presença também: ganhou a corrida da publicação, em que estavam interessadas duas outras editoras.

O DL ouviu sobre tudo isto, Paula Morão, cujo currículo inclui já três livros sobre a escritora: «O Essencial sobre Irene Lisboa» (1985), «Irene Lisboa. Folhas Soltas da Seara Nova» (escrito em 1983 e publicado em 1986) e «Irene Lisboa. Vida e Escrita» (tese de doutoramento publicada em 1989).

A entrevista foi assim, tem a palavra Paula Morão.

— A obra estava na posse da Figueirinhas com um contrato mal formulado. Mas havia um compromisso para a publicação e um plano. Por razões que só à Figueirinhas dizem respeito, esta editora foi sempre republicando os livros infantis e os outros não. Para mim, quando trabalhei na tese de doutoramento, isto constituiu um impedimento, porque não tinha interlocutores. Fiz fotocópias, encontrei alguns livros esgotados nos alfarrabistas que às vezes me perguntavam porque é que eu estava a trabalhar na obra «dessa mulher». Ora isto corresponde a uma coisa que a atormentou a ela em vida: não ter leitores. Isso vê-se, por exemplo, na «Solidão».

— Mas a crítica do tempo elogiou-a...

— Claro e não se percebe como é que não tinha leitores. A crítica mais respeitada — o Gaspar Simões, o Régio, o Casais Monteiro — dizem sempre bem da obra dela.

— E, entretanto, os livros foram-se esgotando...

— Bom, a partir do momento em que as obras se foram esgotando, o problema agravou-se. Quando fiz a antologia das «Folhas Soltas», já foi uma tentativa para ultrapassar o impasse. Arranjei, assim, uma maneira de tornear a questão, até porque algumas das crónicas da «Seara Nova» ela publicou-as em livros, às vezes com variantes, por que a Irene Lisboa emendava sempre muito. Mas a publicação das «Folhas Soltas» deve muito ao prof. Jacinto do Prado Coelho. Na altura ele era do conselho editorial da Imprensa Nacional, eu escrevi-lhe e ele, em quinze dias, respondeu-me a dizer que já tinha tratado de tudo.

— Mas o livro demorou a sair.

— Demorou três anos e tanto assim que foi quase em cima da minha tese. Embora na tese eu não repetisse o que escrevera nas «Folhas Soltas», fiz questão de datar o ensaio para se perceber.

— Bom, e como é que se conseguiu desbloquear o problema da reedição?

— Eu tinha feito contactos com os herdeiros de Irene Lisboa.

Irene Lisboa

— A Ilda Moreira, que lhe ilustrou os primeiros livros.

— A filha. A D. Ilda já tinha morrido. A filha é que é a herdeira e é ela que tem o espólio da Irene Lisboa, aliás já praticamente comprado pela Biblioteca Nacional.

— E o espólio tem inéditos?

— Tem poesias inéditas e outro material. Não vão ser publicados todos os papelinhos de Irene Lisboa, mas vai ser feita uma escolha.

— Portanto, após o contacto com os herdeiros...

— Eu insisti muito com a filha da D. Ilda, afilhada de Irene Lisboa. Disse-lhe que era um crime não se reeditar a obra. Ela também achava, mas até eu aparecer não tinha tido ninguém que a espicaçasse. E depois, a Figueirinhas fica no Porto...

— E o tempo foi passando...

— Pois, mas eu insisti e a partir desse barulho todo que fiz, a filha da D. Ilda foi à Sociedade Portuguesa de Autores que sempre se mexe melhor do que um particular. Então, tudo se resolveu e a Figueirinhas acabou por dizer que não tinha condições para publicar a obra.

— Desistiu dos direitos.

— Desistiu e eu, que já tinha sido contactada por três editoras, acabei por me comprometer com a Presença. Existe, neste momento, já um contrato com os herdeiros de Irene Lisboa e outro contrato comigo para a publicação da obra completa.

— O que é que vai sair primeiro?

— Um volume de poesia, reunindo os dois livros de poesia de Irene Lisboa: «Outono Havias de Vir» e «Um Dia e Outro Dia».

— Os livros em que ela assina João Falco.

— Sim, mas um deles tem como subtítulo «Diário de Uma Mulher» e na altura toda a gente sabia que o João Falco era a Irene Lisboa.

— Tudo resolvido, portanto?

— O que está ainda em discussão é a dimensão do meu prefácio. Será maior ou menor consoante se publique ou não o prefácio que o José Gomes Ferreira tinha escrito e está, também ele, inédito. Eu acho que o prefácio do José Gomes Ferreira deve ser publicado até porque é um texto muito bom. De qualquer módo, este ano ainda sairá o primeiro volume da obra completa.

— E qual é a cadência da publicação dos restantes?

— À média de três a quatro volumes por ano.

— A orientação é da Paula Morão?

— Sim, a orientação é minha e eu farei um prefácio para cada volume. Quando for o centenário do nascimento — em 1992 — gostava de publicar qualquer coisa mais na «Colóquio». Vão sair, aliás, algumas coisas de correspondência, que á abundante.

— Quer dizer que haverá um volume de correspondência.

— Eu acho que vale a pena porque há cartas óptimas do Gaspar Simões, do Miguéis, do Nemésio por exemplo. As cartas de Irene para eles devem estar nos respectivos espólios. No caso do Gaspar Simões não sei, porque ele vendia muito. Mas há cartas esplendorosas deles para ela, sobretudo do Nemésio. E há cartas também da Cecília Meireles. É um epistolário com peças de grande qualidade.

— O plano da reedição inclui a obra pedagógica?

— Não. A reedição é da obra literária completa. Há, no entanto, um Instituto Irene Lisboa ligado ao Sindicato dos Professores...

— E há aquela gente de Arruda dos Vinhos, de onde Irene é natural. Há tempos fizeram-lhe uma homenagem.

— Eu fui lá. Foi muito engraçado, houve dramatização por crianças a partir dos textos dela, há um apaixonado local pela obra de Irene Lisboa que colecciona tudo o que vem nos jornais.

— Como é que a Paula Morão se começou a interessar pela obra de Irene Lisboa?

— Eu queria fazer a tese de doutoramento sobre um autor vivo, mas acabei por ir eliminando vários. Até que, por exclusão de partes, fui dar com a Irene que já tinha morrido em 1958.

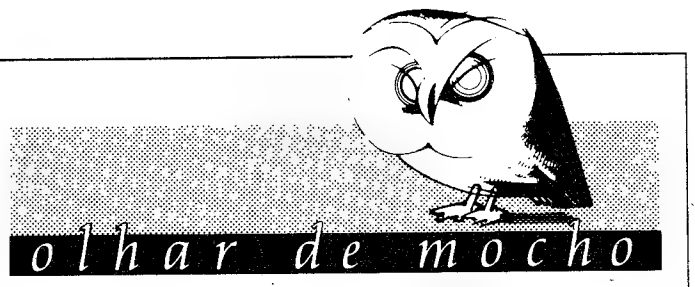
— Em 1958, a Paula Morão tinha que idade?

— Tinha sete anos...

— Bom, descobriu a Irene e decidiu-se...

— Sim, fiz a escolha e quando a fiz ainda não tinha a obra toda. Mas o que conhecia era suficiente e estava suficientemente ao abandono para merecer que houvesse alguém que investisse. Foi o que fiz e, com a continuação do trabalho, não me arrependi.

Rodrigues da Silva



Histórias com liberdade

Há 25 anos, e durante um período que antes e depois marcou quase uma década, nas praças públicas da liberdade cantava-se sempre o mesmo hino: fora com o imperialismo americano. Os mais ousados na curiosidade intelectual, sabiam sempre o que se passava nas manobras secretas da CIA americana. Os vários continentes eram varridos a pente fino e tudo o que politicamente bulia, era sempre ou manobra da CIA ou combate contra a CIA. E depois nasciam as teses radicais dos que afirmavam, após aturadas leituras e diálogos com os mestres, que o império americano, reeditando o que muitos séculos antes o Império Romano tinha feito, estaria disposto a sacrificar a democracia no altar dos deuses se tal se tornasse necessário para manter intacto o capitalismo.

O mundo, entretanto, deu as voltas que só o Galileu sabe, e hoje, comodamente instalados nos nossos sofás de serão podemos assistir via televisão a séries americanas sobre as muitas e variadas histórias da CIA. Nada se esconde nem se pretende retocar: a CIA, exactamente CIA, tal como os intelectualmente saudáveis dos anos 60 a sentiam e descreviam - sem tirar nem pôr, simplesmente CIA, serviços secretos, manobras políticas. Ontem à noite no 2, tivemos mais um desses saraus a que os *softies* de 60 não são indiferentes: o que dantes era radicalismo, gauchismo, filocomunismo quando não colaborador da KGB, destruição dos alicerces do Ocidente o terrorismo puro ou parente próximo, é agora, vulgaríssima informação, documentação para ler e reter à luz do dia.

Estão aqui em jogo dois eixos de uma realidade importante. Primeiro, a liberdade de Imprensa que nunca se deixou afogar mesmo nos mais obscuros tempos do macarturismo. O *New York Times* que ninguém ligado ao universo dos *media* consegue apear do epíteto de «o melhor diário do mundo», é ainda hoje a principal fonte de informação sobre as actividades dos serviços secretos. Em trabalhos de investigação pura ou em teses de doutoramento sobre política externa americana e CIA encontramos invariavelmente o «NYT» no lugar destacado das fontes. Através de um meio de comunicação social a que qualquer cidadão tem acesso podem seguir-se os passos secretos da CIA sem ter de recorrer a arquivos selados de uso reservado. Importa, assim, reter a ligação existente entre liberdade de Imprensa e história dos serviços secretos.

Em segundo lugar, vem a palavra espectáculo televisivo, no seu género documental. Por mais forte que seja e venha a ser a guerra ds audiências, o facto é que documentários deste género têm sempre lugar nos programas. A Televisão serve a história e a cultura enquanto tais programas forem exibidos, e nada indica que eles venham a desaparecer dos mapas e das grelhas.

José Sousa Monteiro

Em 1968 um colunista do «NYT» citava um senador: «se tivermos de recomeçar de novo, com um novo Adão e uma nova Eva, eu quero que eles sejam americanos e não russos, e além disso quero-os aqui neste continente americano e não na Europa.» Quando se trata de liberdade de Imprensa e de liberdade de relatar sobre os serviços secretos, talvez se aceite a tese do senador.

Cinema até à morte...

Dois filmes americanos, não de primeira ordem mas tendo achado distribuidor fácil, pela origem vantajosa de que gozam, põem, por coincidência certamente, o problema de as pessoas se matarem com mais ou menos habilidade e sucesso. Em ambos, o título ou é acompanhado do nome original americano ou só este existe, para melhor autenticidade cultural.

«Je t'aime à te tuer» traduz o idiomático «I love you to death» senão exactamente, com irónica aproximação de jogo de palavras; «Kill me again» não teve tradução. O primeiro é uma «comédie de meurtre», o segundo um «film noir», com assinaturas respectivas de Lawrence Kasdan e de John Dahl. Vale mais o primeiro que o segundo, pelo humor que tem um, «negro» e absurdo, e pela autenticidade que falta ao outro.

Uma esposa abundantemente enganada e em boa consciência, resolve vingar-se assassinando o marido, bom italiano emigrado na América, e tudo faz para o conseguir, mas sem resultado, até que recorre a serviços especializados que falham também, em «gags» inesperados, entre a sorte incrível da vítima apontada.

A história é, assegura a publicidade, verídica, com a arte, aqui, a imitar a vida, sem grande vantagem para qualquer das partes.

Com o outro filme, passamos a Las Vegas e à sua fauna de antigo «romance negro», com detective sem esperança, prostituta fatal, maus de encomenda, muito luxo de consumo, dinheiro abundante, e uma longa perseguição por estradas e motéis.

Argumento com ou sem inovação — a lembrança dos anos 50 é certamente voluntária e nostálgica — sem que valha a pena, por cultura cinematográfica, lembrar-nos, a propósito do outro filme, das comédias «negras» também, da produção inglesa do mesmo período.

«Je t'aime à te tuer» valerá mais do que a lembrança que traz, com uma certa referência ao «amor louco» e poético que, para além do crime desejado, liga ao marido a mulher apaixonada — de absurdo para absurdo. «Kill me again» limita o seu valor ao que imediatamente oferece, em divertimento antiquado. Mostrando-nos um e outro filme, porém, que nem o cinema comercial mudou tanto como isso, nem a natureza humana deixou de matar — e até de amar «to death»...

J.A. França

CANAL DA CRÍTICA

Coboiadas secretas

Política cultural ou cultura política

A informação oficial ocupa todo o território da televisão. *Telejornais*, *Primeiros jornais*, últimos jornais, médios jornais, rostos das notícias, as notícias dos rostos, tudo *Primeira Página*, que já foi local privilegiado de debate (ai, Margarida Marante, como tenho saudades de você...) está hoje completamente entregue à bicharada.

O último a aparecer lá foi Santana Lopes, da cultura. Ele só, com exclusão de todo o debate. Crespo perguntou, ele respondeu. Tudo nos conformes. Bemaventurados são os mansos, porque deles será o reino dos céus.

Por muito estranho que pareça e ao contrário do que eu próprio esperava, Santana Lopes deixou uma impressão agradável de dinamismo. De determinação, de conhecimento (ou vontade de conhecer) das matérias. E também de ambição.

Curiosamente, nem essa particularidade se mostrou agressiva. Porque é legítima toda a ambição que se projecta para o interesse da comunidade, e o discurso de Santana Lopes deu essa imagem. Vê-se que tem os olhos postos no corredor que vai à sua frente e se chama Jack Lang. Quem o condenará por isso?

É difícil não estar de acordo com os pontos de vista de Sanatana Lopes em questões tão importantes como o património, a defesa da língua portuguesa, o teatro, o livro. Já é mais difícil vogar no mesmo optimismo, na mesma visão favorável.

Mais do que a acção de um político na cultura, importa a situação de cultura numa política. Por diversas vezes vimos como a SEC depende da acção doutros ministérios. Bem vistas as coisas, todos os ministérios têm uma palavra a dizer.

Por outro lado, há que distinguir os efeitos políticos da cultura e os efeitos propriamente culturais. Alguns dos projectos anunciados apontam para uma servidão imediata - os festivais, as exposições, as feiras, as reuniões, os congressos, mas há as obras, as iniciativas que não enchem o olho, toda a manutenção de um corpo vivo ou a salvação do que reste dele, que a curto prazo dão poucos dividentos políticos. Veremos qual será a opção desta SEC de um governo onde tudo é pretexto de propaganda. Até no seu depoimento sobre a morte de Amélia Rey Colaço, o primeiro-ministro meteu a farpa da autopromoção! O pior que pode acontecer a um estadista é perder o sentido de Estado.

Um dos pontos essencias do discurso de Santana Lopes é a defesa da língua portuguesa. Que não deve limitar-se ao envio de livros para os países africanos nossos compatriotas na língua portuguesa, por muito imporante que isso seja.

Hoje, um dos piores inimigos da língua portuguesa é a televisão. Não é só o mau falar, mas o falar pouco. Em verdade lhes digo que a língua portuguesa já perdeu a soberania na RTP.

Aqui também me parece que Santana Lops está conquistado para a causa, a julgar por uma entrevista na Rádio que por acaso ouvi em tempo de férias. Pois então ponho no prato o peso da SEC. Chame o governo à pedra. Ponha-o diante da sua própria responsabilidade. Que se confunde com a complicidade.

As tétricas tácticas tóxicas

Século XX passa no segundo canal às quartas-feiras, por volta das 22 e 30. Sofre a concorrência tremenda do primeiro canal, onde passa uma fita de cinema. A velha habilidade: dar com a esquerda e tirar com a direita.

Na berlinda, agora, os serviços secretos americanos, analisados pelos mais altos responsáveis dos ditos, ou testemunhados por intervenientes ou protagonistas.

Pontos escaldantes desta emissão, a invasão da Guatemala e o desembarque gorado na Playa Girón em Cuba.

Contam tudo, tintim por tintim.

Arbenz queria a Guatemala para os guatemaltecos, mas os americanos queriam-na para a United Fruit. Disseram que Arbenz maltratava os direitos humanos, invadiram a Guatemala, substituíram Arbenz (presidente eleito democraticamente) por Castillo Armas. Verificação de um alto responsável da CIA: «Assim Guatemala se transformou num dos países onde mais se violam os direitos humanos: nos últimos anos, mais de 150 mil mortos e 40 mil desaparecidos...»

No respeitante a Cuba, tudo estava programado. Assim: «Invadia-se a ilha. Ocupava-se uma região. Instalava-se um governo provisório que pedia a nossa ajuda para se acabar com a guerra civil...»

Diz um combatente: «Na América tinham-nos dito que iríamos apenas para participar no desfile da vitória, em Havana...»

Quanto ao projectado assassínio de Fidel, um responsável garante que Eisenhower tinha conhecimento da operação. Teria mesmo dito: «Ocupem-se desse homem. Todos os meios são legítimos.»

A propósito da legitimidade dos meios, vem um antigo membro da CIA contar-nos a história de Sukarno, na altura presidente da Indonésia, partidário do não alinhamento. Não resisto a transcrever porque sei que os meus leitores também se pelam por estas coisas.

- Há muito tempo que Sukarno ambicionava dormir com Marilyn Monroe. O assunto foi muito bem pensado e, tanto quanto sei, levado para a frente. Desse modo, Sukarno ficaria nas nossas mãos.

Mais tarde, recebemos instruções para entalar Sukarno e pensámos produzir um filme que mostrasse ao mundo que Sukarno era controlado por uma agente soviética. Fizemos um filme pornográfico em que utilizámos material da polícia de Los Angeles. Tivemos de mascarar um actor, pois não tínhamos nenhum parecido com Sukarno.

Ao pé disto, as coboiadas das fitas americanas que passam na televisão parecem brincadeiras de crianças.

Rui Vasco

Santana Lopes

Conta-gotas

Telejornal. Reportagem sobre os fogos na Lousã. Depoimento do comandante Jaime Soares.

Jornal das Nove. Reportagem sobre os fogos na Lousã. Depoimento do comandante Jaime Soares. Sendo no entanto pessoas diferentes...

Tudo à balda.

*

Eram quatro e meia da tarde. Telefilme. Ele e ela naquilo a que se chama agora «fazer amor». Uma cópula demorada, com todos os gestos, todos os ingredientes. E sem pressas.

Dada a hora da transmissão, não seria um documentário para a Telescola?

*

Na *Estrada Larga*, fala-se do *cume airoso* da serrra. Levei tempo a entender que não era nenhuma grosseria.

*

Freitas do Amaral anuncia que o CDS já tem dinheiro para pagar o aluguer da rede ao Patriarcado que, em vez de entregar o caso a Deus, o entregara aos advogados. Chama-se a isto, hereticamente, jogar pela certa.

*

Manuela Moura Guedes avança com a efeméride: faz 1996 que Nero mandou incendiar Roma. Meu Deus, como o tempo corre. Parece que foi ontem.

*

A gentil locutora ao princípio da tarde. Anuncia, não sei onde, uma peça teatral de *A.J. da Silva*.

Coitado. Abreviam-lhe o nome, cousa a que a Santa Inquisição nunca se atreveu. Jota Cristo nos valha!

*

Fernando Real visita o Alviela. Peregrinação obrigatória de todos os manda-chuvas ecologistas. Lembro-me de ver lá Carlos Pimenta, irradiando optimismo. Pessimismo não dá votos.

Fernando Real também optimista. Ele acredita na ressureição do Alviela, «no sítio onde *hajam* águas paradas».

Ele é ministro. Ele é professor universitário. Cuida do ambiente. Por que não cuida também já agora, do ambiente gramatical?

Mágoa por Nicarágua

Entre os que se voltam para onde o Sol nasce, a derrota dos sandinistas foi talvez a dor mais forte dos últimos tempos. Porque a mais inesperada, sendo ainda a mais injusta. Como aconteceu o que aconteceu? Porquê os pobres votavam contra os seus próprios amigos?

Joaquim Furtado é o repórter da RTP com maior carteira. Ninguém esquecerá - para citar algumas - as suas reportagens em Cabo Verde, no Japão e aquela incluída no luxuoso *Portugal sem Fim*. Esta viagem através do povo da Nicarágua ficará entre as mais notáveis. Nenhuma obesidade lírica, nenhuma informação a martelo. Limitou-se a ir ao encontro das pessoas, deixou que as pessoas falassem. Quem tem ouvidos que ouça. Perfeita união entre a imagem e a palavra. Reportagem que ficará como oficina obrigatória de todos os repórteres em princípio de carreira.

Quatro foram os pontos fulcrais desta reportagem: a entrevista do sapateiro (para nos dar a vertente das dificuldades económicas); a notícia da entrega de armas dos *contra* (os *contra-revolucionários*) com aquela entrevista antológica das crianças combatentes; o comício dos *compas* (os *companheiros* sandinistas onde simultaneamente corriam as lágrimas e as canções de esperança; finalmente, a presença e as palavras dos camponeses pobres beneficiados com a Reforma Agrária que nos dão a visão mais clara da situação.

Por que votaram eles por Violeta? Não , não foi por agressão aos sandinistas, mas sim para acabar com a guerra. Então eles não sabiam que a guerra e o bloqueio eram provocados pelos Estados Unidos? Sabiam. Mas também sabiam que, sem Violeta, não haveria paz. E não temiam que os grandes latifundiários, de volta já, lhes levassem as terras? Não, porque contam com o apoio dos sandinistas.... esses contra quem tinham votado! Como quem diz: Violeta, acabe a guerra e nós faremos o resto. Violeta que não se atrevesse a tocar no sistema, a retirar os benefícios alcançados...

Tal como os homens subindo a montanha, a História segue por ínvios caminhos para mais alto. A verdade é que desta reportagem de Joaquim Furtado se desprende alguma dor, mas nenhum desespero. Porque nunca se é semente em vão.

Mário Castrim

Chamava-se Vincente Minelli e só de lhe lembrarmos o nome, sentimos o peso de todo um capítulo da história do cinema. Com Judy Garland teve uma filha chamada Liza, com a Metro gerou alguns dos melhores filmes de sempre. Morreu faz hoje quatro anos. Sem ele, Hollywood não seria a mesma coisa

Deus sabe quanto amou

Deus chama cedo aqueles a quem ama. Mas, felizmente, também nos deixa por muitos e bons, alguns dos seus eleitos para que nós próprios os possamos amar. Com Marlène, Garbo, Bette Davis e, evidentemente, o inventor de todos os sonhos cor-de-rosa: Mr. Vincente Minnelli.

No princípio, era, conforme o apelido sugere, o descendente de imigrantes italianos. Corria o ano de 1903 e estava-se em Chicago. No fim, há precisamente quatro anos, era o homem que erguera mais alto o pendão da Metro-Goldwyn-Mayer, quando desvendara ao mundo o que era fazer musicais, melhor do que nos palcos da Broadway, maior do que a vida. Como Berkeley nunca conseguira e como a dupla Kelly-Donen jamais faria, apesar de «Serenata à Chuva».

A história profissional daquele que, de algum modo, se pode considerar o mais puro cineasta de que há memória em Hollywood, começa ironicamente (ou talvez não) ao serviço do Teatro. Ao longo da década de trinta, ele faria um pouco de tudo para melhorar a imagem do que se vê em palco: fotografia, cenografia, encenação. Foram-lhe reconhecidos os dotes e só assim se justifica que, em 1940, a Meca do Cinema o tenha seduzido para sempre. Ao contrário de muitos outros homens de teatro seus contemporâneos, a partida para Hollywood não era uma questão de reagir ao tilintar do vil metal ou de sonhar reconhecimento mundial imediato. Os anos seguintes provaram-no. Mais profundo do que isso, era uma paixão para um homem que não soube (ou não quis) viver de outro modo.

Uma vez instalado com malas, bagagens e muitas ideias no mundo do «silver screen», Vincente Minnelli, então à beira dos quarenta anos, começou a trabalhar em musicais, com Busby Berkeley, até à data considerado o mago do musical tipo-Metro. Era o tempo dos contributos quase anónimos, mas indeléveis, em filmes como «Strike Up The Band» e «Babes on Broadway», em que pontificava uma estrela de vinte anos chamada Judy Garland...

A estreia de Vincente Minnelli como realizador ocorreu em 1943. O filme era musical, intitulava-se (em português) «Um Lugar no Céu» e terá determinado o futuro de uma carreira que, se também é constituída por dramas e comédias de primeira água, ficará ligada ao melhor período do género musical, enquanto do cinema perdurar memória.

Câmara! Luzes! Música!

O cinema musical de Minnelli caracteriza-se, segundo João Bénard da Costa, por ser «o lugar da magia. Graças à música e à dança tudo pode acontecer e os personagens voam sob as fronteiras do tempo ou deste para outros mundos, como se essas fronteiras ou mundos mais não fossem do que 'décors' tão abolíveis e tão conjugáveis como os telões dos palcos». O campeão do sonho, poder-se-lhe-ia chamar, sem quaisquer riscos.

«Um Americano em Paris», de Vincent Minnelli

Com intérpretes como Duke Ellington e Louis Armstrong, que fizeram também, e sobretudo, uma «perninha» musical, Lena Horne e Eddie Anderson, este primeiro filme de Minnelli decorre já entre divinais esferas: Little Joe morre uma primeira vez, mas como em cinema tudo é possível, também para a morte há remédio, e o ex-defunto regressa para encontrar a primeira actriz negra a ser contratada por um grande estúdio. Chamava-se Lena Horne, era bonita até mais não e justificava artisticamente a ousadia do contrato.

Com actores negros ou não, os outros filmes de Minnelli foram sempre esta apologia do sonho, em detrimento de convenções espaciais, cronológicas ou coisa que o valha.

É o caso de «Meet me in St. Louis» (em português «Não Há Como a Nossa Casa»), realizado em 1944, no tempo em que Minnelli namorava com Garland. É ela, de resto, que em determinada cena de um outro filme («O Pirata»), pronuncia a frase que melhor poderia servir de introdução à obra do seu bem-amado. «Suponho então — diz ela à tia que a persuadia a um casamento vantajoso — que há um mundo prático e um mundo de sonho.» É isso, Miss Garland. É isso que encontramos em «Um Americano em Paris», na rápida, mas sempre deslumbrante mutação de «décors», como em «A Roda da Fortuna», mas sobretudo como em «Brigadoon», em que se dá a crer a uma América já iniciada nos «mistérios» da televisão que, no cinema e pelo cinema, o amor tudo consegue, desde o proverbial transtorno dos vivos até à ressurreição dos mortos. O herói morrera, mas volta e, ao voltar, sonha com o regresso da amada. Ninguém o pode censurar. Deus quer, Minnelli sonha, a obra nasce e eis Cyd Charisse a dançar, de volta aos braços de Gene Kelly.

Os musicais de Minnelli não se resumem, todavia, a esta persistente incomodidade ante as limitações que, regra geral, se infiltram vida adentro. Em quase todos eles há, por exemplo, um gosto por uma época e por um estilo de pintura indelevelmente associados: a «Belle Époque» e o impressionismo, já para não falar da atracção que a Europa parece exercer sobre o cineasta.

Veja-se o primeiro aspecto. Em que época decorre a acção de «Meet me in St. Louis»! Em 1903-1904. E o belíssimo «Gigi»? 1900, não mais.

Se, no entanto, o primeiro é demasiado americano para cair nas tentações do cosmopolitismo, «Gigi» é precisamente o contrário. Leslie Caron surge mais delicada, mais sofisticada, mais próxima de uma retratada de Renoir do que nunca, enquanto Louis Jordan encarna, por seu turno, a imagem da sedução; subtil, felino (como Minnelli apreciava) e com um vago sabor a «Maxim's» e a apetites superiores. Depois, há toda a atmosfera de Paris no princípio do século, com Maurice Chevalier, nostálgico mas institucional, a ajudar à festa.

Tudo isto na «Cidade-Luz», tal como os loucos requebros de um americano chamado Gene Kelly por uma jovenzinha, parisiense na certidão de nascimento e na «coqueterie», de sua graça (que era muita) Leslie Caron. Foi o reboliço que se viu e ouviu num filme ainda mais deslumbrante do que «Gigi», um filme que levou para casa uma mão cheia de oscares, entre os quais o de melhor de 1951. Chamava-se, já se adivinha, «Um Americano em Paris» e demonstrou a meio mundo como é que em «show-business», se faz o «show» e, só depois, se pensa em «business»...

A importância que Minnelli atribuía a um bom filme valorizado por «décors» visualmente muito cuidados é, de resto, sensível em todas estas películas. Houve quem lhe gabasse a proximidade com os pintores impressionistas, o que não está mal de todo se nos lembrarmos também que a única biografia filmada por Minnelli foi a de um holandês, como ele chamado Vincente, Vincent Van Gogh...

Ao contrário deste, Minnelli nunca mandou o resto ao Diabo, pois, no fundo, ele era tanto uma criatura do cinema como os peixes são da água. Por isso, se dedicou ao drama e à comédia com a mesma paixão de que fizera bom uso nos musicais.

É verdade que quem pensa em Minnelli, pensa em filmes-espectáculo, em que todas as paixões eram temperadas com canções de ambos os irmãos Gershwin, de Duke Ellington ou de Cole Porter. Mas há talentos transbordantes que não sabem sossegar dentro dos limites do que eles próprios criaram.

Por isso, coube a Minnelli assinar filmes notáveis como «O Relógio», «Madame Bovary», «A Vida Apaixonada de Van Gogh» e, sobretudo, «Deus sabe quanto amei» ou «Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse». Em todos eles se falava abundantemente de espectros psicológicos e de amor. Deus sabe quanto o amámos. Deus sabe quanto ele amou: o gigantismo dos actores, a beleza dos filmes, a glória do cinema.

Maria João Martins

BREVES

Bénard em livro na Assírio

É cinema, é um livro e é uma boa notícia. As crónicas que no ano passado João Bénard da Costa assinou em «O Independente» vão sair para o Natal num volume (ilustrado ?) com a chancela da Assírio & Alvim.

Como os fieis dos textos de Bénard muito bem sabem, tais crónicas constituíam uma série intitulada «Os filmes da minha vida/ Os meus filmes da vida», cerca de cinco dezenas de páginas do melhor que em Portugal se escreve sobre cinema.

João Bénard da Costa prossegue a sua colaboração naquele semanário, agora com outra série de crónicas:«Muito lá de casa» Novo livro para o ano ?

David Bowie vem a Lisboa em Setembro

Está finalmente confirmado, pelo que na sua edição de hoje noticia o «Público»: David Bowie vem a Lisboa, a 15 de Setembro, e prevê-se, tal como aconteceu com os Rolling Stones, que uma entidade bancária apoie o espectáculo. O concerto em Lisboa do autor de «Heroes» insere-se na sua digressão europeia e terá na primeira parte o grupo pop Christians.

«Jazz Num Dia de Verão»: «catástrofe» ou sucesso?

Duarte Mendonça, organizador do «Jazz Num Dia de Verão», já o admite. No seu ver, e dado número de espectadores nos dois primeiros concertos (ou quatro, porque cada um foi dividido em duas sessões, como nos clubes de Nova Iorque) do festival, a iniciativa está a ser «catastrófica, em termos financeiros». O curso de jazz dirigido por Rufus Reid, em complemento do ciclo, é que está a ser um sucesso. Nele se inscreveram cerca de sete dezenas de alunos, embora na maioria sejam espanhóis e franceses.

Os professores são os elementos dos Projazz New York All Stars, a saber o próprio Reid, para o contrabaixo, Kenny Burrell para a guitarra, «Sir» Roland Hanna para o piano, Clark Terry para o trompete, Bobby Watson para o saxofone e Kenny Washington para a bateria. Os melhores alunos tocarão com os seus mestres no próximo sábado, pelas 23 e 30.

Músicos do S. Carlos prosseguem reivindicações

Defendeu ontem o Sindicato dos Músicos que o Estado tem capacidade financeira para suportar os custos de uma orquestra, a crer no apoio da Secretaria de Estado da Cultura e de organismos públicos à Régie Sinfonia, do Porto. O sindicato, em representação dos elementos da Orquestra do Teatro Nacional de São Carlos, protestava em conferência de Imprensa pelo «não cumprimento do acordo existente entre a orquestra e o Conselho de Gerência do S. Carlos sobre as condições laborais e salariais dos músicos».

Face a este impasse, e apesar de aquele Conselho de Gerência ter cancelado os espectáculos agendados para este mês para menorizar os efeitos das greves anunciadas, «os músicos decidem continuar a luta iniciada, já que não pretendem abdicar dos princípios acordados».

X Salão de Pintura «Naif»

Com a cerimónia de entrega de prémios inaugura-se às 16 horas do próximo sábado, na Galeria do Casino Estoril o X Salão Nacional de Pintura «Naif».

Cerca de duas centenas de obras de 46 autores convidados integram esta edição que regista acentuada melhoria dos trabalhos seleccionados por um júri de que faziam parte a escultora Aida Sousa Dias, representante da Junta de Turismo da Costa do Estoril; pintor Francisco Relógio; professora Silvia Chicó, representante da Câmara Municipal de Lisboa e o director da Galeria e representante da Estoril-Sol, doutor Lima de Carvalho.

Coube a Fernando Costa o Prémio Câmara Municipal de Lisboa, no valor de 300 mil escudos, pela autoria de «Lisboa/Santa Luzia»; a Eufigénio o Prémio Junta de Turismo da Costa do Estoril, de aquisição e no valor de 150 mil escudos, pela autoria de «Parque do Estoril», e a M. Castro o Prémio Estoril-Sol, também de aquisição, no valor de 200 mil escudos, pelo trabalho «Paisagem Alentejana».

Crónica de uma semana em que, para compensar o desastre do filme de Zulawski, há dois filmes com Gene Hackman, recomendáveis, e uma boa surpresa, «Um Caso de Guerra», adiante se dirá qual. Mas do que se diz já é que amanhã volta (e é quase uma estreia) «Jules e Jim». Se não é o melhor Truffaut, é o mais amado. Lindo de morrer...

A *reprise* do ano

CINEMA

«Jules e Jim»: Henri Serre, Jeanne Moreau e Oskar Werner, um trio sublime

A fonte é de confiança, não há que duvidar. É M. S. Fonseca, que no último «Expresso» dá conta da média de espectadores por sessão nos cinemas de Lisboa durante o mês de Junho. Nove... Nove espectadores por sessão, uma média que aumenta para 16, se ao conjunto acrescentarmos a frequência das dez salas das Amoreiras. Média que mesmo assim, andará longe das duas salas do Forum Picoas: 46 espectadores.

Façam-se as contas, uma coisa é certa: o Forum Picoas regista hoje (ou registou no mês passado) a maior taxa de frequência de Lisboa. Sabendo-se quais os filmes que ali se exibem, tudo o que há a concluir é isto: a qualidade compensa... o resto a maior parte das vezes não.

Começa-se assim a crónica e não é por acaso, é para dar ênfase à tese que se continua a defender até prova em contrário: há público em Lisboa para ver cinema de qualidade e garantir as bilheteiras, o que não há é público para ver maus filmes... ou filmes que, merecendo melhor sorte, são vítimas do desleixo comercial dos exibidores.

E, a propósito disto, nem se fala já de algumas salas com ecrãs que se aproximam perigosamente dos de televisão, nem se fala do estado de algumas cópias de filmes em estreia. Fala-se, sim, do modo como se atiram não importa para onde filmes que só com carinho promocional seriam capazes de resistir ao caos em que se transformou hoje a exibição comercial neste País.

Ora, o êxito de uma experiência como a do Forum Picoas (uma experiência que tem apenas um ano) resulta não só da qualidade intrínseca dos filmes que ali se exibem, mas também do cuidado com que se acompanha o filme, desde a promoção.

*

E esta semana, o Forum Picoas, é mais uma vez, notícia. Estreia-se: «Jules e Jim», nem mais, um dos melhores filmes de Truffaut, um dos mais amados filmes de sempre, se há exagero, peço desculpa, que isto de amores não se discutem, cada um tem os que tem.

«Jules e Jim» estreou em Paris, em 1962, esse ano tão importante para nós, portugueses, por causas que ao cinema não dizem respeito. Razões que, de qualquer modo, impediram que o filme (terceira longa-metragem do cineasta francês) não pudesse ser exibido em Portugal antes do 25 de Abril. Depois, sim, estreou-se, mas nesse ano e meio de 74/75, andavam os portugueses noutras vidas que não a do cinema e «Jules e Jim» (como tantos outros filmes, incluindo a «Benilde», de Oliveira) passou despercebido. Amanhã ele regressa e quase se pode dizer que vem pela primeira vez, desafiando-nos para o deslumbre que a cinefilia de todo o mundo nele descobriu vai para trinta anos.

Para a semana se falará mais de «Jules e Jim», porque o cronista de novo o irá rever, mas a crónica de hoje nem crónica seria se não dissesse já alguma coisa deste filme que tem lá tudo: o amor e a morte, a flor da idade e a nostalgia do tempo sobrante à juventude, a amizade e a guerra, o tempo — esse tempo tão breve e tão longo que vai dos derradeiros anos da «belle époque» anterior à Primeira Guerra, à «geração perdida» que antecede a Segunda. Tudo isto e quatro actores sublimes: Jeanne Moreau, apaixonante como nunca; Oskar Werner e o seu olhar, um dos mais belos olhares masculinos de todo o cinema de Truffaut; Henri Serre e Marie Dubois, encantadores, ambos.

E, por ora, mais se não diga, salvo isto: esta «reprise» fará com que em Agosto haja pelo menos um filme maravilhoso para (re)ver e fruir em Lisboa, um filme por onde passa uma canção que se chama assim: «O turbilhão da vida».

*

A vida passa também, mas de outra maneira, por um filme curioso que dá pelo título de «Um Bar Chamado Blue Water», do norte-americano Peter Masterson. Podia ser uma peça de teatro, no exacto sentido em que o bar é o cenário para onde conflui toda a acção. E a acção é esse quase nada que faz o quotidiano, suas grandezas e misérias, aqui as de uma muito pequena cidade americana. Diz-se do quotidiano e o mesmo é dizer dessa faixa estreita que fica entre a tragédia e a comédia, algo mais e o riso se transforma em lágrima, é a vida anónima das gentes comuns.

O filme é isto, servido por uma câmara amável, terna, mesmo quando é irónica, e há, claro está, esse grande actor chamado Gene Hackman.

*

Gene Hackman outra vez, mas agora em «Canhões Perdidos», na companhia de Dan Ackroyd, o filho — lembram-se? — de «Miss Daisy». Parece um desafio de bem representar, esta obra que é uma paródia ao filme de «gangsters», graças à memória da BD americana. Há dois polícias à compita: o duro e o outro, só que o outro, quando encarna a personalidade dos heróis de que alimentou a sua mente juvenil, transfigura-se. Um delírio, obviamente cheio de uma violência que afinal o não é. Porquê? Porque é como se estes polícias, mais do que armados, andassem «pedrados». Como o filme...

*

Melhor do que estes filmes interpretados por Gene Hackman é «Um Caso de Guerra», de Patrick Duncan. A guerra é a do Vietname, mas — atenção — este não é mais um filme sobre o tema. Este é um filme sobre o Vietname, sim, mas completamente diferente do que se poderia esperar. Aliás, mais do que um filme, é um ensaio cinematográfico, já que toda a acção é vista através de um único olhar, o de uma câmara que vai registando a acção e o comportamento de um pequeno pelotão de reconhecimento.

E o que o filme é, de facto, é isso mesmo: todo ele um

A Ver

Dos filmes em exibição comercial, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «Sonhos», Akira Kurosawa (1990)
- «Tempo dos Ciganos», Emir Kusturica (1988)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «Henrique V», Kenneth Branagh (1989)
- «Roger e Eu», Michael Moore (1989)
- «Um Caso de Guerra», Patrick Dunc (1988)
- «Um Bar Chamado Blue Water», Peter Masterson (1988)
- «Canhões Perdidos», Bob Clark (1989)
- «Cena de Luta de Classes em Beverly Hills», Paul Bertel (1989)
- «Ata-me», Pedro Almodóvar (1990)
- «Cookie», Susan Seidelman (1989)
- «Na Corda Bamba», John Badham (1990)
- «Olha Quem Fala», Amy Heckerling (1989)
- «Ninguém é Santo», Neil Jordan (1990)
- «As Minhas Noites São Mais Belas Que os Vossos Dias», Andrzej Zulawski (1989)
- «Duro de Roer», Bruce Malmuth (1990)

Em reposição

- «Os Deuses Devem Estar Loucos - II», Jamie Uys (1989)

R. da S.

«Jules e Jim»: o cartaz original e o livro com a «découpage» integral do filme

reconhecimento, no que esta palavra, em gíria militar, significa: pesquisa do terreno. A câmara (que se confunde com a do cineasta) passa o filme a inquirir: as personagens, o seu comportamento, a sua identidade. Extremamente contido, muito rigoroso, «Um Acaso de Guerra» é a melhor surpresa da semana.

•

Da melhor surpresa para a pior: o filme do polaco filmando em França Andréjz Zulawski. O filme dá pelo belo nome de «As Minhas Noites São Mais Belas do que Os Teus Dias», mas a beleza do filme fica-se pelo título e pouco mais. Pouco... alguma coisa: o genérico inicial, que nos dá conta de que algo se passa na cabeça de um homem que inventou uma nova linguagem para uso dos computadores. E se desta linguagem para computadores nada mais saberemos, da perda progressiva do domínio das palavras pelo próprio inventor iremos saber todo o filme. Dito assim, esperar-se-ia alguma coisa de interessante. Mas não: mal o genérico termina surge uma câmara confusa, pedante, intelectual no pior sentido do termo, a deitar por terra todo o trabalho dos actores.

Um desastre este filme de Zulawski a fazer-nos ter saudades desse outro cinema francês que, possua o que possuir, tem sempre esse lado físico, corpos e almas fundindo-se e é a exaltação da vida. Mas agora reparo, não estarei já a falar outra vez de «Jules e Jim»? Estreia amanhã. Lá estaremos!

Rodrigues da Silva

CRÓNICA DE TOUROS

São João em Badajoz com golo da Argentina

Praça de Touros de Badajoz. Domingo, 24 de Junho de 1990. Um touro de Bernardino Piriz para o rojoneador Juan José Rodriguez, e seis de Cebada Gago para Juan Mora, José Miguel Arroyo «Joselito» e Carlos Collado «Niño de la Taurina».

Corrida do dia de São João em Badajoz, dia maior das festas do dito, programa começou de manhã, desfile de gigantes e cabeçudos, depois números diversos, da eucaristia na Catedral ao fogo-de-artifício entre as pontes do rio, desta vez não há portugueses nos cartazes taurinos mas aparecem noutras coisas, o rancho do Montijo no festival folclórico, uma «seleccion autonómica de las islas Madeira» e outra das Caldas no torneio de pingue pongue, equipas de Elvas e Lisboa nas provas de natação, e corredores portugueses não identificados no crosse em Los Montitos, como se pode correr com um calor assim, e haverá portugueses não identificados por tudo quanto é sítio, desde a verbena na feira à exposição no Zurbaran, pintura taurina de Victoria Navarro, uma obra que segundo a explicação singular da autora «leva mais tempo a criá-la que a pintá-la, porque trato que seja espontânea, e para isso necessitam-se de muitos dias dando voltas à cabeça», fim de citação, uma obra que não precisa de dar voltas à cabeça é a doutra exposição, entrada das dez à uma, consta de 41 radiocassettes e 5 equalizadores roubados de viaturas, a Brigada da Polícia Judicial convida os visitantes a que reconheçam alguns objectos como tendo sido pertença sua, e no Teatro Menacho duas sessões com a Companhia de Comédias Cómicas de Quique Camoiras, levam a peça «Põe o Bigode, Manolo», deve ser para rir, aliás o agente do Quique Camoiras adora estatísticas, houve uma peça em que contou 400 gargalhadas da assistência, é obra, na corrida desta tarde houve muitos passes mas não chegaram a 400, e dos que houve a esmagadora maioria foram expressão do tom morno que a festa atravessa, recordo umas verónicas pausadas de Juan Mora, uns apontamentos desse seu estilo barroco que se fosse mais constante outro galo cantaria, e uma grande estocada de Joselito no touro quinto, abrira a faena sentado no estribo mas de pé não houve chama nem limpeza, e afinal cortou uma orelha em cada touro, mais vale cair em graça do que ser engraçado, de graça para ser eficaz como sempre não precisou o senhor peão que é Martin Recio, voltando ao Camoiras, ele usa uma daquelas pulseiras magnéticas com duas bolinhas, foi a mulher que o obrigou, e não é que lhe passou mesmo a artrose na segunda cervical, ele diz que não é graça, que lhe fez mesmo efeito a pulseira, venda exclusiva em farmácias, a venda de bilhetes para o circo é no Passeio de São Francisco, grandes atracções, salto mortal no arame, a mulher com cabelos de aço, o homem que anda com a cabeça, e montes de animais, leões, tigres, panteras, pumas, camelos, além dos cães futebolistas, em futebol o São João não quis nada com a selecção do Brasil, baqueou aos olhos de milhões de cidadãos espalhados por todos os lugares do mundo, incluindo o Bar Moisés, ao lado da praça de Touros, um bar como tantos, mesas, cadeiras, balcão ao fundo, e ao canto um televisor com o Brasil-Argentina, e veio aquele golo dos homens do tango, pronto, já estamos arrumados, disse um dos portugueses presentes, não disse estão, disse estamos, conjugou o verbo na primeira pessoa do plural do presente do indicativo, os brasileiros têm costela portuguesa mas no futebol aos portugueses só nos resta ter costela brasileira, foi mesmo um balde de água fria, enfim, que se havia de fazer senão ir andando para a praça, mais de meia ficou, a sombra quase cheia, safou-se a empresa na luta contra a concorrência do mundial, luta com dificuldade acrescida, El Litri colhido em Alicante para o seu lugar foram buscar El Niño de La Taurina, fácil e veloz em bandarilhas e diligente com os enganos, mas sem levantar o tom vulgar da tarde, entretida mas sem o luzimento que os touros bem postos de Cebada Gago, entre eles um castanho e um salinero preciosos, com sua nobreza consentiam. E também era manejável o Piriz que abriu praça para Juan José Rodriguez, jovem rojoneador de Badajoz, entrado no festejo em reforço de última hora, tem 18 anos mas mostrou um sereno ofício, sem recorrer a cabriolas nem a ferros de palmo, deixando-se ver, entrando com verdade, a orelha acabou de ganhar com um rojão certeiro, que deixou o touro em longa e sustentada agonia, feliz passeou o moço o troféu, o mostrou aos também felizes conterrâneos, e aos montes de portugueses presentes na praça, que em Badajoz é como se conterrâneos fossem, com a diferença que no mundial torcem pelo Brasil, mal empregado aquele golo do Caniggia, o Maradona quase sem tocar na borracha e logo lhe saiu aquele passe de morte, acabou-se o samba, na bola às vezes é assim, na bola e noutras coisas, uns fazem a faena e os outros é que cortam as orelhas.

Solilóquio

O ciclo de cinema do DL na Cinemateca

Documentários inéditos esta tarde

Se «O Pai Tirano» fala de cinéfilas, «A Menina da Rádio» fala ...das meninas da rádio. Era a Lisboas dos anos 40, cuja mentalidade ía mudando, graças ao cinema, à rádio, às novas modas e ao basto uso que de tudo isso faziam as meninas, apesar das mães delas...

Um pequeno mundo, pacatamente em mudança, era o que era. No caso de «A Menina da Rádio», o que vai mudando é Lisboa, a Lisboa pequeno-burguesa do bairro da Estrela, no qual António Silva quer ver instalado...um Rádio Clube da Estrela, vedeta já ele tem, é a filha, a sua Geninha...

A Geninha é Maria Eugénia, a futura mana (ingénua) de uma Milú (desenvolta) de «O Leão da Estrela». Aqui, em «A Menina da Rádio», a Geninha canta (na rádio, claro), o célebre «O maior sonho / dos sonhos de amor...», a cantiga que, graças à popularidade do filme, todas as meninas irão depois repetir, olhos em alvo...às vezes um alvo bem preciso.

«A Menina da Rádio» é um filme de Arthur Duarte, realizado em 1944, e passa esta noite, às 21 e 30, no ciclo de cinema que o DL está a promover com o apoio da Cinemateca.

Mas o dia de hoje tem a sua sessão mais importante às 18 e 30. Como omtem largamente aqui se referiu, a sessão é preenchida com a exibição de 22 documentários de actualidades produzidos entre 1940 e 1949 e nunca desde então reexibidos, porque só agora recuperados pela Cinemateca.

Após a exibição, que dura 70 minutos, há um colóquio com a participação dos hiostoriadores César de Oliveira, Piteira Santos, Fernando Rosas e Manuel Braga da Cruz. Segue um debate aberto ao público.

Amanhã, o ciclo Tempo do Mundo Português prossegue com a exibição, respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30, de «Os Vizinhos do Rés do Chão» (1947), de Alejandro Perla; e «Fado» (1947), de Perdigão Queiroga. António Silva entra nos dois filmes, Amália é a estrela do filme da noite.

R. da S.

Maria Eugénia e Óscar de Lemos, o par de «A Menina da Rádio», (1944), esta noite na Cinemateca

DESPORTO

Estágio rubro na Suécia

Eriksson abre temporada benfiquista perdendo no estádio onde começou

Ontem, na cidade sueca de Dangerfors, a equipa do Benfica que lá se encontra a estagiar competiu com o clube local, perdendo por 0-1 (golo de Roger Wermer, aos 4 minutos). Shéu Han secretário técnico dos «encarnados» diz que, apesar do resultado final ter sido negativo, «*as indicações foram boas, pois os jogadores responderam bem em termos físicos e técnicos*». «*Embora o resultado não nos tenha sido favorável, considero que os jogadores cumpriram na globalidade, evidenciando uma grande entrega durante os 90 minutos e o facto do golo do Dangerfors ter surgido muito cedo influenciou decisivamente o resultado fina do encontro.*

Recorde-se que o Dangersfors foi a 1.ª equipa do treinador benfiquista Sven Eriksson, como jogador e treinador.

O Benfica alinhou com os seguintes elementos: Silvino (Neno, na 2.ª parte); José Carlos, Paulo Madeira, Veloso e Fernando Mendes, Hernâni; Pacheco (César Brito, na 2.ª parte) e Paulo Sousa; Rui Águas (Vata, na 2.ª parte), Isaías (Lima, na 2.ª parte) e Sanchez.

Em relação a Valdo, o Fiorentina não aumenta a oferta e o Benfica não diminue o preço, sendo possível que o centro-campista brasileiro se reúna rapidamente aos seus colegas, na Suécia.

Madjer fica nas Antas

O argelino Rabath Madjer chegou a acordo com a direcção do FC Porto para continuar a representar o clube por mais uma época, disse Reinaldo Teles, chefe do departamento de futebol portista, acrescentando que «*Madjer, na reunião que teve com Pinto da Costa, manifestou interesse em continuar ao serviço do FC Porto e a direcção, atendendo ao valor do atleta, vê a sua reintegração na equipa com muito bons olhos*».

O internacional argelino demonstrou, no final da época passada, interesse em se transferir para outro clube, tendo estado até há pouco tempo com um pé no Málaga, clube que milita na 2.ª divisão espanhola de futebol.

Reinaldo Teles revelou que Madjer reiniciou a sua actividade no FC Porto já durante o treino da tarde de ontem. O atleta portista vai deslocar-se no próximo fim-de-semana à Argélia para tratar de assuntos particulares.

«*É intenção da direcção do FC Porto criar uma equipa forte e coesa, capaz de reeditar os êxitos passados*», garante o chefe do futebol profissional dos azuis-brancos que, questionado acerca da possibilidade de um outro jogador vir a integrar os quadros do clube, afirmou que «*o plantel» portista nunca está completo, sendo sempre de admitir novas contratações*». «*Estamos permanentemente receptivos a jogadores que, através do seu valor, venham fortelecer o grupo de trabalho*», defendeu Reinado Teles.

A propósito dos portistas: a turma comandada por Artur Jorge vai ser adversária do Gil Vicente em jogo da formação de Barcelos no sábado. Durante a partida, vão ser impostas aos atletas do Gil Vicente as faixas de campeão nacional da 2.ª Divisão, na época passada.

A apresentação do FC Porto ao seu público está prevista para o dia 31 em jogo frente ao Vitória de Setúbal.

Antes do início do Campeonato, o clube portuense vai ainda participar no Torneio Cidade do Porto, cabendo-lhe defrontar, num dos jogos, o Atlético de Madrid, enquanto o Boavista terá pela frente a formação belga do Standard de Liège.

Formações modificadas

RIO AVE: o treinador Mário Reis tem à disposição os guarda-redes Maravalhas, Joel (Gil Vicente) e Rui Sá (Guarda), os **defesas** Paulo Andrade, Agonia (Senhora da Hora), Bino (Bragança), Afonso (Gil Vicente), Carlos Brito (Salgueiros), Rodolfo Coutinho (Tirsense) e Rui Azevedo (ex-júnior); os **médios** Eusébio, Paulinho, Bragança, Hugo, Santos Cardoso (Amarante), Nuno (Felgueiras) e Hélder (FC Porto) e os **avançados** Karim, Daniel, Luís Miguel (FC Porto), Toni (Vianense) e Rui Miguel (ex-júnior). Foram emprestados Quim Santos, Pedro Morais (ambos ao Delães) e Zé Carlos (Sport Rio Tinto).

Quanto a saídas, registam-se as seguintes: Dias (Louletano), Carlos Manuel e Matias (União da Madeira), Paulo Pires (Tirsense), Lourenço (Esposende), Quim Filipe (Pedrouços), Quim Nando (Feirense), Nando (Vitória de Setúbal), Pedro (Sport Rio Tinto), Quim Alberto, João Viana, João Luís, Cássio, André, Décio e Cassamá.

A chefia do departamento de futebol está a cargo do dr. Carlos Maia da Costa, enquanto o departamento médico inclui os drs. Teófilo Bernardes, António Ferreira, Álvaro Borges e Rui Frutuoso, auxiliados pelos massagistas Joaquim Dias e José Maria Cardoso.

Preparação dos «teams»

Jogos particulares para rodagem dos «onzes»: Estrela da Amadora, 3-Barreirense, 1; Gil Vicente, 1-Paços de Ferreira, 0; Braga, 0-Marítimo, 1; Penafiel, 0-Boavista, 2; Belenenses, 3-Torreense, 0 e Freamunde, 1-Salgueiros, 4.

Entretanto, o Lusitano de Évora (que, na próxima época vai disputar o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão-B) apresenta a sua equipa a 4 de Agosto, em encontro com o Belenenses. A turma foi renovada com as contratações de Edgar, Jaiminho e Radkov (ex-Olhanense), José Carlos (ex-Juventude), Kerimov (ex-Covilhã), Hermano (ex-Elvas) e Venâncio (ex-Louletano). O grupo, que já iniciou os trabalhos de preparação, é dirigida pelo treinador Dinis Vital, auxiliado pelo jogador Zorrinho. O orçamento global do clube para este ano ronda os 60 mil contos.

Manuel Oliveira contesta Liguinha

Manuel Oliveira, técnico do Portimonense, critica a forma encontrada para a disputa da «Liguinha» com vista ao apuramento do 20.º clube que disputará a divisão do futebol português na nova época. Oliveira afirmou que «*nunca por nunca se deveria fazer uma ponta final com uma fase de eliminatórias, mas sim todas as equipas jogarem entre si, o que viria a dar mais uma jornada e, isso sim, era mais certo*». «*Logo, a forma ideal seria a disputa de duas séries de três equipas e o apuramento feito através de uma final de cada uma ds séries*». «*A não fazer-se isso, a verdade desportiva ficará atraiçoada*», sublinhou o técnico portimonense, falando depois sobre as possibilidades da sua equipa manter-se na 1.ª Divisão pela via da «Liguinha»: considerou que o Portimonense «*vai jogar para ganhar, pois as hipóteses são iguais para todos os clubes*».

Manuel Oliveira considerou ainda que o facto das equipas que vão disputar a «Liguinha» com o Portimonense se terem reforçado fortemente, não constitui problema: antes «*contribuirá para a melhoria da prova.*»

O Portimonense, que desceu de divisão na época transacta (1989/90), foi repescado para disputar a «Liguinha» determinada pela Federação de Futebol para o apuramento do 20.º clube que acompanhará o Famalicão no alargamento da 1.ª Divisão, mantém o plantel base com que disputou o Nacional primodivisionário.

Stejskla em Inglaterra

O guarda-redes da selecção checoslovaca, Jan Stejskla, assinou contrato com o clube inglês Queen's Park Rangers, através de uma transferência que envolveu a soma de 1,09 milhões de dólares (cerca de 163 mil contos). Porém, o Sparta de Praga só libertara o jogador quando a formação checoslovaca ficar afastada das competições europeias onde está envolvida.

Mfede em Espanha

Lewis Mfede, futebolista internacional dos Camarões, assinou contrato com o Figueiras, equipa que milita na 2.ª Divisão espanhola. Mfede, um médio de 29 anos de idade, revelou-se no decorrer do Itália-90, tendo sido indicado ao Figueras por Thomas N'Kono, guarda-redes dos Camarões e do Espanhol de Barcelona.

Lewis Mfede recebeu por este contrato uma verba calculada em 100 mil dólares (cerca de 15 mil contos). É o 2.º jogador que o Figueras foi contratar à selecção dos Camarões, pois na semana passada havia concretizado a aquisição de Cyrille Makanaky.

O internacional norte-americano, Tab Ramos, assinou também contrato com esta equipa da 2.ª Divisão.

Negócio madrileno

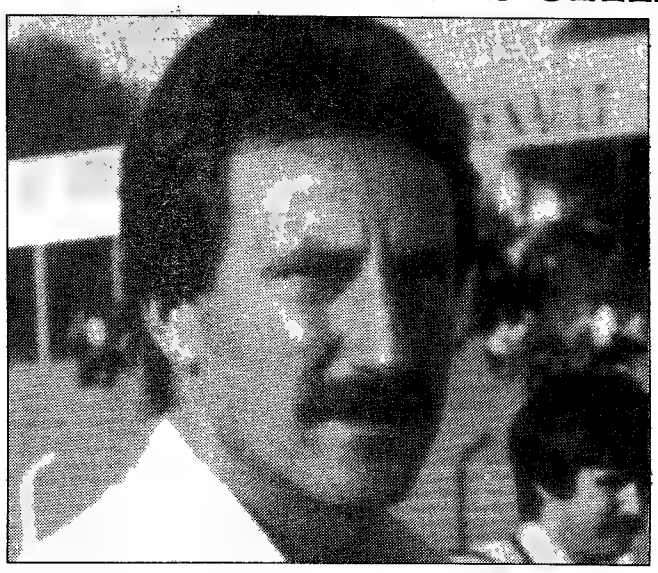
O Real Madrid vai receber do Torino a verba de quatro milhões de dólares (cerca de 600 mil contos), como contrapartida da cedência do seu futebolista Martin Vasquez ao clube italiano.

As condições financeiras da transferência foram acertadas entre Ramon Mendoza (presidente do Real Madrid) e a direcção do Torino e entre elas inclui-se um encontro entre ambas as equipas, a realizar em Turim, na próxima temporada. Com este acordo fica sem efeito a eventual (e já propalada) mediação da UEFA, a qual, a verificar-se, poderia causar prejuízos no tocante às relações entre os dois clubes.

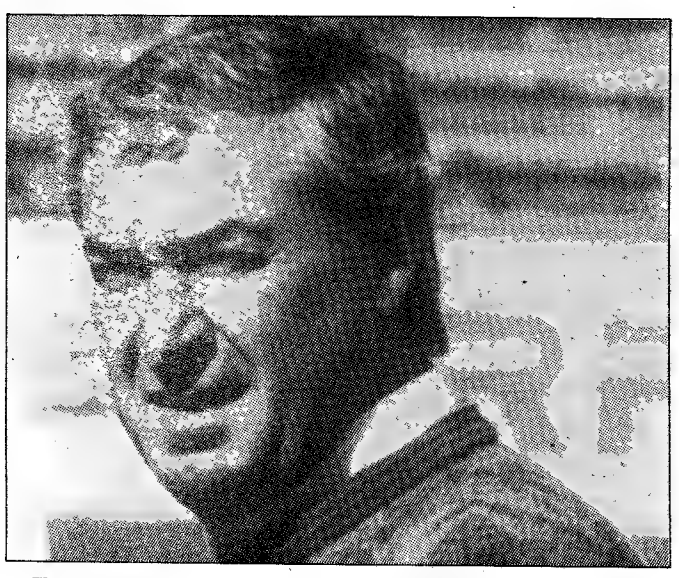
Aguilera em Itália

Carlos Aguilera, futebolista internacional uruguaio, já se incorporou nos trabalhos de preparação do novo clube, o Genova, da 1.ª Divisão italiana, «*esperançado em colaborar para que a minha equipa se classifique para uma das provas europeias*», disse o jogador. Aguilera é o único dos três jogadores uruguaios, que na temporada passada jogaram no Genova, a continuar neste clube. Ruben Paz e Jose Perdomo, os outros dois, deixaram o plantel genovês.

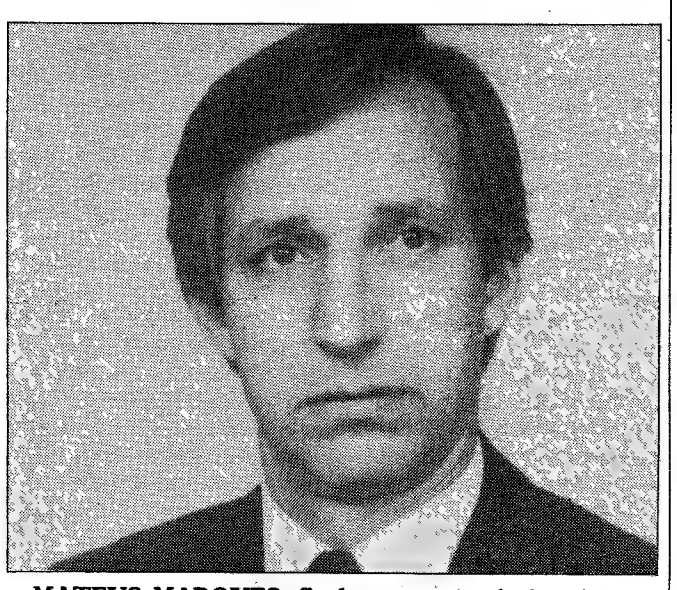
Eles estão na berlinda



FERNANDO PERES: o esquerdino que foi campeão nacional em Portugal e no Brasil, mais tarde tornando-se técnico com provas dadas, acaba de ficar com as mãos a abanar depois de (inesperamente) ter sido despedido do Altético.



FERNANDO MENDES: o grande campeão futebolísticoi (internacional, capitão do Sporting e da selecção), com títulos também ganhos como técnico, é agora o responsável absoluto pelos atletas juniores do futebol sportinguista.



MATEUS MARQUES: finalmente está solucionado (com honra para todas as partes) o imbróglio em torno dos terrenos sportinguistas na Rua Cipriano Dourado. Escritura assinada, tudo legal, as obras começam já durante o dia de hoje.

Ginásio Figueirense quer erguer um pavilhão

O Ginásio Clube Figueirense (Figueira da Foz) lançou uma campanha de angariação de fundos para a construção de um pavilhão gimnodesportivo cujo custo calculado ascende a 270 mil contos.

Para a realização da obra, que deverá ficar concluída até final de 1991, o clube dispõe de um apoio do Governo de 100 mil contos e de fundos próprios no valor de 30 mil contos.

A Câmara da Figueira da Foz já disponibilizou também o terreno e uma verba de 30 mil contos e estão a decorrer negociações com duas empresas de celulose do concelho, a fim de celebrar contratos de colaboração.

O pavilhão, com um total de três mil metros quadrados de área coberta, fica dotado com três campos de treinos, um para competição e uma lotação para três mil espectadores.

José Galamba Marques (dirigente do clube há 35 anos) diz que a construção do pavilhão representa a *«concretização de um sonho de gerações»*.

Fundado a 1 de Janeiro de 1895, o Ginásio Figueirense é detentor de diversos títulos nacionais nas modalidades de natação, remo, halterofilia, ténis de mesa, e xadrez. No início deste século, um atleta da colectividade, o famoso José Bento Pessoa, foi recordista mundial de velocidade em ciclismo, numa prova realizada em Madrid (Espanha).

Tendo descido esta época à 2.ª Divisão nacional de basquetebol (escalão sénior) o Ginásio Clube Figueirense movimenta actualmente cerca de 700 atletas distribuídos por aquela modalidade e pelas de halterofilia, remo, natação e xadrez.

Homero Serpa: homenagem de Os Belenenses

Por iniciativa de Acácio Rosa — figura emblemática do desporto português e antigo presidente do Clube de Futebol «Os Belenenses» — prontamente aceite por um elevado número de antigos e actuais dirigentes da prestigiosa colectividade do Restelo, vai hoje ser prestada homenagem ao nosso companheiro de profissão Homero Serpa do jornal «A Bola», durante um jantar que ocorrerá no Restaurante Galeto com início marcado para as 20 horas. Recorde-se que Homero Serpa representou o clube da Cruz de Cristo em diversas modalidades desportivas com destaque para a natação e juntamente com Félix Mourinho desempenhou o cargo de responsável pelo departamento de futebol na temporada de maior crise que assolou a nobre colectividade sediada em Belém.

No reino dos «aceleras»

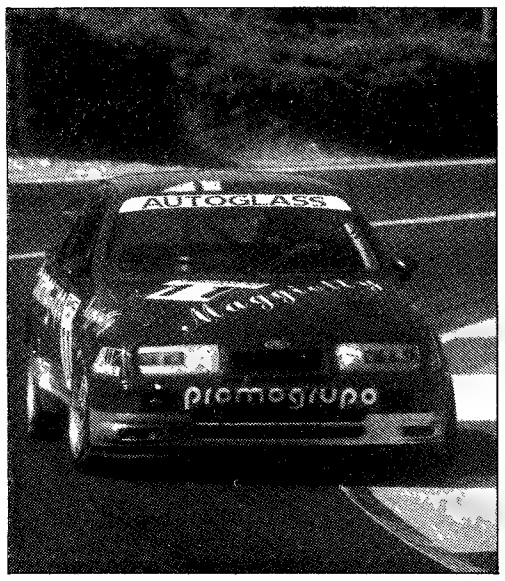
Biasion lidera rali das pampas

O italiano Massimo Biasion, em Lancia Delta, encontra-se na liderança do Rali da Argentina, após a realização da primeira etapa da prova.

O espanhol Carlos Sainz, em Toyota, e o finlandês Juha Kankkunen, (Lancia Delta) ocupam respectivamente a segunda e terceira posições da classificação da etapa inaugural.

Destaque para o abandono do argentino Jorge Recalde, após um acidente ao volante do seu Lancia Delta Integrale, no decorrer da segunda classificativa.

A jornada de ontem, ficou ainda marcada pela queda de um helicóptero que transportava nove técnicos da equipa da Lancia, mas não causou vítimas mortais.. O acidente ocorreu na localidade de Tanti, a 100 quilómetros de Cordoba, quando o piloto perdeu o controlo do aparelho devido a uma falha no motor.



O Ford Sierra RS 500 de Ni Amorim

Velocidade em Vila do Conde

O Circuito Superconfex — Maconde (Vila do Conde II), que se disputa no próximo fim-de-semana (28 e 29 de Julho), em Vila do Conde, marca a entrada da época automobilística de velocidade numa fase decisiva dos respectivos campeonatos e troféus, agora que, definitivamnete, está garantido o regresso das provas ao Autódromo do Estoril.

Para este derradeiro circuito urbano da temporada, repete-se o programa de Maio último, com um total de sete corridas, reservadas aos Campeonatos Nacional de Turismo e Produção Nacional e dos Troféus Toyota Starlet (iniciados), Toyota Corolla, Citroen AX, Renault 5 GT Turbo e BMW.

Alex Vieira acelera para o título

O português Alex Vieira, fazendo equipa com o piloto francês Dominique Sarron, é um dos grandes favoritos à vitória na prova japonesa das 8 horas de Suzuka em motociclismo que decorre no próximo domingo.

A competição japonesa, a mais importante prova do motociclismo mundial, foi ganha em 1989, pela dupla «Alex» Vieira/Dominique Sarron, numa vitória que se tornou fundamental para o título de campeão do mundo de resistência conquistado pelo piloto português radicado em França.

Alex Vieira encontra-se no Japão a testar a nova Honda RVF de 1990, que desenvolve perto de 165 cavalos para apenas 140 quilos de peso.

No presente ano, Alex Vieira averbou uma vitória nas 24 Horas de Le Mans, e, após as 8 Horas de Suzuka, apenas lhe faltará disputar as 24 Horas do Bol Dor, em 22 e 23 de Setembro, dado ter sido anulada as 24 Horas de SPA, prova que faz parte habitualmente do Mundial de resistência.

Alex Vieira, encontra-se assim, a um passo de conquistar o título de campeão mundial de resistência pelo segundo ano consecutivo. *Se tudo acontecer de acordo com a preparação técnica que temos vindo a fazer, reconheço que tenho hipóteses de conquistar novamente o título mundial,* referiu Alex Vieira no decorrer de um intervalo dos treinos no Japão, acrescentando: *Só tenho pena que o Dominique Sarron não tenha podido estar comigo desde o princípio.*

Aventura à portuguesa

A fascinante e inédita aventura de António Manuel do Vale Francisco, que o vai levar até ao cabo Norte, na Noruega, percorrendo 18 mil quilómetros de moto, em trinta dias com passagem nas principais capitais europeias.

Conforme previsto aquele piloto partiu, no domingo, cerca do meio-dia do cabo da Roca, acompanhado de Marina Ramalhete, também ela uma apaixonada pelas motos, levando na bagagem o «espírito de tribo», comum em todos os que viajam de moto, para dar a conhecer ao mundo que os «motards» portugueses são capazes de grandes proezas e simultaneamente, lançar e testar a capacidade de um novo serviço, há muito desejado de assistência permanente em viagem para quem faz as excursões de moto no país e no estrangeiro.

«Tó Manel» já roda por estradas de Espanha, França, Bélgica, Holanda, RFA, Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia e RDA, de onde regressará a Portugal, com a chegada prevista para o dia 22 de Agosto ao cabo da Roca.

Vale Francisco e a «pendura» Marina Ramalhete, acompanhados por Benjamim Barral e Fernando Lamego, momentos antes do início da «fascinante aventura» por terras europeias

BREVES

Natação: novo máximo mundial averbado por Janet Evans

Janet Evans: novo máximo mundial nos 1500 metros livres

Francamente positivo o comportamento dos melhores «golfinhos» mundiais durante os Jogos de Amizade de Seatle, tendo Janet Evans estabelecido novo recorde mundial nos 1500 metros livres. Outras referências especiais: obtenção de 21 melhores marcas mundiais do ano, o regresso (em grande plano) do campeoníssimo Biondi e a magnífica participação do americano Summer Sanders (grande revelação em estilos).

Tiro com arco: Ana de Sousa com boa pontaria

A atiradora portuguesa Ana de Sousa encontra-se em 15.º lugar, entre 50 competidoras, no final da primeira jornada do XII Campeonato da Europa e do Mediterrâneo de tiro com arco, que ontem se iniciou em Barcelona.

A prova termina no próximo dia 29 e na primeira jornada tiveram lugar os concursos de distâncias longas, com Ana de Sousa a conseguir 304 pontos com o alvo a 70 metros e 303 pontos a 60.

Halterofilismo: Sara Duarte e Eulália Romão na rota do «europeu»

Sara Duarte, do Luso FC, e Eulália Romão, do Ginásio Clube do Sul, partem hoje para as Canárias a fim de participarem no campeonato europeu de halterofilismo feminino, que se irá realizar entre 27 e 30 do corrente.

Sara Duarte, na categoria de peso dos 48 kg vai defender os títulos e os respectivos recordes europeus alcançados recentemente nos campeonatos mundiais, realizados em Sarajevo. Já campeã da Europa em 1989, esta jovem halterofilista irá tentar conquistar os três títulos europeus.

Por seu turno, Eulália Romão, que alcançou o 2.º lugar no último campeonato mundial, basta-lhe apenas alcançar as suas melhores marcas para conquistar uma medalha.

Voleibol: Selecção júnior em Espanha e portistas em África

A selecção júnior portuguesa de voleibol, a estagiar em Espanha para a fase final do Campeonato da Europa, participa de hoje até sábado no Torneio Gijon.

No Torneio Gijon, a selecção nacional disputa a primeira partida com a França (amanhã) e joga dois dias depois com a Bulgária, uma das equipas que terá de defrontar no grupo dois da fase final do Europeu.

Além da Bulgária, Portugal terá de defrontar no grupo dois do Campeonato da Europa, a realizar na Alemanha Federal de 11 a 19 de Agosto, a Checoslováquia, Alemanha Democrática, Turquia e União Soviética.

Entretanto as selecções masculina e feminina do Porto, seguem hoje para Marrocos onde participarão num importante torneio internacional tendo como pareceiros as equipas congéneres de Marrocos e da Argélia.

Xadrez: Nuno Amaral lidera o «nacional» individual

O xadrezista Nuno Amaral, da EDP-Lisboa, manteve o comando da fase preliminar do XLVI Campeonato Nacional individual, apesar do empate frente a Rui Almeida, do Boavista, na quarta jornada.

Nuno Amaral totaliza 3,5 pontos em quatro possíveis, seguido de Rui Almeida, António Silva, Manuel Serra, João Cordovil, Fernando Ribeiro e José Serra, todos com três pontos.

Esta tarde em terras magiares

Portugal a uma etapa do título

Com arbitragem do húngaro Spassov, realiza-se, esta tarde, na cidade magiar de Gyula — com início às 16 e 30 horas — o confronto entre as selecções de Portugal e de Espanha a contar para as meias-finais do Europeu de juniores «A».

Nelo Vingada, técnico ad-

Nelo Vingada disse ainda que a chave do encontro poderá estar assente em três pontos: *A capacidade de recuperação dos jogadores, a coragem, determinação e espírito de sacrifício e na integração do jogador Peixe, que poderá dar uma melhor harmonia à equipa.*

O técnico Nelo Vingada-

ze» inicial, decidiu protelar por mais algumas horas a revelação da equipa titular, justificando a demora com a circunstância de desejar rever o vídeo do encontro Espanha-República da Irlanda.

Embora se trate de uma explicação plausível, a verdade é que Carlos Queiroz, Nelo

de uma equipa da primeira Divisão espanhola.

Força, garra, determinação, técnica, coragem e, sobretudo, um remate portentoso, fazem de Paulo Torres uma das «armas» mais terríveis desta selecção de Carlos Queiroz, que tem também no sportin-

quista Figo um elemento es-

Ténis: melhor português no «ranking» mundial

Cunha e Silva no Brasil para cimentar posição

João Cunha e Silva continua a defender com sucesso a posição de tenista português melhor classificado no «ranking» mundial, que tão dificilmente alcançou há algumas semanas.

De facto, desde 1988 que o tetracampeão nacional era forçado a contentar-se com o 2.º lugar, logo atrás de Nuno Marques que, no ano passado, realizou uns primeiros seis meses de elevado nível, com triunfos no 25 mil dólares do Funchal e no 50 mil de Vilamoura, meias-finais no 75 mil de Tróia e, ainda, com vitórias individuais sobre jogadores conhecidos como Jason Stoltenberg e Alexander Volkov.

Porém, esta época a distância entre os dois portugueses tendeu a esbater-se e, há poucas semanas, o tenista do Benfica passou a liderar esta saudável competição, graças à vitória alcançada num 50 mil dólares italiano, que o levou ao 135.º posto da hierarquia internacional, enquanto Nuno Marques se ficava pelo 162.º lugar, que mantém, actualmente.

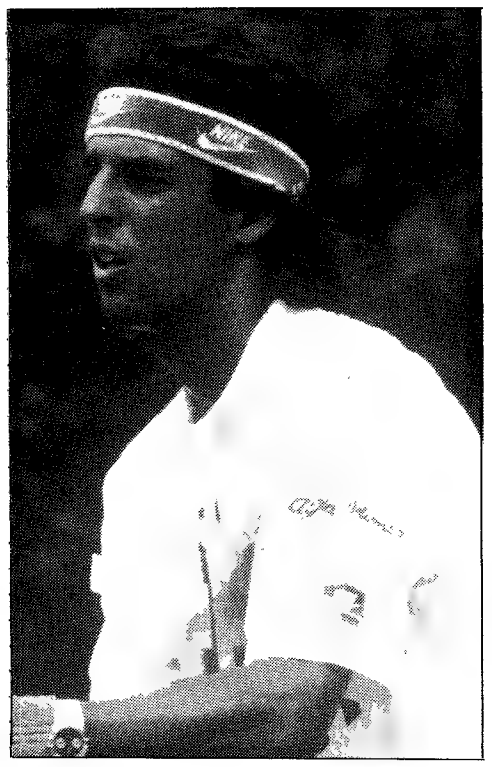
A situação favorável poderia, contudo, mostrar-se transitória, porque Cunha e Silva tem substanciais pontos a defender graças às razoáveis prestações no Verão de 1989. Não espantou, por isso, que passando pouco tempo o lisboeta descesse dez lugares na tabela ATP. Cunha e Silva decidiu, então, rumar para o Brasil, onde normalmente costuma alcançar bons resultados: e em boa hora o fez, pois não só tem defendido os pontos do ano passado (que 12 meses depois desaparecem do computador), como ainda se tem dado ao luxo de ganhar mais alguns.

Foi o que aconteceu agora, no torneio de 50 mil dólares de Gramado (no Rio Grande do Sul), disputado sobre «courts» de terra batida, onde foi designado 2.º «cabeça-de-série». O jogador português chegou aos quartos-de-final, com triunfos sobre os brasileiros Octavis Della e José Amin Daher (este último ganhou, recentemente, em Portugal, os torneios de mil contos de Espinho e do Monsanto), perdendo depois para o alemão-federal Christian Weiss, por 7-5, 4-6 e 6-4.

Como consequência, Cunha e Silva somou 15 pontos ATP. Ora, como nessa mesma semana do ano transacto o campeão nacional só tinha a defender dez pontos, isso significou uma subida de sete lugares, ficando agora como o número 138 do «ranking», com 208 pontos no total.

Esta semana, Cunha e Silva encontra-se já noutras paragens, em Campos de Jordão, onde está a disputar outro torneio de 50 mil dólares, mas desta feita em pisos sintéticos, teoricamente, menos do seu agrado. Para já as coisas estão a correr pelo melhor e o português garantiu a presença na 2.ª ronda, depois de ter ultrapassado o espanhol Vicente Solves, por 6-2 e 7-6 (7/3).

Este triunfo rendeu a Cunha e Silva mais cinco pontos, o que facilita bastante a sua tarefa, uma vez que durante o próximo mês o benfiquista, só tem de defender mais 30 pontos ATP. Deste modo, e caso a boa forma continue, tudo indica que o tetracampeão nacional possa vir a aproximar-se dos cem primeiros do «ranking» mundial ou, pelo menos, quebrar o recorde de Nuno Marques, que chegou a ocupar a 126.ª posição em Maio de 1989.



Cunha e Silva: em progresso

Hugo Ribeiro

Conflito de gerações animou torneio de Washington

André Agassi: o 11.º título

O norte-americano Andre Agassi confirmou a sua posição de número quatro do «ranking» mundial, ao ganhar o torneio de ténis de Washington, dotado de prémios monetários no valor de 550 mil dólares.

Esta prova, disputada na capital americana, marcou o início da temporada que antecede o Open dos Estados Unidos, preparando, assim os jogadores para a quarta etapa do Grand Slam. Depois de Washington (que tem a designação oficial de Sovran Bank Classic) seguem-se o Open do Canadá, esta semana em Toronto (1 200 000 dólares), o Volvo Tennis, em Los Angeles (250 000), o Thriftway ATP Championships, em Cincinnati (1 300 000), o GTE US Men's Hardcourt Championships, em Indianápolis (1 000 000)l, e o OTB International Tennis Open, em Schenectady (150 000).

Exclusivamente programada para a América do Norte, não espanta que esta temporada seja maioritariamente frequentada por tenistas estado-udinenses, considerados os grandes especialistas destes pisos sintéticos. Não surpreendeu por isso, o domínio exercido pelos jogadores daquela nacionalidade em Washington, com sete representantes nos quartos de final.

Washington marcou ainda o regresso de André Agassi à competição, depois da derrota imposta por Andres Gomez na final de Roland Garros, há cerca de um mês e meio. Durante este tempo, o norte-americnao (de 20 anos) não pegou nas raquetas (segundo as palavras do próprio), e limitou a sua actividade desportiva a «alguns exercícios de musculação».

A «fome» de competição, aguçada pelo visionamento de Wimbledon pela televisão (Andre recusa-se a pisar a relva londrina desde que foi eliminado na 1.ª ronda, em 1987), levam-no a um regresso apoteótico em Washington, onde conquistou o seu 3.º título da época (depois de S. Francisco e Key Biscayne) e o 11.º da sua ainda curta carreira.

Para chegar à final, o pupilo de Nick Bollettieri bateu o seu compatriota Michael Chang (6-3) e 6-1) nas meias-finais, um jogador que parece regressar lentamente à forma que o levou a ganhar Roland Garros, em 1989. No entanto, o exuberante rapaz de Las Vegas, que usa calções cor-de-rosa de licra por baixo dos «shorts» de ganga elástica cinzenta, não deixou o sino-americano prosseguir para aquela que seria a sua 1.ª final do ano, repetindo o triunfo dos quartos de final de Roland Garros, há pouco mais de um mês.

Na final, Andre Agassi, continuou intratável, e, em apenas 64 minutos, deu cabo do seu compatriota Jim Grabb por 6-1 e 6-4. Grabb é mais conhecido pelas suas *perfomances* na variante de pares (em que chegou a ganhar Roland Garros e o Masters), mas também consegue, por vezes, bons resultados em singulares, onde conta com um único título, o de Seul, em 1987. Não deixou, porém, de causar alguma surpresa a sua presença no encontro decisivo, por ter afastado nas meias-finais o 6.º classificado do «ranking» mundial, Brad Gilbert.

Brad Gilbert, também conhecido pela alcunha de «bulldogue» acabou por não perder muitos pontos ATP, já que o ano passado fora o finalista vencido deste mesmo torneio de Washington. No entanto, durante as próximas seis semanas, Gilbert poderá ver perigar a sua posição na hierarquia internacional, uma vez que tem de defender os pontos referentes aos triunfos alcançados o ano passado em Stratton Mountain, Livingston e Cincinnati, que na altura o levaram ao «top-ten» pela 1.ª vez na sua já longa carreira (Gilbert completa 29 anos no próximo dia 9 de Agosto).

Mas, se Gilbert parece estar em condições de dar conta do recado, o mesmo já não pode dizer-se de Tim Mayotte, o vencedor de Washington em 1989 e que, desta feita, se viu eliminado logo na 3.ª ronda. Depois de um início de época de elevado nível com presenças nas finais de Milão e de Toronto (SkyDome), Gentleman Tim (como também é apelidado) tem vindo a acumular desaires sobre desaires, e após uma fugaz aparição no «top-ten», já desceu para a 20.ª posição da tabela ATP.

Hugo Ribeiro

assim vai o totobola

Penalti, 221 112 1XX 2111; Jornal de Amarante, 2X2 111 121 1111; Jornal da Beira, 221 11X 111 2112; Correio do Vouga, 2X2 112 221 X111; A Defesa, 2X1 1X2 1XX X1X1; Defesa de Espinho, 22X 11X 11X 2112; Diário de Lisboa, 111 11X 111 XX11; Diário de Viseu, X21 1X1 1X1 2111; Folha do Domingo, 221 11X 1X1 1111; Ecos de Cacia, 2X1 112 1X1 X111; Jornal de Felgueiras, X2X 11X 121 2X11; Gazeta das Caldas, 22X 11X 111 X111; O Almonda, 22X 1X2 11X X11X; Rádio Guarda, 1X1 X22 112 2XXX; Rádio Totobola, X11 111 11X X1X1; Linhas de Elvas, 22X X12 111 111X; Litoral, 221 1X1 1X1 2111; Jornal da Lixa, 121 111 X11 1111; Maria da Fonte, 221 11X 1X1 X111; O Mensajeiro, 111 X21 XX1 1XX1; No Estúdio e no Estádio, 1X1 21X 1X2 121X; Notícias de Felgueiras, X2X 11X 121 2X11; Notícias de Gouveia, X21 121 211 2112; Notícias de Viseu, 2X1 111 1XX 1111; Semanário da Região Bairradina, X2X 11X XX1 1111; Bom Dia/R. Comercial, 11X 112 1XX 2121; Tempo e Resultado/R. Conercial, 2X1 112 11X 2111; Secção Desportiva/R. Conercial, X2X 112 1X1 2111; Tempo de Desporto/R. Conercial, XX1 XX2 111 XX11; A Voz do Domingo, 211 1X2 111 X111; Voz de Lamego, 221 11X 1X1 2X11; Desporto/R. Guarda, X1X 1XX X1X 2111; Contacto/R. Guarda, 1X1 X12 1X1 XXX2; Encontro Com A Manhã/R. Guarda, X2X 112 1XX X11X; Meia Tarde/R. Guarda, 211 X12 1X1 XXX1; Convidados Para Lanchar/R. Guarda, XXX 11X X2X 1112; Tarde Desportiva/Antena Um, XX1 11X 11X X11X; Livre e Directo/Antena Um, 221 X22 111 21X1; Um Caso Por Semana/R. Covilhã, X21 212 X2X 2X11; Foi Notícia/R. Covilhã, 11X 112 X21 111X; Desporto e Música/R. Covilhã, 21X X11 X2X 2211; Cultura e Recreio/R. Covilhã, 211 122 X21 X111; De Tudo Um Pouco/R. Covilhã, 222 111 XX1 2111; O Comércio de Leixões, 2X1 122 X1X 11X1; De Tudo Um Pouco/Comércio de Leixões, X21 1XX 1X2 X11X; Jornal de Gaia, 2X1 1XX 121 2XX1;

Quadrante Norte, 2X1 112 1X1 XX11; Resenha Desportiva, XX1 1XX 211 2111; Jornal da Graça, 111 112 111 1111; A Voz dos Ridículos, 12X 11X 1X1 11X1; Eu Sei Tudo, 121 11X 1X2 1111;

Correio de Coimbra, 2XX 11X 121 XX11; O Algarve, 22X 112 111 X11X; Alvo Desportivo, XX1 11X 111 X1X1; Rádio Alvo, 211 X12 XXX 2X1X; Alvo, 12X 121 212 1221; Alvo Suplemento, XX2 XXX 12X X111; Jornal 1X2, 22X 1XX 111 XX11.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO Nº 30/90 DE 29 DE JULHO DE 1990

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Caen - Bordéus	12	17	29	2	4	6
2. Rennes - Paris SG	12	19	27	2	4	6
3. Lille - Nantes	35	19	4	7	4	1
4. Lyon - Cannes	46	10	2	9	2	1
5. Nice - Toulouse	39	12	7	8	2	2
6. Auxerre - Mónaco	11	23	24	2	5	5
7. Montpellier - Sochaux	42	12	4	9	2	1
8. Toulon - Saint Etiènne	23	23	12	5	5	2
9. Lucerna - Lausana	36	17	5	7	4	1
10. St. Gallen - Neuchatel	15	22	21	3	5	4
11. Servette - Sion	40	15	3	8	3	1
12. Young Boys - Lugano	45	11	2	9	2	1
13. Zurique - Aarau	43	10	5	9	2	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
221 112 11ouX1 X111

I Série N.º 171
Dia 26 de Julho
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 587/90:
Estabelece os períodos de caça a várias espécies na época venatória de 1990-1991.

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 242/90:
Estabelece um novo prazo para a realização do curso de complemento de formação a que os mestres dos quadros dos institutos superiores de engenharia se têm de submeter. Altera o artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 163/88, de 14 de Maio.

Portaria n.º 588/90:
Autoriza o Instituto de Novas Profissões a ministrar o curso de estudos superiores especializados em Gestão de Empresas Turísticas, a partir do ano lectivo de 1990-1991.

Ministério da Saúde

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 7616 contos.

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Decreto-Lei n.º 243/90:
Altera o quadro de pessoal da Casa Pia de Lisboa.

Região Autónoma dos Açores

Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 10/90/A:
Revoga o Decreto Legislativo Regional n.º 29/84/A, de 4 de Setembro (fixa os períodos de funcionamento dos estabelecimentos comerciais).

Decreto Legislativo Regional n.º 11/90/A:
Revoga o Decreto Legislativo Regional n.º 25/84/A, de 27 de Agosto.

PESSOAS & FACTOS

Atribuido o Prémio Waltham de veterinária

Luís Pedro Rodrigues de Lima Lobo, de 22 anos, aluno do 4º ano da Escola Superior de Medicina Veterinária, foi este ano o estudante português distinguido com o Prémio Waltham, que é anualmente instituido em vários países e se destina a premiar trabalhos de investigação na área da nutrição de animais de companhia.

A entrega do prémio - constituido por cem mil escudos e um estágio no Waltham Center, em Inglaterra - ao autor de «Cuidados nutricionais na cadela em gestação e nutrição» foi feita por Clara Moura Guedes, da empresa Effem de Portugal, que patrocina o concurso, em cerimónia solene que se realizou no salão nobre daquela escola.

Óculos «pronto a ver»

Como já acontecia em outros países, numa época em que há muito se divulgou o «pronto a vestir» e o «pronto a comer», se tem problemas de visão resultantes de vista cansada, pode ir agora ao «pronto a ver». Isso significa que poderá ir a uma farmácia e aí escolher, entre um variado sortido de modelos de aros, os óculos Magnivision que têm montadas as lentes que melhor compensem as suas dificuldades em ler ou, de uma maneira geral, em ver ao perto. A inovação, introduzida em Portugal pela Expopharma realizada recentemente em Troia, poderá banalizar-se a curto prazo, dada a simplicidade, rapidez e economia que oferece, relativamente ao processo clássico de adquirir uns vulgares óculos de aumento.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte: céu geralmente muito nublado. Vento fraco do quadrante oeste. Possibilidade de períodos de chuva fraca no Minho e Douro Litoral, em especial durante a manhã. Neblinas ou nevoeiros matinais. Pequena descida de temperatura.
Regiões do Centro: céu geralmente muito nublado. Vento fraco do quadrante oeste. Neblinas e nevoeiros matinais. Pequena descida de temperatura.
Regiões Sul: céu geralmente pouco nublado. Vento fraco do quadrante oeste Neblinas ou nevoeiros matinais. Pequena descida de temperatura.
Amanhã
Regiões Norte e Sul: céu muito nublado, tornando-se pouco nublado para a tarde. Vento fraco do quadrante oeste. Períodos de chuva fraca em especial no litoral durante a madrugada e manhã. Pequena descida de temperatura.
Regiões do Sul: céu geralmente pouco nublado. Vento fraco do quadrante oeste. Pequena descida de temperatura.
Depois de amanhã: Céu geralmente pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde. Neblinas ou nevoeiros matinais em especial no litoral oeste

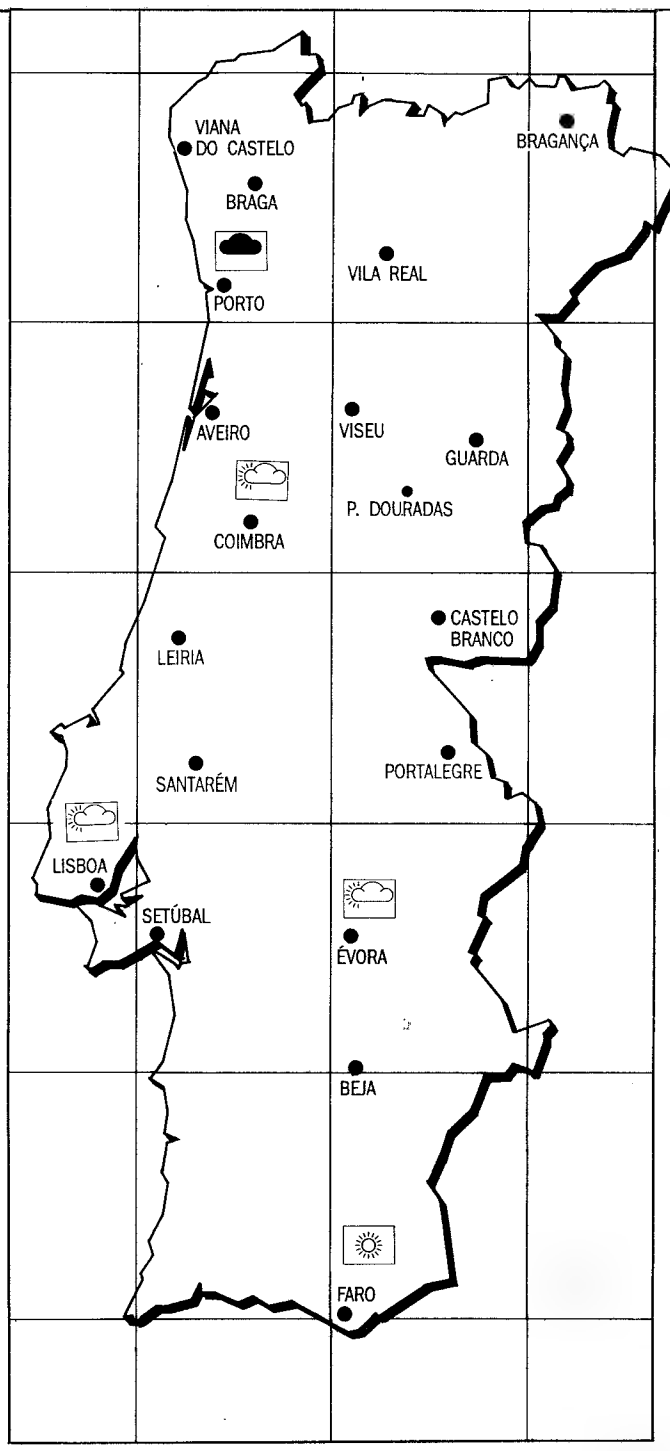
MADEIRA

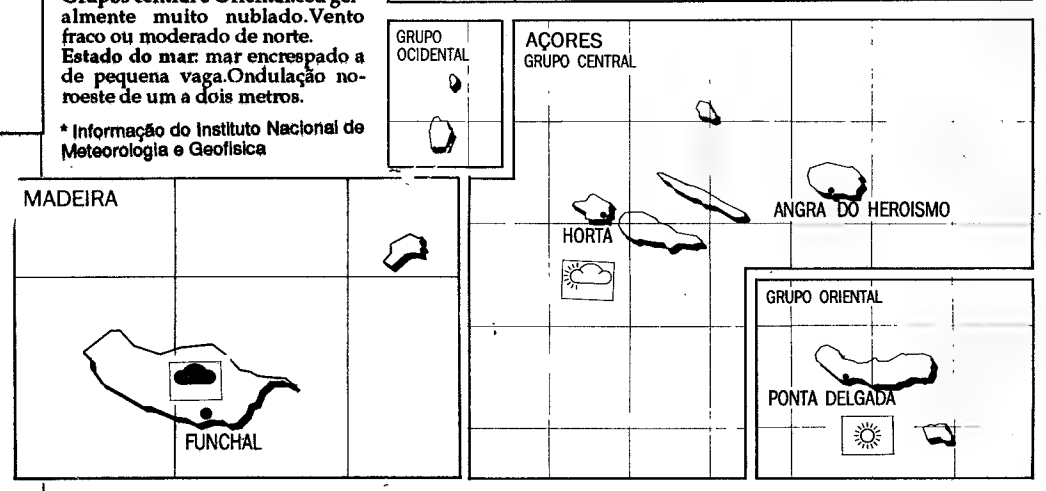
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de noroeste. Funchal: céu geralmente nublado. Vento fraco.
Estado do mar - costa norte: mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de um metro.
costa sul: mar encrespado. Ondulação inferior a um metro

AÇORES

Grupo ocidental: céu muito nublado. Vento norte fraco a moderado, rolando para sul a partir da tarde. Períodos de chuva fraca a partir da tarde. Pequena descida de temperatura.
Grupos central e Oriental: céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de norte.
Estado do mar: mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação noroeste de um a dois metros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica





- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
06.48	3.5m	12.17	0.8m
19.04	3.6m	00.49	0.9m

Amanhã

07.26	3.3m	12.56	1.0m
19.43	3.4m	-----	-----

PORTUGAL

	Mín.	Máx.	Às 6 h.
Bragança	15	15	M. nub.
V. Castelo	18	19	Nevoeiro
Vila Real	17	17	M. Nub.
Porto	18	19	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	19	20	Neblina
C. Carvoeiro	20	20	Encoberto
C. Branco	16	17	Neblina
Portalegre	16	16	Neblina
Lisboa	21	21	Neblina
Sines	20	20	neblina
Évora	19	19	Neblina
Beja	20	20	Neblina
Faro	18	20	M. nub.
Sagres	21	21	Limpo
P. Delgada	20	21	P. nub.
Horta	-	-	-
Funchal	19	20	Encoberto

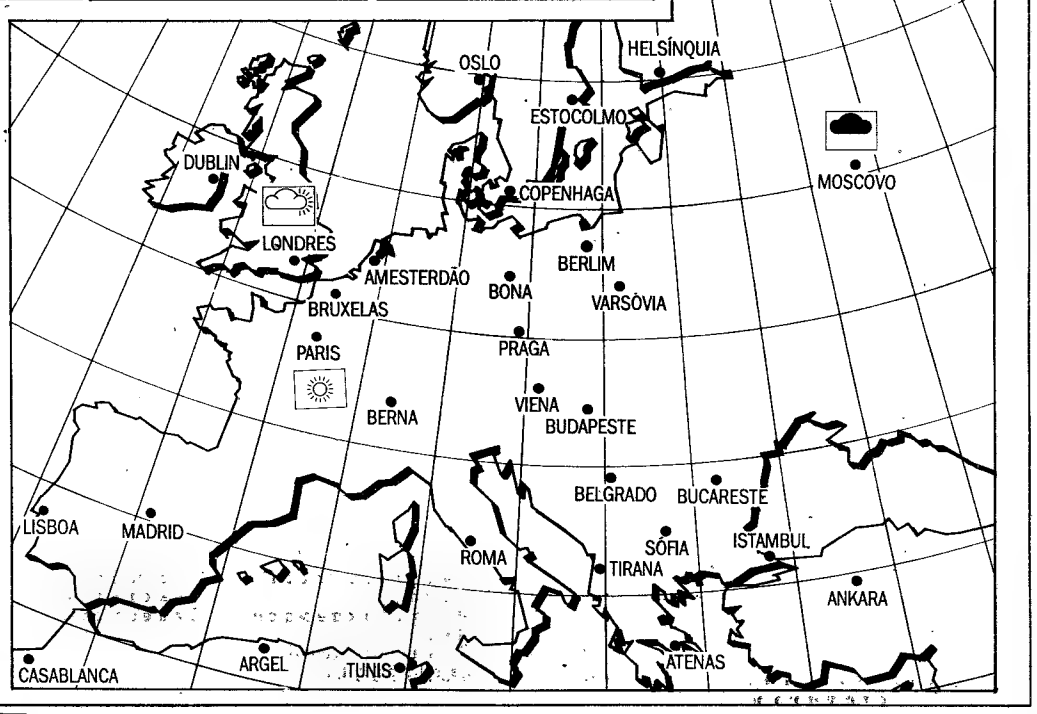
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 25; Porto, 22; Faro, 27; P. Delgada, 25; Funchal, 26.

EUROPA

	Mín.	Máx.	Às 6 h.
Madrid	21	21	–
Londres	11	14	P. nub.
Paris	12	14	Limpo
Bruxelas	–	–	–
Amesterdão	11	14	M. nub.
Genebra	13	16	Limpo
Roma	21	23	Neblina
Oslo	16	18	M. nub.
Copenhaga	16	18	P. nub.
Estocolmo	11	13	M. nub.
Berlim	14	14	M. nub.
Viena	14	16	Limpo
Varsóvia	11	14	Chuva
Atenas	–	–	–
Moscovo	15	15	Chuva

MUNDO

	Mín.	Máx.	Às 13 h.
Buenos Aires	5	13	Limpo
Caracas	19	28	Nublado
Joanesburgo	3	20	Limpo
Los Angeles	19	28	Nublado
Montreal	17	26	Nublado
Nova Deli	26	35	Nublado
Nova Iorque	21	28	Nublado
S. Francisco	13	18	Limpo
Rio de Janeiro	18	24	Nublado
Hong Kong	27	31	Limpo
Tóquio	26	31	Nublado



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alto Pina: Eusil, Rua Barão Sabrosa, 104, Tel. 8141912; **Alto Santo Amaro - Rio Seco:** Dilena, Rua Aliança Operária, 49, A-B, Tel. 3636620; **Alvalade:** Roma, Av. Roma, 85-B, Tel. 772466; **Bairro Alto:** Labor, Rua Diário Notícias, 73-83, Tel. 323428; **Benfica - Igreja - Cemitério:** Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A, Tel. 703393; **Campolide:** Imparcial, Rua General Taborda, 28-30, Tel. 680931; **Chelas:** Banha, Est. Chelas, 173-175, Tel. 382241; **Estefânia:** Universal, Rua Actor Taborda, 5-7, Tel. 544158; **Lumiar:** Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 7590942; **Marquês Pombal:** Ribeiro & Castro, Rua Braancamp, 52-C, Tel. 543409; **Martim Moniz:** Tavares, Rua da Palma, 194, Tel. 863350; **Olivais Sul:** Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43, Tel. 310026; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Império, Rua 1 de Maio, 48-A, Tel. 2513234; **Odivelas:** Nabais Vicente, Rua A, Lote 19-A, Loja E - (Urb. Codivel), Tel. 9816803; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Apeadeiro do Areeiro: Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 890331; **Campo de Ourique:** Castro Fonseca, Rua 4 Infantaria, 28-A, Tel. 688857; **Campo Pequeno - Av. Roma:** Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; **Carnide:** Guimarães Morais, Rua Neves Costa, 33-35, Tel. 7140081; **Encosta Restelo - Moinhos:** Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A, Tel. 611814; **Igreja de Arroios - Chile:** Oriental de Lisboa, Rua Alves Torgo, 2-B, Tel. 545079; **Pampulha - Janelas Verdes:** Nazário Pinto, Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; **São Sebastião:** Sá Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42, Tel. 544672; **Sapadores:** Branquinho, Rua dos Sapadores, 87-89, Tel. 8142725; **Sé:** Santa Luzia, Rua Saudade, 2-B, Tel. 869831; **Tivoli - Restauradores:** Galénica, Rua das Pretas, 12-14, Tel. 322588; **Brandoa - Amadora:** Tavares de Matos, Rua Irene Lisboa, **Lote 108, Tel. 993220; Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810205.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166, Tel. 4104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco, Tel. 2435147; **Oeiras:** Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende, 9 - Quinta Marques, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; **Cascais:** Misericórdia, R. Regimento, Tel. 280141. Permamente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Helénica, R. Elias Garcia, 372, Tel. 4933613. Permanente; **Damaia:** Girassol, R. Elias Garcia, 17-C, Tel. 974161. Permanente; Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A, Tel. 4365849. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rico, L. Adriano S. Gil (Agualva), Tel. 4312833. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Pragal, R. Direita Pragal, 58, Tel. 2767126. Permanente; **Cova da Piedade:** Rainha Santa, R. Soc. Fua Piedense, 50-A, Tel. 2294182. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2854436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Moderna, R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Piçarra, Av. Bocage, 65-A, Tel. 2074771. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Correios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

José Pereira 1.º em Guimarães

Fernando Mendes (Benfica) é o novo camisola amarela

A resistência palestiniana rejeita qualquer «solução pacífica»

Extremamente grave o estado do prof. Salazar

«Ao princípio da noite, agravou-se subitamente o estado do Presidente Salazar» - refere o mais lacónico boletim médico publicado desde o início da doença do chefe do Governo, em Setembro de 1968, assinado pelos profs. Eduardo Coelho e Cândido da Silva e dr. Jacinto Simões.

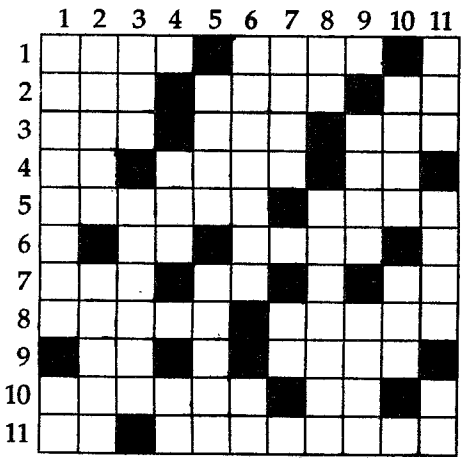
Informações complementares dão conta de que sobreveio mais uma crise cardíaca, agravando um quadro clínico em que se associam uma situação cardiovascular altamente preocupante a alterações renais com retenção de substância azotada, que não podem ser compensadas por hemodiálise, devido ao estado geral do doente. A situação foi classificada como «alarmante» por um dos médicos que se têm revesado na assistência directa ao doente, na residência de São Bento.

A Grã-Bretanha alimentada por ponte aérea

A greve dos estivadores está a originar na Grã-Bretanha uma grave situação de insuficiência de alimentos considerados de primeira necessidade, que está a ser parcialmente solucionada com o recurso ao transporte aéreo.

Numerosos aviões fretados a vários países estão a estabelecer uma ponte aérea entre a Inglaterra e a Europa continental, transportando diariamente centenas de toneladas de manteiga, bacon, legumes e frutas

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17968

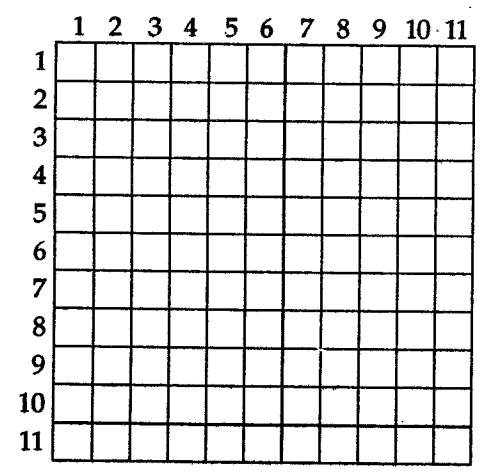
HORIZONTAIS:

1 - Hidrosfera. Frouxa.
2 - Abreviatura da palavra inglesa mistress (senhora). Dose. Rio do estado da Baía.
3 - Artilharia antiaérea. Artigo indefinido. Madre.
4 - Antiga unidade monetária da Alemanha. Jarro (planta). Nome antigo da nota musical dó.
5 - Continuar. Pessoa cruel (inv. e fig.).
6 - Cobalto (s.q.). Vento forte.
7 - Árvore venenosa da Malásia. Pronome pessoal. Clima.
8 - Corta com serra. Natureza.
9 - Quinto filho de Jacob. Espécie de gato-bravo (inv.).
10 - Corrigenda. Autores.
11 - Miriare. Pessoa agigantada (pl.).

VERTICAIS:

1 - Acorrentais. Preposição.
2 - Aguente (pop.). Calhau.
3 - Emprega. Assanhar.
4 - Prendo. Antes de Cristo.
5 - Sólida. Tamanho.
6 - Sugarei o leite materno. Alumínio (s.q.).
7 - Rei da Baviera que atacado de loucura foi enclausurado no Castelo de Fustenried. Centiare.
8 - Nota musical. Diploma passado por uma autoridade oficial concedendo ou confirmando a alguém certos direitos (pl.).
9 - Muralha. Fechas as asas para descer mais depressa.
10 - Pão-de-ló (Minho). Preposição.
11 - Pronome relativo. Penetra. Pertences.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16778

HORIZONTAIS:

1 - Antigo idioma americano, ainda hoje falado em grande parte do Peru. Pessoa ordinária ou desprezível. (Prom. trasm.).
2 - Árvore do Brasil de cuja casca se extrai também o curare. Na Índia, encantador de serpentes.
3 - Uma das Cíclades. Estiagem. Nesse lugar.
4 - ómio (s.q.). Da Polónia.
5 - Espécie de feijão chinês.
6 - Freguesia do concelho de Guimarães. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
7 - Gostar muito de. Sepultura.
8 - Antiga capital da Birmânia. O mesmo que ruão.
9 - Definhei. O mesmo que urso (ant.).
10 - Pega. Pronome pessoal. Isto é.
11 - Grandes porções de ossos. Manuscrito.

VERTICAIS:

1 - Cidade do Japão. Gosta muito de.
2 - Bois selvagens. Conselho.
3 - Seguias. Nome de frutos.
4 - Cento e um em romano. Um dos estados do Brasil.
5 - Defendera.
6 - Povo antigo da Gália. Interjeição de dor.
7 - Repreensão (pop.). Basta!
8 - Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Consentes.
9 - Título do antigo imperador da Pérsia. Rezamos.
10 - Pronome pessoal. Deus dos pastores (inv.). Consentimento.
11 - Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Grande claridade (pl.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 967

HORIZONTAIS: 1 - A. AVAREZA. É. 2 - Adiavas. LSD. 3 - Er. Tabi. 4 - Ossário. 5 - Sátão. Imo. 6 - Aral. Co. 7 - Rã. Ar. Oó. Mo. 8 - Até. Esfries. 9 - Somam. IV. Só. 10 - Tas. Oiro. Ms. 11 - Am. Usa. Sua.

VERTICAIS: 1 - Aa. MADRASTA. 2 - DE. Atoam. 3 - Airosa. Ems. 4 - VA. Sara. 5 - Avistaremos. 6 - Ra. Aal. Ia. 7 - Estro. Ofir. 8 - Aí. Corvos. 9 - Albóio. 10 - SI MESMA. 11 - ED. Porosos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 777

HORIZONTAIS: 1 - Para. Pacaás. 2 - Amarraremos. 3 - Tirai. Rui. 4 - Igor. Se. Ga. 5 - Aos. Copiara. 6 - Copa. Ras. 7 - Saneara. 8 - Arras. Hi. Am. 9 - Vai. Amar. Só. 10 - Mocadas. 11 - Lie. Osso.

VERTICAIS: 1 - Patia. Paval. 2 - Amigos. Rã. 3 - Raros. Crime. 4 - Arar. 5 - Ri. Cossaco. 6 - Pã. Sopa. Má. 7 - Arrepanhado. 8 - Céu. Eiras. 9 - Amigara. SS. 10 - Ao. Araras. 11 - SSS. Asamos.

PROVÉRBIO:
A AVAREZA É MADRASTA DE SI MESMA.

EFEMÉRIDES

1945

• A Grã-Bretanha, os EUA e a China exigem a rendição incondicional do Japão, como condição para o estabelecimento da paz.

1953

• Fidel Castro inicia a revolução cubana, atacando o quartel da Moncada em Santiago.

1964

• Regista-se o maior desastre ferroviário de sempre em Portugal, na localidade de Custóias, custando a vida a mais de 100 pessoas.

1983

• O Conselho Nacional do Plano indica que a inflação atingiu, em 1981, 20 por cento (valor previsto: 16 por cento) e que o défice da balança de transacções correntes ascendeu a 2700 milhões de dólares (valor previsto: 1700 milhões).

1984

• O Parlamento português aprova a Lei de Segurança Interna.

• A bandeira portuguesa é hasteada na aldeia olímpica de Los Angeles.

1986

• Morre o realizador cinematográfico norte-americano Vincente Minelli, 83 anos.

1988

• Um avião ligeiro de transporte (Cessna FTB) da Força Aérea Portuguesa despenha-se perto de Torres Vedras, matando os dois oficiais-pilotos que seguiam a bordo.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
DURO DE ROER
Filme de Bruce Malmuth
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
NA CORDA BAMBA
Filme de John Badham
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
UM CASO DE GUERRA
Filme de Patrick Duncan
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
FOGO MALDITO II
Filme de Tony Randel
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.00 16.30,, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
DURO DE ROER
Filme de Bruce Malmuth
M/16 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
CANHÕES PERDIDOS
Filme de Bob Clark
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos
Às 14.00, 16.30, 19.00 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
FOGO MALDITO II
Filme de Tony Randel
Às 13.45, 15.45, 17.45 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
UM CASO DE GUERRA
M/12 anos
Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
ATA-ME
Filme de Pedro Almodovar
M/12 anos - Às 13.30 15.30, 17.30 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
GUERRA SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
O INVENCÍVEL (BRUCE LEE)
Filme de Lo Wei
M/12 anos
Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CANHÕES PERDIDOS
Filme de Bob Clark
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,19.00 e 21.30
SEM TEMPO PARA VIVER
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA
Centro Comercial da Portela
T. 9434762
UM NINJA AMERICANO - 3
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A NINI PREPAROU TUDO
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
(Documentário de actualidades dos anos 40)
Às 18.30
A MENINA DA RÁDIO/1944
Filme de Artur Duarte
Às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,, 19.15 e 21.45

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
ROGER E EU
Filme de Michel Moora
M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 21.45

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.30, 18,30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

«Sempre», a mais recente longa-metragem de Steven Spielberg, em exibição actualmente em Lisboa

KING TRIPLEX 2
CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
OS DELINQUENTES
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
ATA-ME
Filme de Pedro Almodovar
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
DURO DE ROER
M/16 anos - Às 14.15, 16.45 19.15 E 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
AS PAIXÕES DE BRIGITE
M/18 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
TERNAS CARÍCIAS
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade T.606847
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 21.15 e 23.45

PLAZA 2
ASTÉRIX E A SURPRESA DE CÉSAR
Para todos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.ª Antão - T. 326305
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOITES SÃO MAIS BELAS QUE AS VOSSAS
Filme de Andrej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15 , 16.15 18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3
COOKIE
M/12 anos - Às 15.00, 16.45 18.30, 21.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
UM BAR CHAMADO BLUE WATER
Filme de Peter Mastersen
M/12 anos - Às 14.15, 16.15 18.15, 20,00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.30 , 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
CANHÕES PERDIDOS
Filme de Bob Clark
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
A FEBRE REGRESSA
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
OLHA QUEM FALA
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 246565
OLHA QUEM FALA
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.30 E 21.30
Sala 2
ATA-ME
Filme de Pedro Almodóvar
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
TELHADOS DE NOVA IORQUE
Filme de Robert Wise
M/16 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
CANHÕES PERDIDOS
filme de Bob Clark
M/12 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
OLHA QUEM FALA
M/12 anos- às 15.15 e 21.30

Sala 2
ROMERO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
STALONE PRISIONEIRO
Às 15.00 e 21.30

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
OLHA QUEM FALA!
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15
Sala 2
O JOVEM EINSTEIN
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30
Sala 3
COOKIE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

A BARRACA (Cinearte)
Largo de Santos, nº 2 - T. 3965360
De 3ª a Dom. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa
(Em cena até domingo, 29/7)

COMUNA
P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

TEATRO ESPAÇO VARIEDADES
Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
10.00: Diapositivo - RDP Centro; **14.00:** O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Antena 1 - 14/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Viver Também se Aprende; **21.00:** Musical; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo
17.30: Música Vocal de Monteverdi e Mahler; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - As sonatas para violino e piano de Beethoven; **19.30:** Álbum Musical. Obras de Albinoni, Josef e Johann Strauss, Brahms, Chopin, Donizetti, Vivaldi, Brahms e Alexender Scriabin; **20.10:** Álbum Musical (cont.); **20.45:** Esta Madrugada na Antena Dois; **21.00:** Histórias de Música e Outras — Os Três Grandes «bês» da Música; **21.30:** Heinz Holliger acompanhado pela Camerata Bern, interpretará e concertos para Oboe de Tomaso Albinoni; **22.00:** Concerto Sinfónico de Hugo Alfven; **23.00:** Solos e Solistas: Sergei Rachmaninov; **00.00:** Restauro Musical — Música executada em instrumentos originais; **01.30:** Música no Século XX de Bela Bartok; **02.00:** Até às 08.00 horas Música na Madrugada em Disco Compacto. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m
16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz
18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

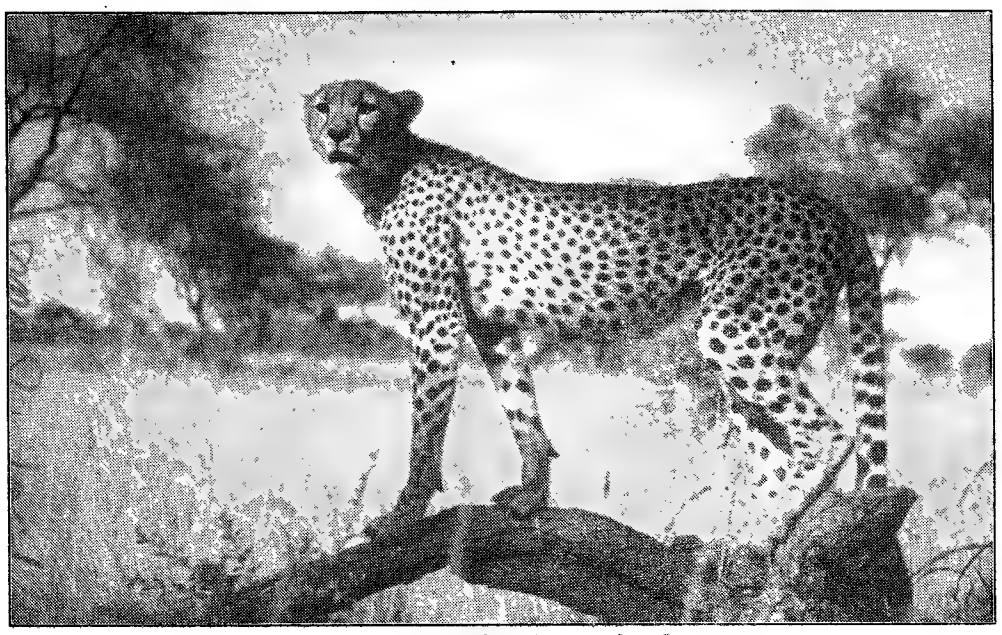
SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

14.40 - WHITE LION
15.15 - A CASA DE IRENE
16.10 - DERRICK
17.10 - O MUNDO ANIMAL
O leopardo é um animal carnívoro que, na idade adulta, pode atingir os 2,45 metros de comprimento e os 75 centímetros de altura. Existem várias espécies destes felinos, mas todos têm uma pelagem coberta de malhas pretas sobre uma cor de fundo que vai desde o branco ao amarelado.
17.30 - BRINCA BRINCANDO
18.40 - OS MARRETINHAS
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.09 - DIREITO DE ANTENA: «UGT»
20.15 - BOLETIM AGRÁRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
20.20 - RODA DE FOGO
21.20 - UM ESPIÃO NO PURGATÓRIO
22.20 - LUTA PELA DEMOCRACIA
Os Estados Unidos da América reclamam a «invenção» do sistema de «governação do povo», baseado nas novas noções de individualismo e de liberdade pessoal. Patrick Watson, apresentador desta série, vai tentar explicar a origem da democracia americana, partindo de alguns importantes acontecimentos que contribuíram para a consolidação da Nação, como, por exemplo, o movimento independentista de Boston e o referendo que movimentou a população californiana.
23.15 - MURPHY BROWN
23.45 - 24 HORAS
00.15 - REMATE



O Mundo Animal na RTP 1, às 17.10

RTP-2

14.30 - ESPAÇO INFANTIL
14.45 - FILHOS E FILHAS
15.10 - AGORA ESCOLHA!
Bloco A: «Miss Marple»
Bloco B: «Destino Aventura»
16.35 - OS CENTURIÕES
17.00 - JOGOS DA AMIZADE
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
«Paulus o Duende»
«Uma Pequena Maravilha»
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»
Um veterano do Vietname tenta roubar o filho que nunca viu e o detective Mike Stone é destacado para descobrir quais são os seus motivos.
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.55 - HORA DA VERDADE
«Violência Urbana»
22.55 - O PROCESSO FRANCHISE
23.25 - UNIVERSIDADE ABERTA
00.05 - ENCERRAMENTO DA EMISSÃO

AMANHÃ

RTP-1

09.00 _ ABERTURA
09.01 _ BOM DIA
10.00 _ ÀS DEZ
Inclui: «Os Marretinhas»
12.05 _ A GATA COMEU
(56.º Episódio)
13.00 _ JORNAL DA TARDE
13.27 _ BOLSA DIA A DIA
13.30 _ UM ANJO NA TERRA
(52.º Episódio)
14.15_ OS PESCADORES
(4.º Episódio)
14.40_ WHITE LION
15.15 _ A CASA DE IRENE
16.10_ DERRICK
(24.º Episódio)
17.10 _ O MUNDO ANIMAL
(20.º Episódio)
17.30 _ BRINCA BRINCANDO
_ A Hora do Lecas _
«A Baleia Decima» (5.º Episódio)
«Vamos à Galeria) (12.º Episódio)
«Tao-Tao» (7.º Episódio)
18.40 _ OS MARRETINHAS
(17.º Episódio)
19.05 _ JOGO DE CARTAS
19.30 _ TELEJORNAL
20.00 _ BOLSA DIA A DIA
20.05 _ O TEMPO
20.09 _ DIREITO DE ANTENA: «UGT»
20.15 _ BOLETIM AGRÁRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
20.20 _ RODA DE FOGO
(24.º Episódio)
21.20 _ UM ESPIÃO NO PURGATÓRIO
(9.º Episódio)
22.20 _ LUTA PELA DEMOCRACIA
(2.º Episódio)
23.15 _ MURPHY BROWN
(16.º Episódio)
23.45 _ 24 HORAS
00.15 _ REMATE

PARABÓLICAS ALBA
• Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
• LNB com polarizador incorporado.
• Receptor esterofónico com 16 canais memorizáveis. • Telecomando infravermelhos com todas as funções.
• Poder de captação:
— Actual: 8 canais
— A partir do final do ano: 24.
Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado
AUDIMAX T. 4106275 Algés

RTP-2

12.00 _ MIRA RÁDIO
14.00 _ ABERTURA
14.02 _ PRIMEIRO JORNAL
14.30 _ ESPAÇO INFANTIL
«O Mundo de Jorge»
(38.º Episódio)
14.45 _ FILHOS E FILHAS
(519.º Episódio)
15.10 _ AGORA ESCOLHA!
Bloco A: «Miss Marple»
Bloco B: «Destino Aventura»
16.35 _ OS CENTURIÕES
(16.º Episódio)
17.00 _ JOGOS DA AMIZADE
18.30 _ O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
(156.º Episódio)
19.10 _ ESPAÇO INFANTIL
«Paulus o Duende»
«Uma Pequena Maravilha»
(5.º Episódio)
19.55 _ VIA RÁPIDA
20.05 _ CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco» (
8.º Episódio)
21.00 _ JORNAL DAS NOVE
21.30 _ EMOÇÕES
(26.º Episódio)
21.55 _ HORA DA VERDADE
«Violência Urbana»
22.55 _ O PROCESSO FRANCHISE
(2.º Episódio)
00.05 _ ENCERRAMENTO DA EMISSÃO

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 MURPHY BROWN
RTP 2 EMOÇÕES
PIP
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL
O SEU CABELEIREIRO
MAIS RÁPIDO
ECONÓMICO
EXTRAÇÃO DE PELOS
ELÉCTRICA SEM DOR E SEM MARCAS
E A CERA QUENTE OU FRIA
Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38

«A Europa gananciosa que moldou a África moderna e formou as suas elites dirigentes está no banco dos réus»

Vicente Jorge Silva, «Público», 25.07.90

A PERGUNTA DO DIA

Carlos Tavares secretário de Estado do Tesouro

Que possibilidades existem para que o PESAN (Progresso Económico e Social para os Anos Noventa) possa merecer o acordo dos parceiros sociais?

«A melhor resposta a essa pergunta terá de ser naturalmente dada pelos próprios parceiros sociais já que o PESAN é uma proposta do Governo.

De qualquer forma, convém referir que o documento contempla um conjunto de medidas fundamentais à nossa integração, bem sucedida, na União Económica e Monetária.

O PESAN assenta em aspectos que julgo merecerem um consenso muito grande num conjunto de objectivos nacionais que deverão assegurar a nossa convergência real e nominal com a Comunidade Europeia e onde se destaca o indispensável combate à inflação.

Esperamos assim um acordo alargado, sendo certo que o PESAN é uma proposta aberta à discussão.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

A memória de Salazar 20 anos depois

Van Gogh no centenário do suicídio

«Sobre eleições presidenciais e legislativas» por F. Piteira Santos

ENTREVISTA

Sousa Veloso é, desde há 31 anos, o autor do «TV Rural», o mais antigo programa da RTP. Apesar de ter conseguido satisfazer a sua dupla queda pela agricultura e pela comunicação social, ainda tem um grande sonho: fazer um filme

«Nunca fui agricultor»

Rui Vasco

D.L. - Há quantos anos faz o «TV Rural»?

S.V. - Há um tempo a esta parte, eu escondia um bocadinho a idade, mas depois algumas pessoas descobriram, há uns anos organizaram a festa do 25º aniversário do «TV Rural» e depois disso já passaram seis anos.

D.L. - É, portanto, o mais antigo programa da RTP...

S.V. - O Telejornal será mais antigo, mas já mudou de nome, de pessoas e até de maneira de pensar. O «TV Rural» tem sido mais igual a si próprio ao longo dos seus 31 anos.

D.L. - Como surgiu a ideia do programa?

S.V. - Esta ideia foi inspirada em programas do género que já existiam noutros países. O primeiro administrador da RTP interessou-se por ter uma rubrica equivalente ao que já existia lá fora e os próprios serviços oficiais do Ministério da Agricultura estavam interessados nisso. Foi feita uma comunicação dando conta desse interesse e solicitando colaboraração, voluntários que quisessem aceitar a ideia. Eu e outro colega oferecemo-nos, mas depois ele seguiu a carreira docente, hoje é professor catedrático, e eu fui continuando por cá.

D.L. - Qual é o segredo deste sucesso?

S.V. - Julgo que um dos segredos é o de eu procurar, e ter tido a sorte de encontrar, colaboradores bons, pessoas que vivem a agricultura. Se fosse eu a pontificar, a espalhar doutrina, já teria, com certeza, cansado o público.

D.L. - O programa ocupa-lhe todo o seu tempo, ou tem alguma actividade paralela?

S.V. - O programa ocupa-me a mim e a uma pequena equipa de filmagens. Tudo o resto é feito por mim e por isso toma-me muito tempo. No entanto, sou também responsável por um suplemento semanal dedicado à agricultura, que é «O Dia Agrícola».

D.L. - De onde lhe vem o interesse pela agricultura?

S.V. - A família da parte do meu pai era da Beira Alta e,em férias, convivia bastante com o meio rural, mas o meu gosto pelo agricultura vem do meu gosto pelas ciências da natureza, pela biologia, pela vida das plantas. Portanto, escolhi um curso em que estes elementos estivessem presentes e pudessem ser utilizados no sentido de melhorar a vida dos meus semelhantes. Além disso, transformei-me num jornalista profissional do sector porque tinha uma dupla queda pela agricultura e pela comunicação social.

D.L. - E alguma vez foi agricultor?

S.V. - Não, nunca fui.

D.L. - Dentro da agricultura, qual é a área que mais lhe interessa?

S.V. - Uma das áreas mais interessantes é a fruticultura e a horticultura, até para a nossa economia, pois, contrariamente ao que muita gente pensa, em Portugal as condições naturais são muito desfavoráveis à agricultura: os solos muito delgados, o relevo muito acentuado, numa parte do ano chove muito e depois o tempo é muito seco... Apenas alguns ramos da agricultura encontram condições favoráveis, o que é o caso da fruticultura, da viticultura e da floresta. Esses assuntos, talvez por serem os que mais dizem respeito ao progresso da nossa economia no sector agrário, são os que mais me interessam.

D.L. - Alguma vez desejou fazer outro tipo de programas na televisão?

S.V. - Não. No entanto, não desgostava de fazer um filme. Eu trabalho em filme há imensos anos, estou muito familiarizado com a tecnologia e com a arte cinematográfica e poderia ser divertido realizar um filme. No próprio «TV Rural» há sempre uma dose de representação, não para enganar as pessoas, mas para as levar a interessarem-se mais e para tornar o programa menos maçador.

D.L. - Quando acaba os seus programas, despede-se empre com amizade. Não gostaria de se despedir com amizade dos leitores do «Diário de Lisboa»?

S.V. - Eu despeço-me com amizade dos espectadores da televisão porque me parece correcto, delicado, simpático, porque estimo os meus espectadores e encontro neles essa estima. Quanto aos leitores do «Diário de Lisboa», não os conheço, mas estou em crer que também não me querem mal nenhum e é com muita facilidade que também lhes dou a minha amizade.

D.S.

meteorologia

Eduardo Luís

Eduardo Luís (1934-1988) é, era pintor dos pintores, pintor dos poetas, pintor do exercício da inteligência que não vive sem os sentidos, pintor de técnica inabitual, que em certas épocas se confundia com a magia, com a mediação dos elementos, com a ordem divina que separa a luz da sombra, com o ritual.

As suas *naturezas mortas* não são nem naturezas nem mortas, mas sobrenaturezas vivas, embora hermeticamente. Os corpos das jovens são encenados para os *voyeurs* que se reconhecem pelas cortinas, pelos cortinados, pelos fundos indecifráveis, e sobretudo pelos espaços fora do quadro que observa, observado. Tudo é limpo, límpido, gavetas catalogadas, grãos de romã contados, objectos que, apesar da distância, estão religados por um pacto secreto; o movimento exerce a sua utopia, a estabilidade, a espiritualidade, à espera do definitivo que talvez seja a morte. Metamorfose: tudo está em tudo, o outro é o desejo, basta um amável incidente, um curto-circuito provocado, um Archimboldo, um Devaux, encontrados num entreposto de outra maçonaria.

Maneirista? Só se as pinturas forem um ornamento para os possuidores. Entretanto, as telas são de uma exigência implacável, de encontrar o escondido. Têm qualidade metafísica, de tal modo física é a pintura.

A exposição na sede da Gulbenkian, organizada pelo CAM, sofre um pouco por não poder criar intimidade entre a obra e o tempo pessoal. Cada um da centena e mais de quadros *contagiosos* de Eduardo Luís precisava de ser fechado numa *chambre séparée*. À porta fechada: labirinto lógico, à nossa medida-desmedida.

Jorge Listopad

Eduardo Luís, pintor

A.M.A. Auto Monumental da Arcozelo S.A.

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 26 DE JULHO DE 1990 NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

«Hoje, dia 4 de Maio do ano da graça de 1957, é o começo da nossa grande viagem!» assim começava o «Jornal de Bordo» do primeiro número do «Diário de Lisboa Juvenil», pequena barca que viria a reunir numerosa e aguerrida tripulação vinda de todas as regiões do País, transformando-se num formoso navio de proporções tão respeitáveis que passou a merecer as atenções especiais das patrulhas rápidas da Censura. O «Juvenil» fez tantas ondas que em 1973 foi suspenso por determinação do último chefe do governo da ditadura, Marcelo Caetano.

Com Mário Castrim ao leme, um homem que ligou parte substancial da sua vida e obra ao «Diário de Lisboa», ao ponto de se haver transformado numa das mais sólidas imagens de marca do nosso jornal, a viagem do «Juvenil» durou perto de 16 anos, durante os quais muitos jovens escritores, hoje de reputação firmada no mundo literário, ali encontraram lugar para se estrear.

Homenageando esse «Juvenil» de saudosa memória, e também os criadores setenta anos de Mário Castrim, sempre atento à valorização e aos anseios dos jovens, dedicamos a ambos este número do nosso »Suplemento Literário».

DE TIGRES E DE SÓIS

A praia era laranja e verde era a água junto de nós, até tornar-se, ao fundo, de um azul turquesa de desenho infantil. Estávamos sentados na beira da água, enterrados na areia mole, e a água cobria-nos e descobria-nos em movimentos sucessivos. A pele começava a queimar-me e imaginava pequenos sulcos brancos a desenhar o riso. O riso desenhara-se na nossa cara e agora nem mesmo podíamos estar tristes, tal o contraste entre o que disséssemos e aqueles riscos brancos sob os olhos, na comissura dos lábios. Falávamos, contudo, de todas as coisas, e algumas eram tristes. Ou antes: viriam a ser tristes, porque então eram só a hesitação das coisas e a vontade de fazê-las, e a tristeza será apenas serem ainda e só a hesitação e a vontade, anos depois. Temos a sensação que há algo a dizer, algo a fazer, que há algo muito importante no ar, ali ao nosso alcance, mas não sabemos exactamente o quê. Por outro lado, sentimo-nos bem assim. O sol tem exactamente o calor necessário, e é agradável sentir a água, vinda do azul turquesa até ao verde para o nosso corpo, que se evapora lentamente para logo nos mo-lhar. As rugas de riso enternecem-nos um pouco, mas não demasiado, o suficiente para nos sentirmos bem de estar ali um ao pé do outro, para não falarmos, ou dizermos coisas loucas, leves, incoerentes, como balões que se soltam sem responsabilidade. Pensamos vagamente, e com certa preguiça, que talvez fosse bom estendermos a mão para o outro — mas é perfeitamente dispensável. Qualquer gesto, aliás, poderia quebrar esta harmonia universal. Assim, deixamo-nos estar, com um leve sorriso e as palavras mansas, devagar.

Falamos de uma tribo que desenha, cortando, estes riscos junto à boca, junto aos olhos, para que se assemelhem a tigres e sóis. Começo a falar-te do adjectivo solar, de ter querido, certa vez, ser solar, e como de exercício isso se transformou em programa. Uma senhora gorda explode junto a nós, e cada pessoa pára nos gestos em que está, grotescos e terrivelmente inquietantes. De repente, levantas-te e caminhas pelo verde da água. Olho para ti como se quisesse dizer-te qualquer coisa, e há no teu andar (mas não te voltas para trás) algo que me diz teres descoberto o que havia a descobrir, naquele sol, naquela água e, sobretudo, no nosso sorriso.

Sei que continuas a, sorrir quando a água se fecha sobre a tua cabeça, e invejo-te muito. Sei também, confusamente, e no entan-to com a máxima clarida-de, que não é a minha hora de te acompanhar, e adormeço sobre a praia.

Diana Andringa

A IDADE DE UM SONHO

Era, lembro-me bem, um outro tempo, no que se dizia e no que se escrevia. Era o deslumbramento de se descobrir um livro como «Os Passos em Volta», de Herberto Hélder, e de o discutir com os amigos, era o desafio de ler os textos de «Na Senda da Poesia», de Ruy Belo e de pensar na forma como os rumos expressivos da linguagem poética de alguma forma se cruzavam com os outros mais secos, directos e ásperos da análise sociológica e política da realidade; de uma realidade que o medo e o silêncio teimavam em obscurecer, apesar de sermos ainda muito jovens e de termos todo o tempo do mundo para acreditarmos que a felicidade e a liberdade podiam ser bem mais que equívocas promessas.

E havia o «Juvenil», que se tornou mesa de café de todas as fraternidades, instrumento luminoso de algumas descobertas, caixa de ressonância para a heterodoxia de algumas vozes. Esperava-se por um poema da Hélia Correia ou do Nuno Júdice, por uma palavra de estímulo do Mário Castrim, por um daqueles prémios que, nas modalidades de conto, poesia ou ensaio, nos davam, convertidas em livros, a sensação gratificante e única de que valia a pena, de que havia quem nos lesse, de que talvez um dia, conseguíssemos ser escritores. Era uma festa podermos dizer, no meio da conversa cúmplice que um livro amado ou um autor de culto suscitavam: «Eu também sou colaborador do 'Juvenil'.» Quando é que lá começaste a publicar coisas?»

Passaram os anos e ficou-nos na memória o lastro do esquecimento inelutável, mas houve nomes desse tempo que nunca se evadiram do círculo das lembranças gratas: um poeta que começava de forma fulgurante: um contista que, na senda do realismo fantástico ou da literatura do absurdo, merecia já que o víssemos ou lêssemos como uma promessa; um crítico de poesia ou de ficção narrativa que forjava, em curtos e tímidos voos, o rigor de uma escrita e a solidez de um aparelho conceptual. É certo que muitas promessas ficaram por cumprir e que muitos nomes se apagaram na voragem do tempo e no ciclo de nos tornarmos adultos e de considerarmos prioritários outros desafios. Mas o nome do «Juvenil» permaneceu, com o significado inquestionável do que fez época, do que acendeu interrogações, do que ajudou a dar timbre pessoal à força interior de algumas vozes. E, ao lembrar tudo isto, surge sempre, por um mecanismo de associação que só a memória do afecto pode justificar, o nome de Mário Castrim. Envolvido como esteve nesse sonho, ele nunca deixou de ter a idade dos seus amigos do «Juvenil».

José Jorge Letria

literário

LIBERDADE, SONHO, SOLIDARIEDADE

Pediram-me que, na qualidade de ex-colaboradora do Juvenil, escrevesse algumas linhas sobre o que representou esse suplemento para mim.

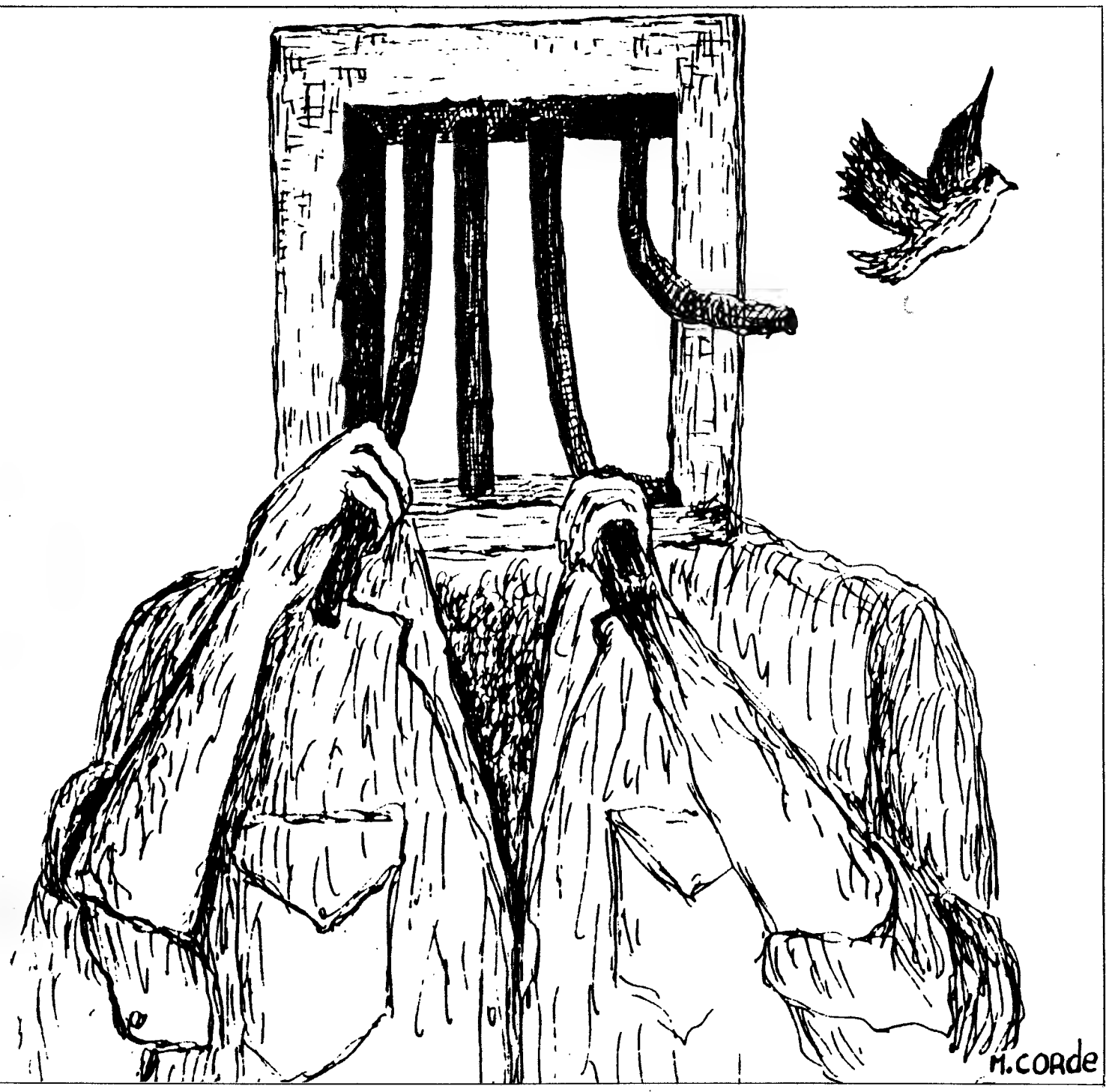
Colaborei no jornal entre 1964 e 1967, então em plena adolescência. Penso que o Juvenil era um lugar de comunicação e um espaço de liberdade para os jovens de determinada geração que viviam num país onde havia censura, onde era manifesta a falta de liberdades políticas e pessoais. Os jovens não tinham então, a mesma liberdade de movimentos que têm agora. Um Juvenil talvez não fosse tão importante como aquele foi então para nós.

Por outro lado, funcionava como uma valorização — era, simultaneamente, um estímulo e um desafio: estímulo, porque levava os jovens a exprimir-se e a comunicar com os outros, e desafio porque lhes fazia pôr à prova as suas qualidades. O Juvenil foi também um lugar de sonho. Porque ali sonhou-se muito. Alguns terão alimentado certamente o sonho de se tornarem escritores ou pintores célebres. Antes de o Saramago ser o Saramago, já nós o líamos no Juvenil. O mesmo se pode dizer de certos jovens que só mais tarde se tornaram uma noção para nós. Outros, sem sonhos de futuro brilhante numa actividade artística, terão colaborado no Juvenil porque sentia a necessidade de comunicar as suas preocupaçõe se os seus anseios. Incluo-me neste grupo; de facto, penso que havia qualquer coisa de confessional nos meus textos.

Ao mesmo tempo, sentíamos o jornal como um amigo seguro que precisávamos encontrar todas as semanas. Havia um tio Tião que ouvia os nossos problemas e tinha sempre uma palavra adequada; havia uma secção de recepção de originais, onde o Mário Castrim justificava por que não publicava certos trabalhos, despertando em nós a capacidade de exercitar o espírito crítico e encorajando-nos a continuar a escrever.

O Juvenil teve uma grande importância na formação de classe dessa geração, promovendo o seu sentido crítico, a sua criatividade e imaginação, os seus sentimentos de solidariedade e de abertura ao mundo e à vida, e a sua tomada de consciência cívica.

Bárbara Palla e Carmo



«MEMÓRIAS...»

No princípio foi assim.

Lia mas não escrevia.

Depois, escrevi porque lia.

Escrevi uma carta dirigida a uma colaboradora do «Juvenil» pesarosa por não saber escrever de forma «difícil».

Lembrei-lhe Tolstoi, Eça, e outros, tão mais profundos quanto mais simples de linguagem.

O Mário Castrim, pelos vistos, gostou do meu «conselho» e publicou-o.

Rejubilei! Afinal era possível escrever e ler-me!...

Duma rajada só mandei-lhe três contos. Assinados com pseudónimo.

Na volta o Mário responde-me com um postal reijeitando o pseudónimo e tecendo elogios que soaram no meu espírito como música.

Quase que entrei em levitação ao ver sucessivamente publicados dois desses contos.

Mas o terceiro não surgia. E eu que o julgava o melhor!

Intitulava-se — recordas-te Mário Castrim? — «As memórias de uma pulga!».

Desiludido, deixei esfriar a furna da inspiração.

Foi quando — imagine-se! — um ano mais tarde, alguém que muito prezo, me deu os parabéns pelo conto que acabara de ler no suplemento de Letras do «República».

Meu?! Mas se nunca para lá tinha enviado nada!...

Noite fora percorri a Baixa à procura do «República». Esgotava-se, então. Até que o encontrei.

E lá estava: «As memórias de uma pulga!»!...

Nunca o perguntei ao Mário Castrim. Talvez tenha chegado o momento de o fazer...

Mas fosse qual fosse essa trajectória ela conduziu-me ao estímulo que precisava para voltar a escrever.

Assim o fiz.

Obrigado, Mário. **Gorjão Duarte**

Começar é fácil. Acabar é mais fácil ainda.

Este livro é uma série de começos contrariados.
Tem muita mentira, muito desespero, muita invenção. Mas tem também uma vontade.
A vontade que tem é de cegar perante as luzes da nossa idade — o elogio do eu e da sua expressão — para reaver os sons e os cheiros das coisas que duram.
O amor, a Pátria, a amizade, o sangue e o pão. É nestas coisas que acredito.
Isto é mesmo verdade.

extracto do prefácio de *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*, Miguel Esteves Cardoso

Livros de Miguel Esteves Cardoso

☐ *A Causa das Coisas* (10.ª edição), 1600$00
☐ *Os Meus Problemas* (6.ª edição), 1600$00
☐ *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*, 1600$00.

ASSÍRIO & ALVIM

preencher em letra legível e enviar para ASSÍRIO & ALVIM, Rua Passos Manuel 67-B, 1100 LISBOA

Junto envio cheque ☐ Vale de correio ☐ no valor de _____$____, para envio dos livros assinalados
Nome _____
Morada _____
Código Postal_____ Localidade_____

2L

Negro embarcadiço desenhado num café do Cais do Sodré em Lisboa por António Domingues, que assegurou, juntamente com Tossan, as ilustrações dos primeiros números do «Juvenil»

METÁFORAS

O bárbaro talento _ que não é o da escrita, mas o da convicção _ bafejou-nos a todos nesses dias. Vivemos com beleza as nossas personagens.

Tínhamos preparado uma mistura de «rive gauche» com a estética dos «hippies», tudo exalando o bravo cheiro das guerrilhas _ e andámos a mover-nos na esquisita passagem que liga a adolescência com a idade adulta absolutamente defendidos do tédio. É esse o benefício das ideologias.

Era possível envolver as coias num quadro de paixão, risco e enigmas. Os nomes que assinavam no «Juvenil» aproveitavam para marcar encontros à maneira dos filmes e da clandestinidade: no sítio tal, com o jornal assim e um casaco alentejano ao ombro... Lembro-me de ter vindo a conhecer, com esta encenação aventureira, pessoas tão diferentes como o Jorge Massada, o José António Freire Antunes e o Sousa Fernando _ que é hoje o Jaime Rocha. Havia em tudo isto uma volúpia que era a de protagonizar uma ficção.

A criação literária tinha parte importante nessa luta que o Bem, a Razão e o Futuro travavam contra o obscurantismo, contra um regime velho e idiota. Tudo estava disposto com clareza e a nossa palavra era uma superfície onde os rumores de oposição se reflectiam.

No «Juvenil» ainda aflorou alguma vez a famosa disputa entre os «comprometidos» e os da «arte pela arte». Mas era coisa de somenos importância, um riso surdo, uma arrogância no olhar. Por exemplo, eu ganhei as honras de um destaque com um poema que defendia a grandeza _ e a transitoriedade _ da literatura posta ao serviço de uma causa. Isto fez com que «os outros» me alcunhassem de «poetisa proletária», o que era, da parte daqueles cérebros altivos, mais uma benevolência do que um insulto. No fundo, a esquerda, fosse como fosse, pelo menos entre nós, os que escrevíamos, queria-se toda bem.

Estávamos aplicados a compor jogos de linguagem que enganassem os olhos pouco astutos mas muito suspeitosos de censura. O gasto que as metáforas tiveram! Houve mesmo recursos memoráveis, como aquele primeiro prémio do Paulo Varela Gomes que provocou a indignação dos demais concorrentes porque no texto só se descrevia uma cadeira com todo o pormenor das suas dimensões. O Mário e a Alice explicavam, em privado, que o suporte da «graça» era outro texto, teórico, cuja publicação se tornava impossível devido ao seu carácter fortemente político...

Encontrei outro dia um poeta emudecido que se pôs a lembrar o entusiasmo com que comprávamos o «DL» às terças-feiras. Eu tinha-me esquecido de que era às terças-feiras e há muito não pensava no tal entusiasmo. As lembranças precisam de domesticação e devem ser mantidas em respeito, se não crescem de mais e paralisam-nos.

Desde então, muita vida nos foi caindo em cima. Ficou talvez um estilo, uma atitude: uma recusa de transformar a escrita num capital sujeito às leis da sensatez, de a exibir como um cartão de ingresso nos portões do *jet-set*. Alguns de nós, como o Manuel Ribeiro Santos, irmão daquele José assassinado pela Pide, resolveram calar-se inteiramente, conscientes talvez de que um poema _ e que excelente poeta o Manuel era! _ deve poupar-se ao escândalo da publicação. E o Miguel Serras Pereira que ainda há bem pouco tempo me assustou, ao dar a cara quando traduzia o Rushdie, _ que escritor magnífico ele é e quão pouco parece importar-se com isso! Não vou desfiar nomes porque as glórias são escassas e no obituário já podem hoje ler-se algumas inscrições. Fique do «Juvenil» esta sabedoria que é não recordar muito _ e este gosto romântico pelo excesso que é o melhor de todos os defeitos.

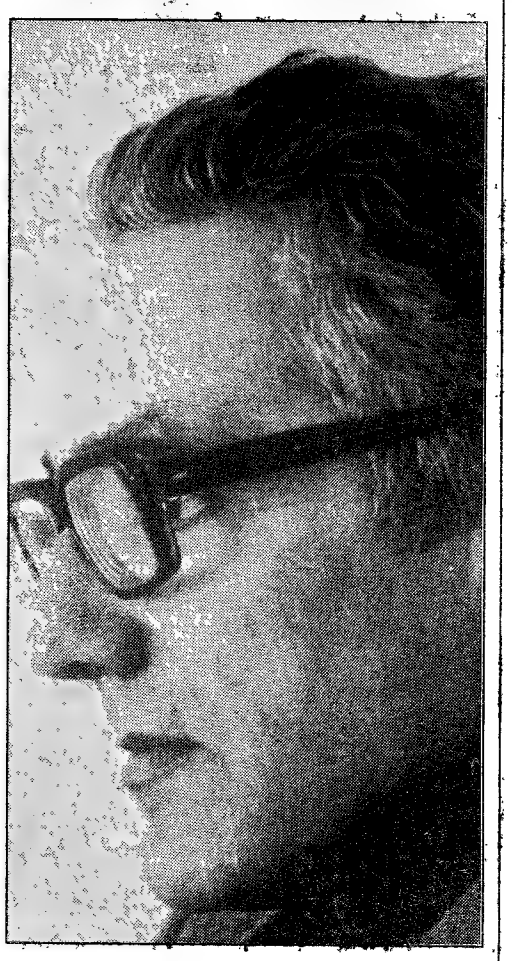
O Mário está bem vivo, pronto para viver mais. Em Janeiro deste ano, naufragámos os dois em pleno Ribatejo dentro de uma camioneta que se inclinou perigosamente sobre um fosso e que um piloto aviador, muito bebido, teimava em pôr direita, aplicando-lhe as técnicas do voo. No meio dos passageiros já um tanto enervados e passados de frio, a Catarina da Fonseca e eu ríamos do sabor da aventura. A Catarina, toda a gente sabe, é escritora e é filha do Mário Castrim e da Alice Vieira. O que talvez não saibam é que ela também pertence ao «Juvenil»: nasceu dele, nele; e isto agora não é uma metáfora.

Hélia Correia

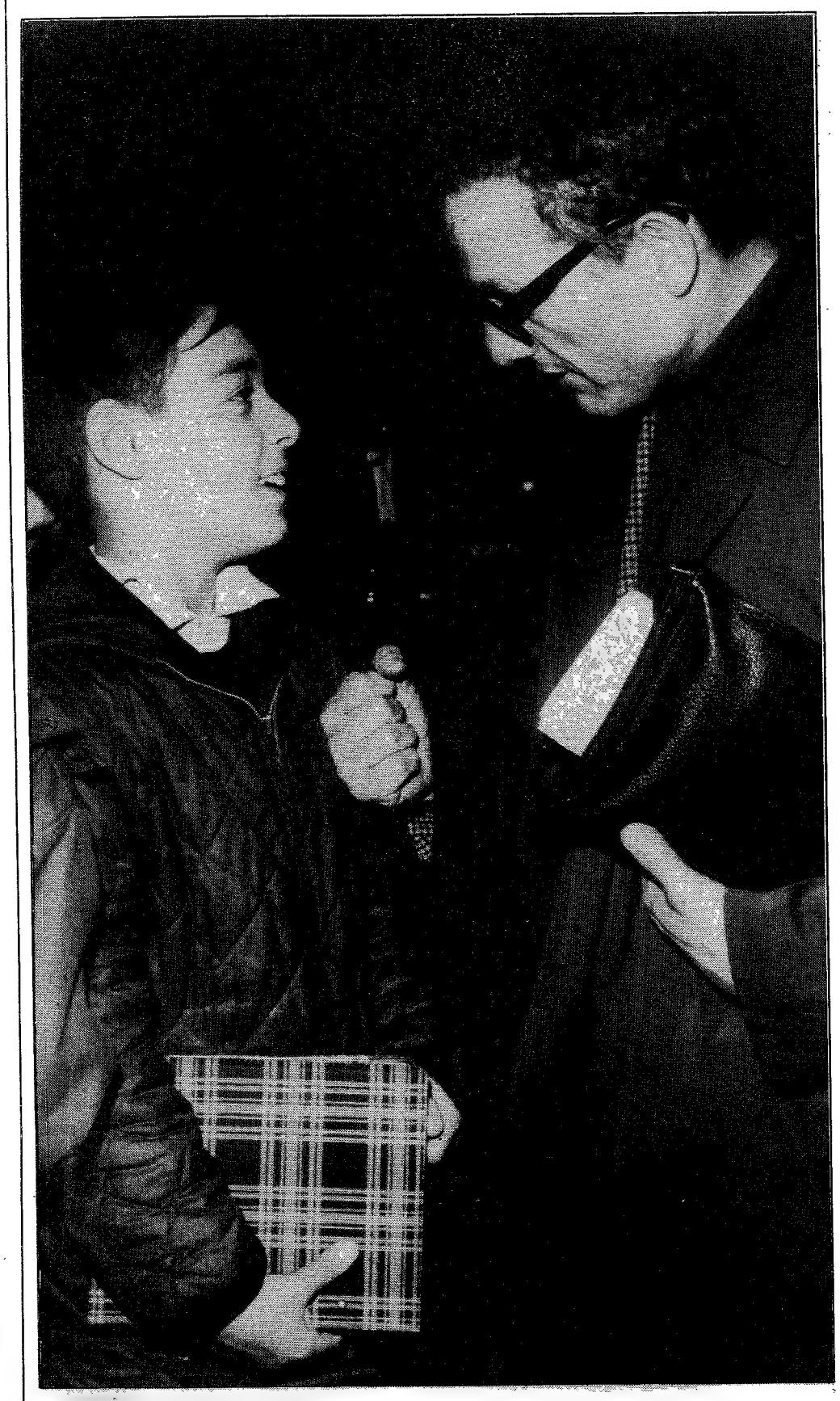
O PLURAL QUE ÉRAMOS

Impossível pensar nesses anos 50 das nossas adolescências sem que desfilem imagens e sabores e a repartição entre o estudo obrigatório e a liberdade de ler e escrever ou inventar brincadeiras e fantasiar todos os mundos para além do mundo tão ordenado que a casa dos pais nos propunha. Impossível pensar nesses anos sem usar o plural que éramos, dois irmãos rapazes e eu no meio, como se a vida nunca nos separasse e Lisboa se alterasse na geografia interior que íamos aprendendo ao longo dos dias e das estações do ano. Impossível não reviver os rituais de mesa posta, quando as sensações iam desfilando intactas, e se falava sobre as primeiras perplexidades de cada um de nós. O pai lia a «Diário de Notícias» de manhã, o «Diário de Lisboa» à noite, acreditava no rigor da disciplina que nos impunha, discutíamos ideias e fixávamo-nos nas palavras certas para cada conceito a exprimir. Não se faziam erros de português, nem se faziam silêncios. O pai desde muito cedo nos levou pela cidade, a conhecer a dimensão real de algumas verdades ocultas. Foi médico e afirmava-se democrata. Dizia-nos o prazer da leitura e a mim, especialmente, sempre me entusiasmou pela escrita. Mais de trinta anos depois, sei que tive um texto publicado no Suplemento Juvenil do «Diário de Lisboa». Talvez prenúncio de tudo o que iria desenhar-se na minha vida. Talvez a muito forte sensação de Lisboa reencontrada nos ambientes interiores daquela casa. De certeza a alegria de me saber desde sempre ligada a esta cidade, sem nostalgia pelos climas desse tempo em que cada dia era a espera de alguma notícia diferente e o tempo de leitura sobre os mundos que não conhecíamos. Raramente escrevi na primeira pessoa do singular em espaço de jornal. Para falar desse «Diário de Lisboa» da minha iniciação, não resisti a «experimentar-me», sem pudor de escrever no improviso da sensibilidade.

Leonel Xavier



Mário Castrim, o timoteiro do «Juvenil»



Castrim: uma atenção permanente aos jovens. Não têm conta os jornalistas e escritores que deram os primeiros passos no «Juvenil»

VER O NOME IMPRESSO

Quantos de nós, espalhados por esses jornais, revistas, livros e outros meios de ter voz, não passaram pelas páginas do «Diário de Lisboa Juvenil»? Quantos de nós, calados alguns hoje porque a vida os puxou para o silêncio de outras profissões, se não recorda, desse tempo, da voz que tinham e que essas páginas semanais tornaram possível em voz alta?

Quando me lembro dessas primeiras páginas (conservo algumas de 1957, 1958), não recordo, curiosamente, a vaidade que certamente foi para o adolescente que fui - que fomos -, de ver o nome impresso assinando versos, contos, opiniões. A vaidade é felizmente uma coisa que se gasta quando se começa cedo, e ali começámos todos cedo. Não demais, mas na altura certa de começar a ter voz.

Quando me lembro - desse tempo calado - é da responsabilidade que me lembro. E da liberdade desse espaço forjado pelo Mário Castrim que, com outros, apostou nas vozes mais jovens como quem aposta no futuro. Podemos dizer, ao olhar as gerações - algumas, algumas - que nessas páginas, ao longo dos anos, subiram à tribuna, que o Mário Castrim ganhou a posta. Ensinando - professor que é -, sem impor, apenas permitindo, a ter voz livre, mesmo quando era difícil.

No «Juvenil» não aprendemos apenas a modelar as palavras e a inquirirmos sobre os nossos comparativos talentos. Aprendemos também a lutar e a trilhar os ardilosos caminhos que permitiam - nem sempre - evitar o lápis azul da censura, que conheci logo às primeiras linhas.

É disso que me lembro. Da liberdade que se conquista, da responsabilidade que se aprende, da relatividade de cada voz na comparação com as outras. E, claro, não me esqueci da amizade. É tempo, hoje, como antes, de agradecer.

Filipe Leandro Martins

O MEU BAPTISMO

«Devido ao luto, devido ao luto!» Novembro de 1963, no cimo das escadas do prédio-sede do «Diário de Lisboa» um senhor que eu via pela primeira vez explicava aos convidados, pesarosamente, o cancelamento de uma reunião com colaboradores do «Juvenil». Fora assassinado John Kennedy, creio que no dia anterior. Para mim, aquele foi o primeiro contacto com o mundo dos jornais. Mário Castrim, para mim, e para o Luís Almeida Martins, meu colega de liceu, que comigo se encontrava, era, até então, apenas uma voz no telefone e um nome - um nome, diga-se, mítico, na nossa enfabulação adolescente.

Poucos dias antes com indiscritível nervoso, eu vira publicado, pela primeira vez, em letra de Imprensa um texto meu. Era o meu baptismo, o «impulso» para os «voos» que, cinco anos mais tarde, me levariam ao jornalismo profissional.

Mário Castrim que, passada a ocasião dos lutos oficiais, eu conheceria nessa caminhada neófita, seria o primeiro orientador, o primeiro crítico profissional dos meus trabalhos.

É preciso dizer, ainda, que a equipa do «DL-Juvenil» tinha, nessa época, uma relevância que nos pode agora parecer desproporcionada. Havia poucos jornais, existia a censura e escrever ali significava também um complemento de outras actividades clandestinas contra o regime. Castrim assumia uma posição de liderança cuja importância os anos confirmariam.

Carlos Cáceres Monteiro

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

1 ANO	—	18 000$00
6 MESES	—	9 000$00
3 MESES	—	4 500$00
1 MÊS	—	1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00 • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

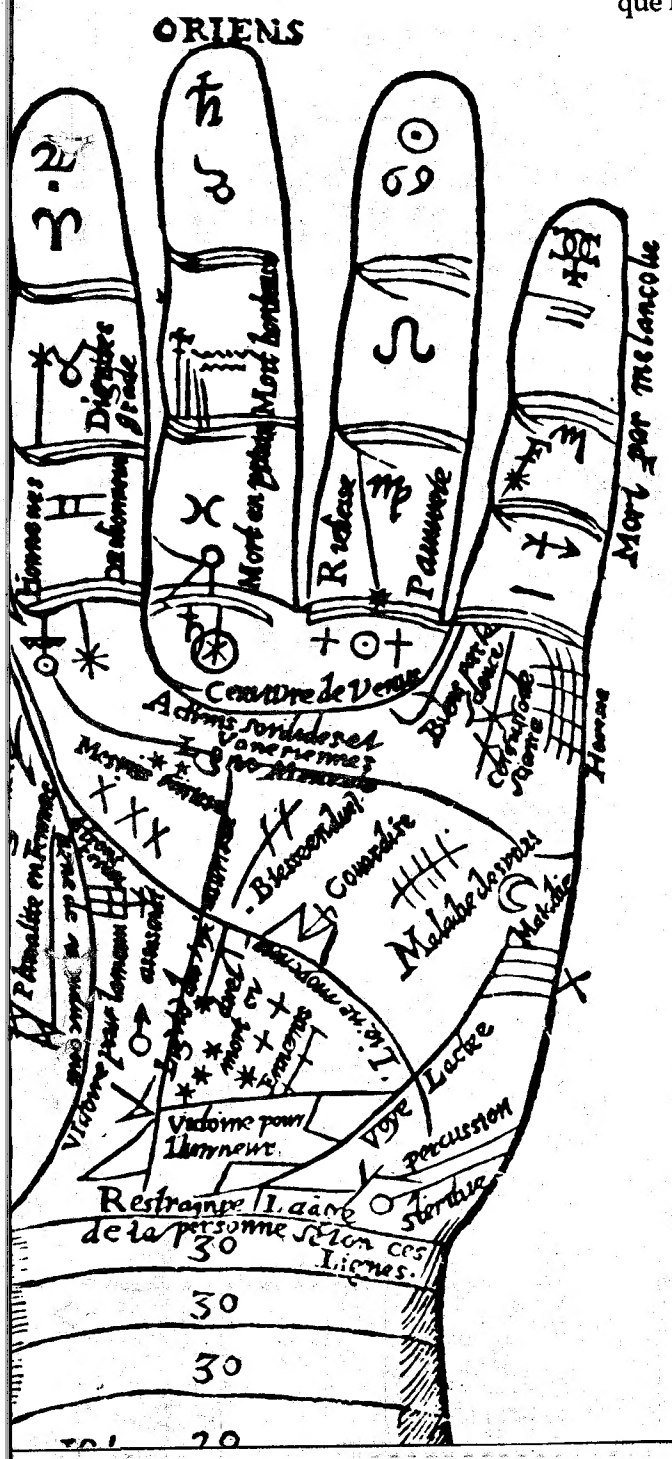
Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

tom
ens
nos
nas,
ngo
ário
do -
nas
mo

enas
mos
tos.
lhar
am -
l da
iras

lade
lade
tada
s. E,
e. É
ecer.

rtins



LOVE STORY

O meu pai levava sempre para casa o «Diário de Lisboa». Ao fim da tarde, era eu pequeno demais para ler nas entrelinhas, havia o costume de o jornal ficar em cima da pequena telefonia de madeira _ e então eu pegava-lhe para tentar entender uma ou outra coisa de um mundo muito grande. Não era um jornal qualquer: era o «Lisboa». Passadas as eleições do Delgado, frustrado o «Santa Maria», começou em Angola o estentor de um tiroteio que ainda hoje perdura. O «Lisboa» contava o que podia disso tudo, mas para além do mais havia não sei o quê naqueles títulos em itálico, naquela força de carácter de tablóide, que ainda hoje me emociona pensar nisso.

Subitamente veio o «Juvenil». É provável que já existisse antes de eu me ter dado conta dele. Mas para mim aconteceu um dia, talvez no mesmo em que descobri que a literatura não era uma chatice. Era de tarde, decerto, àquela hora em que o crepúsculo arrasta consigo todos os fantasmas de uma vida. O «Juvenil» era um belo suplemento que saltava dali para a frente em direcção a nós, impresso a uma cor além do preto, vivo e bonito como poucas coisas que saibamos. Era uma curva de perna, nesse tempo em que morríamos de amor por uma curva de perna, e as mulheres - perdoai-me! - eram curvas de pernas comoventes.

Veio, pois, o «Juvenil». De repente descobri uma secreta afinidade entre os que já lá escreviam e eu mesmo. O quê não sei ainda bem, mas acho que era amor. Amor por uma folha de papel que era uma perna. Eu ainda não amava coisa alguma que tivesse nome, tique ou voz. Juro-vos, contudo, que amei o «Juvenil». Até ao dia em que vi estampado na primeira página um texto meu e em que deixei de me reconhecer por uns instantes. O «Juvenil» passou nesse dia a ser outro, mais meu mas menos meu. O amor tem disto. O caminho faz-se caminhando.

Calhou, não muito depois, eu vir a tornar-me jornalista. Nunca trabalhei no «Diário de Lisboa». O que não impede que me recorde com frequência das emoções contraditórias que esse título despertou em mim antes e depois de ter descoberto o «Juvenil». Esse «Juvenil» que deixou um pouco de ser meu a partir do momento em que me torneio colaborador regular das suas páginas.

A vida é assim, não é verdade?

Luís Almeida Martins

FOI ASSIM

Foi assim: eu tinha catorze anos e vivia no Porto. Em casa dos meus pais todos os dias se comprava o «Diário de Lisboa», não só porque trazia informação e artigos de opinião que tentavam escapar à malha apertada da censura, mas também porque tinha uma coluna de crítica de televisão assinada pelo Mário Castrim. A RTP de hoje é o que se sabe, mas a daquela época... era o que muitos recordam e outros não conseguem sequer imaginar. Adiante. Quando se dava algum escândalo mais clamoroso de incompetência ou estupidez, um de nós fazia sempre o comentário: «Estou para ver o Castrim, amanhã!». Foi assim que tudo começou.

Eu lia o suplemento «Juvenil», que publicava escritos de jovens aspirantes (ou não) a poetas e escritores. Com a irreflexão própria dos anos, acabava geralmente por considerar que coisas daquelas também eu fazia, se quisesse. Até que um dia o meu pai, talvez já farto do comentário, me disse: «Então faz!». Resolvi aceitar o desafio (como se diz agora a propósito de tudo e de nada). Comecei a escrever poemas e a enviá-los para o «Diário de Lisboa-Juvenil». Todos foram publicados e eu, estimulada pelo sucesso inesperado, ia escrevendo sempre. Começara por ser uma brincadeira e afinal... o caso tornou-se sério!

Nas páginas de «Juvenil» tomei contacto com nomes que mais tarde se tornaram conhecidos, aprendi imensas coisas e fiz novos amigos, com quem troquei correspondência.

Um deles foi o próprio Mário Castrim, que a propósito de uma polémica então surgida me escreveu uma carta mostrando as vantagens de não confundir a pieguice com os sentimentos, nem a literatura com a propaganda de ideias para meninas prendadas. Apontou-me a necessidade de ser autêntica e recomendou-me a leitura de «Uma agulha no palheiro», de Salinger, livro que ainda hoje empresto a quem julga que a autora do Adrian Mole descobriu a pólvora.

Enfim: foram anos bons, foi uma experiência muito rica e marcante. Aos dezoito anos deixei de escrever poemas porque achei que não valia a pena. Mas não deixei de gostar de ler, nem de pensar que vale sempre a pena tentar fazer aquilo em que acreditamos.

E agora como é que se diz?

Obrigada, Mário Castrim!

Maria Adelaide Carvalho

literário

POETAS BALNEARES

In illo tempore - no tempo em que eu andava em Coimbra, já os rapazes que frequentavam a Universidade costumavam passar na Figueira, à volta das férias grandes, os primeiros quinze dias do mês de Outubro.

Iam a Coimbra à matrícula geral, que é logo no princípio do mês; e depois, uns de barco, outros na mala-posta, lá seguiam todos para aquela praia, à espera que se abrissem as aulas.

A Figueira tinha suas vantagens sobre as outras praias. Além de ficar perto de Coimbra, e ser muito animada, era uma óptima estação de aclimação, para os que tinham de ir, como nós, invernar à Lusa Atenas! Ali se encontrava já o verdadeiro *futrica*; ali se viam outra vez as caras dos lentes; ali se defrontava já com bedéis e verdeais; ali, finalmente, começavam as tricanas o seu *réu-réu:*

- Um vinténzinho, Sr. Doutor? Dá um vinténzinho pra café?

A bem dizer, portanto, aquilo era já Coimbra! Ou cheirava tanto a Coimbra, que é como se fosse!

Como trazíamos todos dinheirinho fresco, eram 15 dias regaladíssimos! Ia-se para o melhor hotel, que era então o do Reis, à borda do rio; passavam-se os dias nos cafés; ia-se à caça ou à pesca uma vez por outra; namorava-se à grande, de dia e de noite; faziam-se burricadas monstros até Buarcos: lá vinha às vezes o seu piquenique; botava-se *crónica* em algum jornal

- e de manhã, na praia, era uma arruaça por aquelas barracas!

À noite - Clube.

Ora no Clube, por esse tempo, ainda havia a mania das recitações! O romantismo já tinha passado de moda, é verdade; mas lá aparecia sempre um retardatário - poeta balnear à caça da noiva - que alimentava o fogo sagrado das comoções, recitando com voz desgrenhada - voz de comover sogras! - os versos mais desgrenhados!

Fervia a troça nas salas contíguas, é claro, enquanto as velhas choramingavam; e, no fim, uma comissão de estudantes ia felicitar o «bardo» pelo seu «triunfo» - gabando-lhe muito a versalhada!

- Bravo, sim senhor! - Isso é que é estro!

As senhoras gostavam muito daquilo, e as meninas, principalmente as casadouras; mas uma vez, como as meninas fisgassem a troça, encheram-se de ânimo não sei quantas, e vieram, por pirraça, ter connosco para que recitássemos!

Cada um desculpou-se; alguns largaram a fugir; - não sei como, umas poucas agarraram-se a mim!

- Há-de recitar! há-de recitar!

- Mas, minhas senhoras, nunca fiz versos... Não sei... Não sou poeta...

- Ora não fez! - Ora nâo sabe! - Ora não é poeta! - Há-de recitar! - Há-de recitar!

Pensando que me largariam, desculpei-me que só sabia... a *Morte de D. João*!

Mas elas exultaram:

- *A Morte de D. João*! - Pos há-de ser a *Morte de D. João*!

- Oh, minhas senhoras, mas... (Eu queria-lhes dizer que era forte!)

- Não há *mas*! Temos ouvido que é muito bonita, essa *Morte de D. João*! É do Soares de Passos, não é?

- Sim, muito bonita... É do Junqueiro. Mas... quero dizer... porém... - E desfechava-lhes as adversativas, a ver se me percebiam: Mas... porém... todavia...

Qual? Estava filado!

Sem saber como achei-me no varandim da orquestra, ao lado de um rabecão enorme! Eu suava! - «E agora? Esta só pelos demónios!» - Já o director de sala, nem casaca e gravata branca, batia as três palmas fatídicas: - «Um cavalheiro que vai recitar! -, as senhoras assumiam, risonhas, um ar de galantaria e benevolência, enquanto, ao pé da porta, os homens cerravam grupo, com alguns tacos irrompendo do meio deles, dos que vinham a correr de jogar o bilhar. - Silêncio... - eu arredava, delicado, o rabecão... - Lá dentro, numa sala afastada, ouviam-se, carambolando, as vozes dos parceiros:

-... «Manuel! Não durmas! Duas à preta!»

Os da porta reclamavam silêncio lá para dentro:

- Psiu!

Agora, outros acorriam de todos os lados, percebendo que se ia recitar: - «Quem é? quem é?»

Silêncio....

Limpando as lunetas, lembrava-me aquele verso do *D. João*: - «Fechavam-se tremendo as pétalas da alma.» - A minha alma era uma sensitiva que fechava as pétalas! - «*Esta só plo diabo!*» - Entretanto, fincando sobre o nariz os meus dois vidros, tomei fôlego, e proferi, quase melífluo, carinhoso e compassivo, aqueles versos da *Babilónia*:

...E exposta sobre a rua

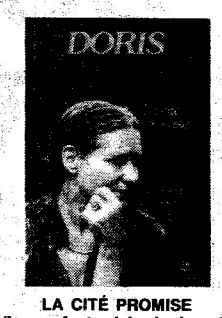
Agoniza chorando a criancinha nua!

... Era bonito! era lírico! saiu bem!... Atentas, as mulheres miravam-me. - Prossegui. Mas daí a instantes, mal rompo na apóstrofe:

DISTRI Cultural
A qualidade da literatura
GRUPO DISTRI

APRESENTA AS SUAS NOVIDADES DE LIVRO DE BOLSO EM LÍNGUA FRANCESA

RUA VASCO DA GAMA,4,4-A — APART. 164 — 2686 SACAVÉM CODEX — TELEFS.: 942 53 94 / 942 56 19



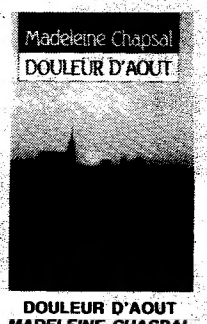
LA CITÉ PROMISE
(Les enfants dela douleur 3)
DORIS LESSING
121434 — 2150$00

Dans ce dernier volet des ENFANTS DE LA VIOLENCE, Martha Quest quitte l'Afrique australe peu aprés la seconde guerre mondiale pour débarquer à Londres, sa véritable patrie inconnue. La misère règne encore dans les quartiers éventrés où elle erre, où elle se sent étrangère. Devant une hostilité latente ou parfois déclarée à l'égard des coloniaux qui n'ont pas souffert, elle cède à la violence d'expérimenter ses propres limites mentales et physiques pour finalment s'intégrer á une frange intellectuelle de la bourgeoisie.

L'HOMME QUI DEVINT DIEU
GERALD MESSADIÉ
122501 — 2050$00

Gerald Messadié a tenté de reconstituer ce qu'avait pu être réellement la vie du Christ, de manière complète, factuelle quasiment minutée. C'est le portrait d'un homme implanté dans une époque bien précise qu'il trace dans cet épais volume. Il fait revivre ceux quil'ont entouré, aimé ou condamné, en essayant de clarifier bon nombre d'éléments restés obscurs. Nous glanons au fil des pages une multitude de renseignements sur la vie à cet époque, ce relance l'intérêt et constitue un arrière-plan coloré et vivant.

GÉRARD MANNONI; LE QUOTIDIEN DE PARIS



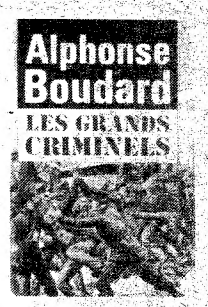
DOULEUR D'AOUT
MADELEINE CHASPAL
122502 — 1090$00

A Paris, la réalisatrice achève dans la fièvre le montage de son film tiré de mon livre: LA MAISON DE JADE.
Quel choc j'ai ressenti, fin Juillet, à découvrir sur l'écran mon grand amour devenu celui dune autre!
La star et son jeune partenaire ont pris notre place, à Bernard et à moi! Je me sens comme dépossédée. Mon analyste m'avait dit: «lâche les choses, garde les mots»

EVA LUNA
ISABEL ALLENDE
122504 — 1420$00

Qu'on ne s'y trompe pas: ce roman musclé, allègre, n'est pas un simple divertissement. Il est de la tradition picaresquè, style GIL BLAS. Le «picaro» apporte désinvoltura et gaieté lá oú les autres se plient et se lamentent. Il met sa fierté á se moquer de l'oppression et cést ce que fait EVA LUNA, ensorcelante héroine.

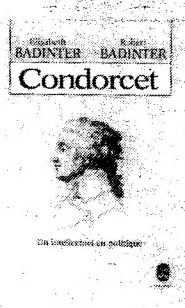
CLAIRE GALLOIS, PARIS MATCH



LES GRANDS CRIMINELS
ALPHONSE BOUDARD
122503 — 1500$00

Bonnot, Landru, le docteur Petitot...«Oncle Alphonse» même l'enquête sur les grands criminels. Tous les lecteurs des romans d'Alphonse Boudard savent qu'il est un conteur-né. Alphonse Boudard a truffé ses histoires d'anecdotes personnelles et de disgressions dans lequel son humour noir fait merveille.

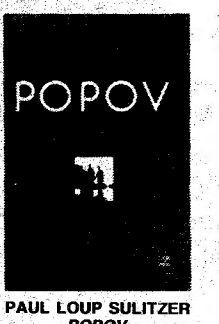
PIERRE DRACHLINE, LE MONDE



CONDORCET
ELISABETH BADINTER / ROBERT BADINTER
121918 — 2110$00

Intellectuel, philosophe, défenseur des Noirs, des Juifs, des femmes, abolitionniste convaincu et militant, et accompagné dans la vie par unne femme aussi belle qu'intelligente, Condorcet ne pouvait qu'attirer le ministre de la Justice qui fait voter l'abolition de la peine de mort, et son épouse, philosophe, féministe et passionnée par le Siècle des lumières.

MICHÈLE GAZIER, TÉLÉRAMA



PAUL LOUP SULITZER
POPOV
121903 — 1320$00

QUI EST POPOV? Sous ce nom russe ordinaire se cache l'homme le plus puissant d'Union Soviètique et peut-être du monde...
QUE VEUX POPOV? De quelle machination infernale est-il le maître incontesté alors que les gouvernements se succèdent sans pour autant restreindre son terrible pouvoir?
POPOV, une histoire haletante dont l'or, le pouvoir et l'amour sont les ressorts. LE PREMIER GRAND ROMAN DE LA GUERRE ECONOMIQUE MODERNE.

LISBOA
Liv. Apolo 70
Assirio Alvim
Liv. Barata
Liv. Bertrand Chiado
Liv. Bibliofila
Liv. Buchholz
Liv. Castil CC Alvalade
Liv. Castil CC Fonte Nova
Liv. Castil R. Castilho
Liv. Classica Editora
Liv. Ferin
Liv. Jornal de Noticias
Distri. Cultural. Amoreiras Loja 2044
Distri. Lojas Av. Roma
Distri. Lojas Marq. Tomar

PORTO:
Liv. Bertrand
Liv. Latina

COIMBRA:
Liv. Bertrand
Liv. Finisterra
Liv. Projornal

SETUBAL:
Liv. Cuisete

ÓEIRAS:
Liv. Palmeiras

ÉVORA:
Nazareth e Filhos

ESTORIL:
Pub. Europa-America

CASCAIS:
Pub. Europa-America

LEIRIA:
Liv. Americana

BRAGA:
Liv. Editora Pax
Distri. Lojas

AVEIRO:
Liv. Bertrand
Liv. Vieira Cunha

FARO:
Liv. Bertrand
Liv. Eduardo J. Silva

LAGOS:
Liv. José Luís Gisela

PORTIMÃO:
Liv. Pac Efisma

literário

Oh, miserável gente,
a alma da mulher, sacrário resplendente...

e começo, por ali abaixo, a despenhar-me, enrolado aos alexandrinos, os alexandrinos enrolados a mim, como serpentes, pregando sem querer um grande murro no rabecão - *Pum*! - vejo os leques começarem a abrir-se, como flores de pudicícia, no ambiente iluminado e logo a agitarem-se febris enquanto, num hausto, enfio a toda a velocidade, silvando, por aquela charneca de vocativos:

Devassos, histriões, inúteis, pretorianos,
Ventres que resumis os Césares romanos...

e o resto por ali fora: - levitas do milhão... graves bezerros d'oiro... espíritos servis... espíritos de lamAa... Falstaff, Satanás, Tartufo, Sganarello... consciência preta... silenos de casaca e Bórgias de roupeta...» - vendo já nessa altura, de pé e bufando, uma velha - atordoada quando, aos ecos atónitos da sala, vibrei, convulso, a terrível injunção:

Vamos, despi o fraque, a máscara, a batina,
Mostrai, desapertai a estupidez suína,
Ponde-vos à vontade!

Foi como quem as enxota, com um tagante, para a saleta acanhada do *Toilette*! Ouvi-as vociferar! Algumas, benzendo-se como sob um trovoada bravia, imprecavam! Mas eu, espicaçado, sentia dentro em mim cóleras de Júpiter! - «Hup! vamos! fulminemos o rebanho!» - E furioso, enraivado, apocalíptico, desfechava-lhes o resto à queima-roupa, como quem despede, numa convulsão, balas, ortigas, calhaus:

A vida é uma farsada!
Por conseguinte é rir...
... a vossa vida impura.
... Tripudiai, sandeus!
....
Vendei a opinião como vendeis as filhas:
Quem dá mais? quem dá mais? É pô-las em leilão!

Fogem as casadoiras, rebocadas, atrás das mães aflitas! - Sigo! Prossigo:

... brutos, sem b maiúsculo!

Corridos, desarvoram os conselheiros, fumegando, enquanto eu, apostrofando, lhes grito, voltado para eles, - soberbo de ironia feroz:

A vossa consciência! Ela que noite e dia
Se anda a espojar na lama dos monturos,
Ela que tinge a face e põe o corpo a juros,
Ela a corar - a vil!

À porta, os estudantes riem como uns perdidos! Tremem, arrepiados, os poetas balneares! Vejo no ar, em pelica branca, as mãos do director de sala, desvairadas - enquanto eu, sem me importar, ameaço as cadeiras desertas:

Hei-de-vos arrancar a máscara postiça,
Ligar-vos com grilhões ao potro da justiça,
Expor-vos à ignomínia!

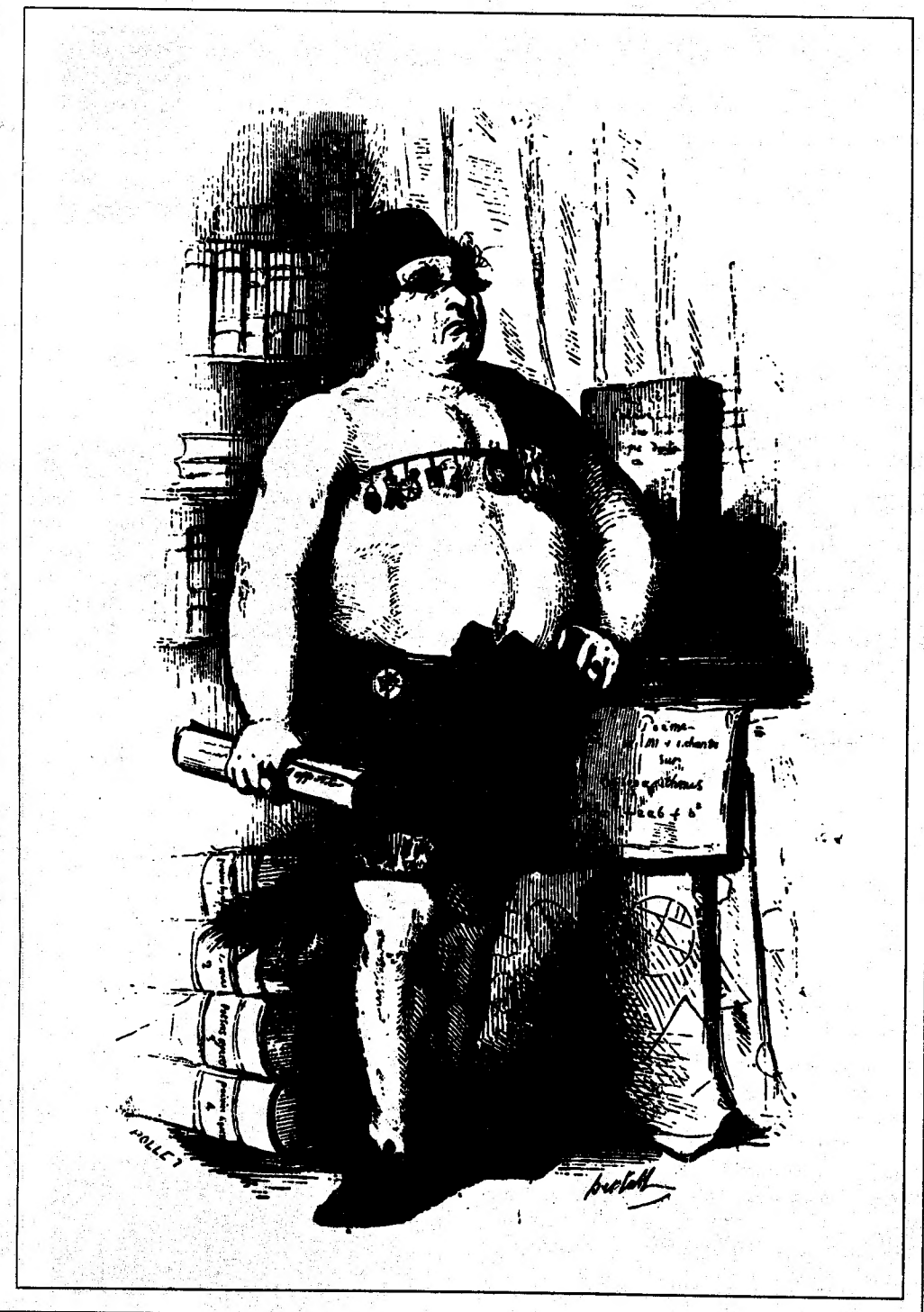
E para um criado, hirto, embasbacado, como quem lhe pede coisas:

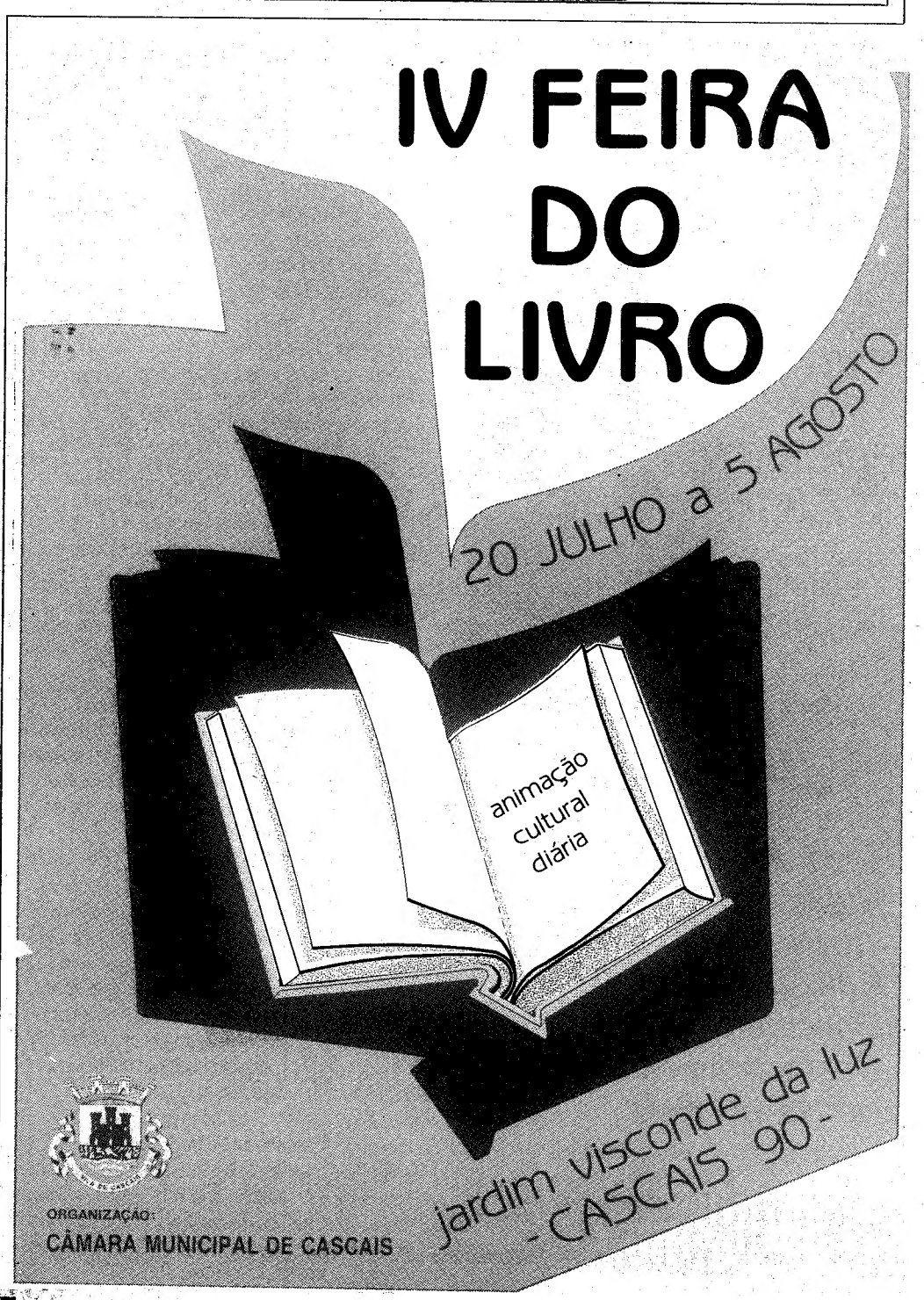
Dai-me versos febris, agudos como espadas,
Dai-me energia, amor, estrelas, entusiasmos,
Dai-me um jorro de luz e um jorro de sarcasmos
Com listrões de sangue! Oh! dai-me tudo isto!

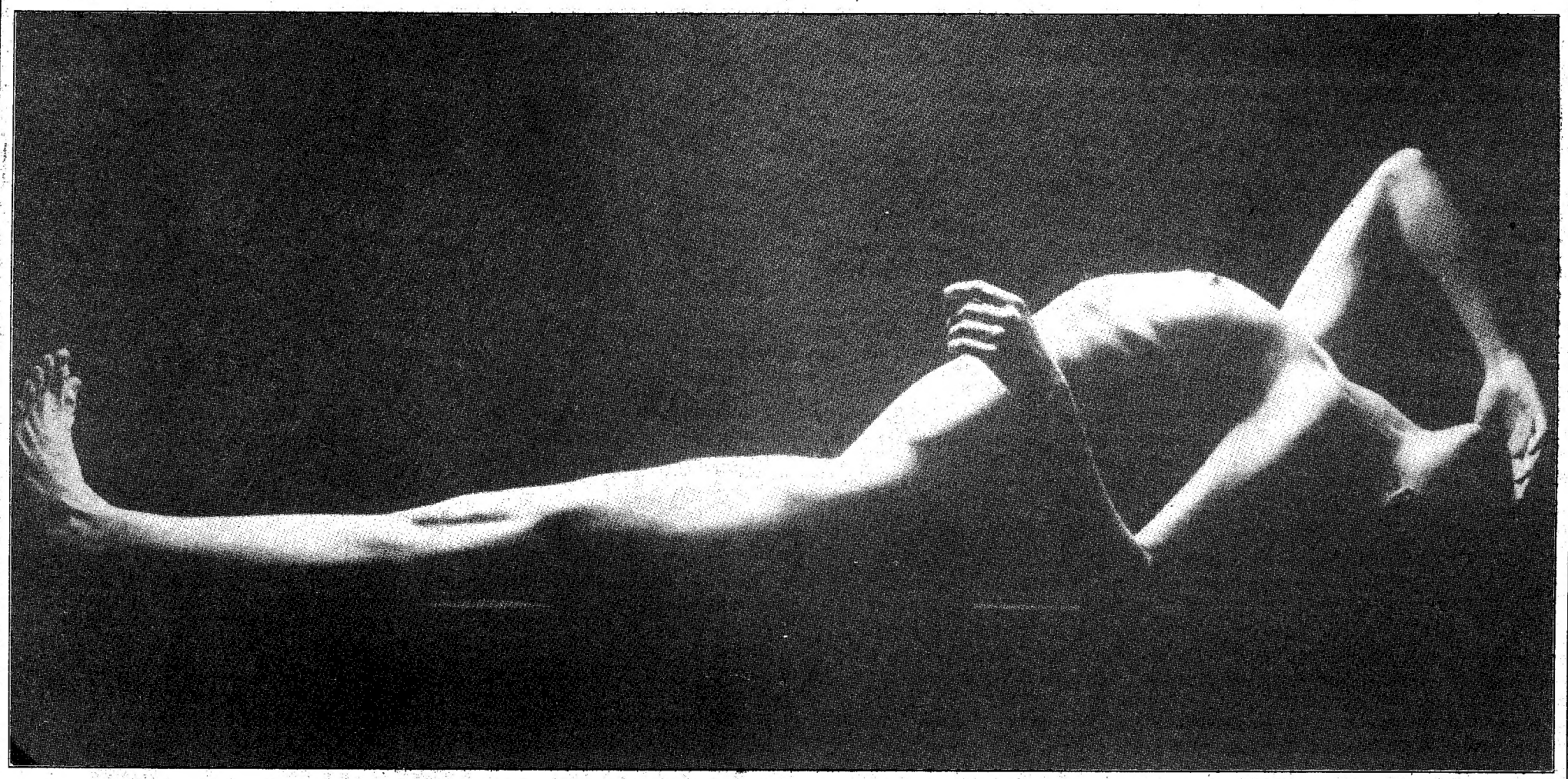
... parecendo-me que o criado, um galego, me respondia em galego, safando-se às gargalhadas:

- *No hay!*

(De In illo tempore)
Trindade Coelho







METÁFORAS DO CORPO

Uma vez nos mares do Pacífico Sul de paradisíacas ilhas, um missionário tentando avaliar a sua obra de cristianização, perguntou a um índigena recém-convertido: «_ *...é a noção de espírito que nós trouxemos para o vosso pensamento?*». Ao que este replicou: «*O espírito? Oh! Vós não nos trouxestes o espírito. Já conhecíamos a existência do espírito... O que vós nos trouxestes foi o corpo*» (Leenhardt, **Do Kamo,**).

O corpo, entidade autónoma, singular e atomizada, concebida como categoria de pensamento, independente da comunidade e da natureza é uma criação do Ocidente.

Sob o princípio da libertação, o corpo torna-se um objecto de culto, que se manifsta no discurso estético, dietético, higiénico, terapêutico, etc., tornando-se um signo de estatuto social, de pertença a um determinado grupo social.

De uma posição de censura, de clausura, de negação do corpo a favor da alma, ou de outro qualquer princípio imaterial - aquele não seria mais do que o simples invólucro do espírito - passou-se, actualmente, na nossa sociedade, à representação do corpo como objecto primordial de investimento e de ostentação, transformando-o numa instância mítica. É-nos atribuída uma posição social pelo estilo de coisas que vestimos, pela elegância

que exibimos, pelo que comemos, pela gravata que usamos, pelo perfume que utilizamos, pelo relógio que ostentamos...., pela forma como nos penteamos, pelo tónus que possuímos, pelo equilíbrio psíquico e físico que aparentamos.

Temos um corpo parcialmente herdeiro da função ideológica da alma. Se nas sociedades camponesas tradicionais o corpo era visto de forma instrumental e pela sua relação à natureza, agora, a sua visão será a de exibição, sujeita ao imperativo social da moda.

A maneira como os homens se organizam entre si e se relacionam com as coisas reflecte-se concomitantemente no calor simbólico atribuído ao corpo. O estatuto do corpo é cultural - é um conceito, é uma ideia. Pensado como objecto, concebido e submetido à lógica social e à sua lógica combinatória de sinais distintivos, oferece-nos campos de significação específicos.

Assim, cada sociedade relaciona-se, diferentemente, com os corpos dos seus membros em função daquilo que, por vezes, chamamos hábitos. Mais, ainda, cada sociedade tem formas específicas corporais de fazer as coisas e de lidar com estas, isto é, possui técnicas corporais específicas. E, não será por acaso, que ouvimos, muitas vezes, dizer que o andar do africano é diferente d europeu, porventura, também será o do urbano diferente do de um camponês. Poderámos citar múltiplos exemplos, desde a maneira de comer, de falar, de olhar, de colocar as mãos, de dormir, de repousar, de vestir, para verificarmos que cada sociedade se relaciona com o corpo dos seus membros de forma específica, diferente. O mesmo se passa em muitas circunstâncias, no seio de uma mesma sociedade, os seus membros conforme se identificam com determinados grupos, adoptam concepções, técnicas e sinais identificadores desses grupos. É o que se verifica com a tatuagem.

Sobre esta matéria, a «a tatuagem», já em 1891, Rocha Peixoto, nos escreve um brilhante ensaio, ilustrado com várias gravuras de tatuagens, agora coligido em conjunto com outros trabalhos etnográficos, na obra **Etnografia Portuguesa** em que nos expõe, de forma actualizada, a importância da sua discriminação, para o conhecimento da tradição popular.

Através de uma descrição pormenorizada e rigorosa deste tipo de mutilação corporal, Rocha Peixoto relata entre povos da antiguidade, o seu uso para identificar grupos sociais, como por exemplo os soldados, os escravos, os prisioneiros de guerra, as castas e seitas religiosas. Assim, assinala o hábito entre os primeiros cristãos de, com intuitos religiosos, tatuarem a cruz ou o monograma de Cristo. Ou entre os exércitos de Roma, no período final do império, os seus soldados serem tatuados com as insígnias do exército a que pertenciam.

Cita múltiplo outros exemplos: o carácter de universalidade geográfica e temporal deste tipo de mutilação corporal, reconhecendo o carácter distintivo entre membros dos vários grupos sociais. Refere os instrumentos e substâncias utilizadas, a sua indelebilidade, as terapêuticas populares perante as patologias decorrentes desta prática e as zonas corporais onde era comum a sua realização. Efectua a sua classificação segundo o carácter da mutilação, subdividindo-as em emblemas profissionais, amorosos e eróticos, religiosos, de metáforas e fantasistas, e inscrições. Mas, o carácter inovador da sua obra, em geral, e deste ensaio, em particular, para a época, é ultrapassar o nível simplesmente descritivo e material desta prática, inserindo-a numa dimensão de totalidade social, sem resvalar em devaneios abstraccionistas e nacionalistas tão caros aos homens do século XIX, tentando adivinhar os seus sentidos sociais.

Rocha Peixoto sobressai no seio dos intelectuais portugueses, pelo carácter iniciador e inovador para a época de todo um tipo de investigação - a Etnografia - fazendo jus a Oliveira Martins e Adolfo Coelho, seus mestres.

(Rocha Peixoto, **Etnografia Portuguesa**, D. Quixote 1990, 427 págs.)

Paulo Casimiro

livraria GALILEU s.a.

pequena **FEIRA DO LIVRO**

ANTIGO, VELHO E USADO

Também encontrará na Galileu as novidades e um stock razoável das principais Editoras Portuguesas. Compramos livros antigos. Deslocamo-nos a qualquer ponto do País.

Horário: das 10 às 23.45 todos os dias, excepto domingos.
Av. Valbom, 24-A, CASCAIS — Telefone 286 60 14